

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KLEVERSON BRUNO GONZALEZ DE AMORIM

OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFESSORES DE
ATIVIDADES CIRCENSES DE CORUMBÁ – MS

Dourados/MS

2021

KLEVERSON BRUNO GONZALEZ DE AMORIM

**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFESSORES DE
ATIVIDADES CIRCENSES DE CORUMBÁ – MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGPsi/UFGD, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Pesquisa em Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Rieveres Borges de Andrade.

Coorientadora: Profa. Dra. Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli.

DOURADOS/MS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A524s Amorim, Kleverson Bruno Gonzalez De

Os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses de Corumbá - MS. [recurso eletrônico] / Kleverson Bruno Gonzalez De Amorim, Gabriela Rieveres Borges de Andrade, Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli. -- 2021.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Gabriela Rieveres Borges de Andrade.

Coorientadora: Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Sentidos do trabalho. 2. professores circenses. 3. atividades circenses. 4. psicodinâmica do trabalho. I. Andrade, Gabriela Rieveres Borges de . II. Flandoli, Beatriz Rosália Gomes Xavier. III. Andrade, Gabriela Rieveres Borges De. IV. Flandoli, Beatriz Rosália Gomes Xavier. V. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



UFGD

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR **KLEVERSON BRUNO GONZALEZ DE AMORIM**, ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “PSICOLOGIA”.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um, às nove horas, em sessão pública, realizou-se na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada “**OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA PROFESSORES DE ATIVIDADES CIRCENSES DE CORUMBÁ-MS**” apresentada pelo mestrando **Kleverson Bruno Gonzalez de Amorim**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Profa. Dra. Gabriela Rieveres Borges de Andrade/UFGD (presidente/orientadora), Profa. Dra. Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli/UFMS (co-orientadora/membro titular), Profa. Dra. Cátia Paranhos Martins/UFGD e Prof. Dr. Edgar Aparecido da Costa/UFMS. Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer ao candidato e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após o candidato ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido o candidato considerado **APROVADO**, fazendo *jus* ao título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**. Os membros da banca abaixo assinados atestam que todos os membros participaram de forma remota¹ desta defesa de dissertação, considerando o candidato **APROVADO**, conforme declaração anexa. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 26 de fevereiro de 2021.

Profa. Dra. Gabriela Rieveres Borges de Andrade/UFGD - * participação remota

Profa. Dra. Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli/UFMS - * participação remota

Profa. Dra. Cátia Paranhos Martins/UFGD - * participação remota

Prof. Dr. Edgar Aparecido da Costa/UFMS - * participação remota

¹ Participação remota dos membros da banca conforme § 3º do Art. 1º da Portaria RTR/UFGD n. 200, de 16/03/2020 e Art. 2º e 5º da Instrução Normativa PROPP/UFGD N° 1, de 17/03/2020

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: __/__/__, PELA PROPP/ UFGD.

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
Assinatura e Carimbo

Dedico esta dissertação...

Aos trabalhadores circenses!

Em especial, aos artistas circenses da cidade de Corumbá – MS.

Agradecimentos

A D'us, por estar comigo ao longo dessa trajetória.

Aos professores de atividades circenses, que participaram desse estudo e confiaram em meu trabalho e na relevância dessa pesquisa. Cada entrevista me fez (re)pensar sobre a categoria trabalho, em especial o trabalho dos artistas. A paixão pelo circo e pelas atividades circenses transmitida nos diálogos é contagiante.

Aos meus pais, por me ensinarem princípios inegociáveis que me trouxeram até aqui e consolidaram minha formação.

Ao meu amigo e companheiro de jornada, Rafael, por me ajudar nos momentos mais difíceis e me incentivar a continuar.

A minha amiga Áquila, que sempre tem palavra de esperança e incentivo, nossa amizade é a prova de que há amigos mais chegados que irmãos.

Ao Reverendo Josenir, por ter me abençoado nesse caminho, liberando sobre mim palavras de vitória.

A minha orientadora, professora Gabriela, que acreditou no meu projeto de pesquisa. Sua compreensão, orientação e ensinamentos foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

A minha coorientadora, professora Beatriz, que aceitou fazer parte dessa pesquisa e trouxe contribuições valiosas.

A professora Cátia e professor Edgar, por contribuírem com questões relevantes que permitiram o aprofundamento das análises e discussões.

Ao secretário do PPGPsi/UFGD, Gustavo de Oliveira Araújo, pela disposição, atenção e ajuda dispensada a todos os acadêmicos.

A todos os professores e colegas do curso, que contribuíram com a minha formação e me incentivaram a continuar.

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de mestrado. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

Resumo

Esta pesquisa de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGpsi/UFGD), na linha de pesquisa Processos Psicossociais, visou analisar os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses. Buscou-se conhecer as vivências/sentidos de prazer e sofrimento que os profissionais atribuem ao trabalho que realizam, tendo como referencial teórico a Psicodinâmica do Trabalho e aportes da Psicologia Social. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa com cinco professores de um Espaço de Atividades Circenses localizado na cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. As entrevistas foram realizadas presencialmente e analisadas a partir de cinco categorias: organização do trabalho; condições de trabalho; relações socioprofissionais; reconhecimento e realização profissional. Os resultados indicam que os professores de atividades circenses vivenciam experiências de prazer e sofrimento no trabalho. As vivências/sentidos de prazer no trabalho estão associadas a liberdade e flexibilidade da organização do trabalho; ao uso da inteligência prática e criativa na realização das atividades; a identificação dos professores com as atividades realizadas; as condições de trabalho favoráveis; as relações socioprofissionais de cooperação e trocas; ao reconhecimento obtido pelos pares e alunos; e ao profundo sentimento de realização pessoal no trabalho. As vivências/sentidos de sofrimento estão associadas à sobrecarga de trabalho entre os professores-sócios; ao baixo salário recebido; à instabilidade profissional; à realização de dois ou mais trabalhos ao mesmo tempo; à dificuldade de acesso a cursos de qualificação profissional; ao não reconhecimento do fazer artístico como um trabalho.

Palavras-chave: Sentidos do trabalho; professores circenses; atividades circenses; psicodinâmica do trabalho.

Abstract

The purpose of this Master's research, carried out in the Psychosocial Processes research line of the Graduate Program in Psychology at the Universidade Federal de Grande Dourados (PPGpsi-UFGD), was to investigate the meanings that teachers of circus arts attribute to their work. Work psychodynamics, with contributions from social psychology, constituted the theoretical framework used to analyze the meanings assigned by these teachers to their experiences of pleasure and distress in the professional setting. To this end, a descriptive, qualitative investigation was conducted involving five teachers from a center for circus arts located in Corumbá, Mato Grosso do Sul, Southwest Brazil. Analysis of face-to-face interviews was based on five categories: work organization, working conditions, socioprofessional relations, professional recognition, and sense of professional accomplishment. Experiences of pleasure were associated with freedom and flexibility in work organization; use of hands-on, creative intelligence in the execution of activities; personal identification with the activities performed; favorable working conditions; socioprofessional relationships of cooperation and exchange; recognition from peers and students; and a deep feeling of personal accomplishment at work. Experiences of distress were associated with work overload (among entrepreneur-teachers); low salaries; professional instability; working two or more jobs concomitantly; poor access to professional qualification courses; and lack of recognition of artistic work as a valid professional practice.

Keywords: meanings of work; circus arts teachers; circus activities; work psychodynamics

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Classificação das modalidades circenses.....	35
Figura 2 – Estruturação metodológica da pesquisa.....	76
Figura 3 – Categorias emergidas na Análise de Conteúdo.....	81
Tabela 1 – Perfil profissional dos professores de atividades circenses.....	94

Lista de Abreviaturas e Siglas

AEC	Antes da Era Comum
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CPAN	Campus do Pantanal
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
EC	Era Comum
FASP	Festival América do Sul Pantanal
GGAC	Ginástica Geral e Atividades Circenses
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MUHPAN	Museu de História do Pantanal
PPGpsi	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
PPT	Psicopatologia do Trabalho
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SM&T	Saúde Mental e Trabalho
UFGD	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Sumário

1. Apresentação	13
2. Introdução: o espetáculo vai começar	15
3. A Arte do Circo: transformação e permanência	20
3.1. <i>Do circo antigo ao circo moderno</i>	21
3.2. <i>O circo-família no Brasil</i>	23
3.3. <i>Para além das lonas: o circo novo</i>	28
3.4. <i>Atividades circenses: entre equilíbrio, acrobacias e encenações</i>	32
4. Trabalho: atividade transformadora	36
4.1. <i>Sentidos do trabalho: da Antiguidade à Modernidade</i>	39
4.2. <i>Sentidos do trabalho no capitalismo contemporâneo</i>	45
4.3. <i>Sentidos do trabalho artístico: a arte é um trabalho</i>	54
5. Psicodinâmica do Trabalho: apontamentos históricos	62
5.1. <i>Sentidos de prazer e sofrimento no trabalho</i>	67
6. Metodologia	76
6.1. <i>Caracterização da pesquisa</i>	77
6.2. <i>Universo da pesquisa</i>	77
6.3. <i>Aspectos éticos</i>	78
6.4. <i>Instrumento da pesquisa</i>	78
6.5. <i>O trabalho de campo</i>	79
6.6. <i>Procedimentos de análise de dados</i>	79
7. Resultados e Análises: dos bastidores ao espetáculo	85
7.1. <i>O cenário, o picadeiro e os artistas</i>	85
7.1.1 <i>O cenário: a cidade de Corumbá</i>	85
7.1.2. <i>O picadeiro, onde a magia acontece: Espaço de Atividades Circenses</i>	90
7.1.3. <i>Os artistas, as estrelas do espetáculo: professores de atividades circenses</i>	92
7.2. <i>Os sentidos de prazer e sofrimento no trabalho: se você tem prazer em trabalhar, você não está trabalhando</i>	96
7.2.1 <i>Organização do trabalho: liberdade e criatividade</i>	97
7.2.2. <i>Condições de trabalho: o corpo, o risco e a insatisfação salarial</i>	106
7.2.3. <i>Relações socioprofissionais: qualquer escola de circo é construída junto</i>	116
7.2.4. <i>Reconhecimento: o circo não é só diversão, é um trabalho</i>	125
7.2.5. <i>Realização pessoal: trabalho é uma coisa que você faz e te satisfaz</i>	132

8. Considerações Finais: o espetáculo está chegando ao fim.....	137
Referências.....	141
Apêndices.....	150

1. Apresentação

Respeitável público! É necessário realizar algumas considerações sobre esta dissertação e as motivações que serviram de sustentação para a realização deste trabalho. De início, gostaria de pedir licença para lançar mão de uma linguagem “não usual” no meio científico, mas possível nos estudos de natureza qualitativa. Portanto, nas próximas linhas desta apresentação, os verbos serão conjugados na primeira pessoa, tendo em vista que, enquanto pesquisador, estive diretamente implicado durante todo o processo de realização deste estudo.

Dito isto, é preciso expor que o tema da presente dissertação começou a ser delineado durante a graduação em Psicologia. Na ocasião, realizei pesquisas em torno da temática trabalho. Tal empreendimento trouxe surpresas gratificantes, permitindo a compreensão do trabalho como atividade exclusivamente humana, através da qual mulheres e homens modificam, transformam e dominam a natureza, isto é, constroem o mundo, dão a ele a sua imagem e vivenciam o prazer da criação. Por outro lado, a depender do modo como o trabalho é organizado, ele pode ser motivo de intenso sofrimento e ocasionar consequências nocivas aos trabalhadores (Codo, 2006).

A partir dessas reflexões percebi que, atualmente, o trabalho, em sua forma de emprego, parece ter se tornado – para a maioria dos empregados – um fardo que não pode ser deixado, pois é escasso, e dele depende a própria sobrevivência. A famosa *hashtag* “sextou”, intensamente presente nas mais diversas redes sociais, parece ser a evidência nítida desta constatação, como se a felicidade e o prazer estivessem reservados para os finais de semana, enquanto o labor e o sofrimento para os demais dias. Seria a tese judaica da “maldição” do trabalho verdadeira, ou as organizações do trabalho extremamente perversas?

Diante desse panorama recordei do circo, do seu encanto e de todas as risadas que as apresentações circenses já me propiciaram. Mas também indaguei o que haveria nos bastidores, no momento em que as cortinas se fecham. Será que o trabalho desses profissionais se resume a satisfação, alegria e diversão? Na ocasião, não fui capaz de responder a essas questões, pois havia um caminho a trilhar – o trajeto da pesquisa.

Assim, por meio deste movimento de reflexões e inquietações, surgiu o tema da presente dissertação e o desejo de conhecer o contexto de trabalho de professores de atividades circenses. Nessa trajetória, evidenciou-se apontamentos e atravessamentos, muitos dos quais ainda necessitam de mais estudos. Portanto, há muito trabalho a ser feito. Todavia, posso adiantar que foi possível “descobrir” através desta pesquisa que o circo e o trabalho são mágicos. A magia

do circo converte a tristeza em alegria; a magia do trabalho transforma a natureza e o ser humano.

Por último, é importante enfatizar que esta dissertação foi produzida em meio à pandemia de Covid-19. Esse momento singular impacta diretamente todas as esferas da vida humana e diversas categorias de trabalhadores, entre essas, os artistas, circenses ou não, manifestam-se a respeito das dificuldades que atravessam e fazem suas reivindicações. Esses mesmos profissionais têm nos livrado da loucura de uma realidade insana, de uma política/Estado doente, covarde, e que nos afeta, inquieta e incomoda. Certamente, no momento peculiar que atravessa a humanidade, o contexto de produção deste estudo não é dos melhores, mas desejamos que esta pesquisa possa reforçar o valor e a importância dos professores circenses.

A dissertação está subdividida em cinco seções. Inicialmente, uma introdução, na qual será realizada uma breve apresentação teórica do tema e dos objetivos da pesquisa. Na sequência, o referencial teórico. Esta etapa foi subdividida em três partes: primeiramente faremos um panorama da história do circo, em seguida serão apresentadas algumas reflexões sobre os sentidos do trabalho e, por último, o referencial da Psicodinâmica do Trabalho. Acreditamos que essa sequência facilitará a compreensão sobre o trabalho e seus sentidos, como também permitirá a análise dos sentidos do trabalho para professores de atividades circenses.

A terceira seção apresenta o caminho metodológico e a caracterização da pesquisa, bem como os critérios de seleção dos participantes e os procedimentos de coleta e análise de dados. A seção seguinte apresenta os resultados.

As considerações finais tecem os últimos apontamentos sobre este trabalho.

2. Introdução: o espetáculo vai começar

Na presente dissertação, objetiva-se conhecer os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses da cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Busca-se apreender as vivências/sentidos de prazer e sofrimento que os profissionais atribuem ao trabalho, tendo como referencial teórico, principalmente, a Psicodinâmica do Trabalho e aportes da Psicologia Social, considerando os atravessamentos e a complexidade que envolvem o constructo do trabalho.

Esta investigação parte do pressuposto de que o trabalho é essencialmente humano, proposital e consciente. É por meio dele que mulheres e homens se diferenciam da natureza, constroem a sociedade e a si mesmos. O trabalho possibilita a dupla transformação: do trabalhador e da natureza; ao mesmo tempo em que dá origem a algo novo também (re)cria o mundo. Através do trabalho – da modificação da natureza –, o ser humano constrói novas histórias, habilidades, conhecimentos e relações sociais, portanto, se faz um autêntico ser social (Codo, 2006; Lessa & Tonet, 2011).

Se o trabalho viabiliza a existência social, é verdadeiro que ela não se restringe somente a este. O trabalho é elemento importante na construção da identidade dos sujeitos, por meio dele o trabalhador se sente vivo, ativo, projeta o futuro e se reconhece como um agente social moralmente aceitável. Por esse motivo, muitos trabalhadores se submetem a trabalhos precários, pois ele é mais que um simples meio de subsistência/sobrevivência (Codo, 2006; Organista, 2006).

Estudos, em diferentes campos do conhecimento, apontam para a diversidade de sentidos que o trabalho adquire para os sujeitos no capitalismo contemporâneo, sendo ora compreendido como fonte de satisfação, prazer e emancipação, ora de angústia, sofrimento e alienação. Essas investigações evidenciam que o trabalho é um importante aspecto na vida dos trabalhadores, todavia, sob a forma de emprego, está cada dia mais precário (Albornoz, 2008; Amaral, 2012; Antunes, 2005; Blanch, 1996; Codo, 2006; Codo, Sampaio, & Hitomi, 1993; Gaglietti, 2007).

Contudo, o trabalho possibilita a construção do próprio sujeito e demanda o uso da inteligência (prática/criativa), que capacita o trabalhador no enfrentamento dos imprevistos cotidianos que escapam as prescrições realizadas pelas organizações do trabalho. O trabalho pode então ser definido como uma atividade, isto é, aquilo se faz diariamente no exercício da profissão para fazer frente ao real (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Dejours & Molinier, 1994/2011).

Para a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalhador é considerado um sujeito ativo, reflexivo, que pensa sobre o trabalho, reage e organiza-se física, mental e afetivamente com base nas suas interpretações. É através do sentido atribuído ao trabalho que as condutas dos trabalhadores são organizadas. Assim, o trabalho não é apenas um espaço de investimento subjetivo e de ganho material, mas também de construção de sentidos. Esse processo remete diretamente ao contexto de trabalho, as experiências pregressas e as expectativas dos sujeitos (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

A Psicodinâmica lança luz sobre os contextos de trabalho em suas três dimensões: organização, condições e relações socioprofissionais. Compreende que cada contexto é único e apresenta problemas e desafios específicos. De um lado pode favorecer o engajamento da subjetividade e a utilização do potencial do trabalhador, de outro, pode obstruir a liberdade e impossibilitar a ressignificação do sofrimento. O trabalhador pode vivenciar o prazer através da sublimação ou por meio da transformação do sofrimento em criatividade, em prazer (Mendes, 2007a; Mendes 2007b; Mendes, 2008).

O destino do sofrimento dependerá da forma como o trabalho é organizado. Se esta organização permitir que o trabalhador possa rearranjar seu modo operatório, utilizar a inteligência prática, isto é, se mobilizar subjetivamente e com isso obter reconhecimento, o sofrimento será inscrito como sofrimento criativo e o trabalho se tornará uma via para o prazer e autorrealização. De outro modo, quando a relação dos sujeitos com a organização do trabalho é impossibilitada e qualquer possibilidade de rearranjo é anulada, o trabalho se tornará fonte de insatisfação e desprazer, neste caso, o sofrimento poderá ser inscrito como patogênico (Martins, Moraes, & Lima, 2010; Mendes & Araújo, 2010).

Destarte, é possível ao trabalhador vivenciar prazer e/ou sofrimento no trabalho. Esse destino será traçado pelas possibilidades ou impossibilidades presentes no contexto de trabalho – na organização do trabalho. É importante ressaltar que a Psicodinâmica considera o estudo do sofrimento um fator importante, mas se interessa também pelo prazer no trabalho, ou seja, pelas condições nas quais o trabalho pode ser fonte de satisfação, e contribuir positivamente para a construção da saúde, do bem-estar e da autorrealização do trabalhador. Prazer e sofrimento são compreendidos como sentidos do trabalho (Dejours, 2017; Mendes, 2007a).

As investigações sobre os sentidos do trabalho concluem que este é essencial e indispensável para a sociedade. Por meio do trabalho os sujeitos encontram a possibilidade de conhecer pessoas, garantir a subsistência e ter um objetivo na vida. Esses estudos ressaltam que o trabalho com sentido possibilita um resultado útil, as execuções das atividades geram prazer,

satisfação e permitem o exercício do pensamento e da criatividade. O trabalho deve ainda propiciar aprendizagem contínua, aperfeiçoamento profissional, segurança, autonomia, reconhecimento e a utilização do potencial e das habilidades (Morin, 2001; Morin, 2002; Morin, Tonelli, & Pliopas, 2007; Silva & Tolfo, 2012; Tolfo & Piccinini, 2007).

Nessa direção, pesquisas sobre os sentidos do trabalho com artistas circenses têm demonstrado que estes profissionais se sentem úteis, se identificam com o trabalho, aprendem através da convivência e das trocas. Os artistas relatam que possuem autonomia e liberdade para realizarem o trabalho com criatividade. Por outro lado, a grande maioria desses profissionais trabalha na informalidade – o acesso aos direitos trabalhistas é precarizado. Assim, o trabalho de artistas circenses tem evidenciado que estes profissionais vivenciam prazer e sofrimento na realização cotidiana de suas atividades (Colet & Mozzato, 2019; Werner, Girelli, & Dal Magro, 2017).

Cabe enfatizar que o sentido do trabalho é diretamente influenciado pelo modo como o trabalho é organizado. É a organização do trabalho que deve oferecer ao trabalhador a possibilidade de realizar tarefas que tenham sentido, sejam gratificantes e tragam satisfação. Desse modo, colocar em debate os sentidos do trabalho no mundo contemporâneo é também refletir sobre a centralidade e relevância do trabalho na constituição dos sujeitos trabalhadores (Mendes & Morrone, 2002; Araújo & Sachuk, 2007).

Isto posto, e considerando a existência de espaços especializados na transmissão das artes circenses, e reconhecendo as particularidades e importância do trabalho realizado por profissionais que atuam no ensino das atividades circenses na cidade de Corumbá, interior do Estado de Mato Grosso do Sul, buscou-se responder à seguinte questão: **quais os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses?** Com o propósito de buscar respostas ao problema de pesquisa, definiu-se como objetivo geral: **analisar os sentidos do trabalho para professores de um Espaço de Atividades Circenses da cidade de Corumbá – MS.**

Com base no objetivo geral e nas reflexões propostas pela Psicodinâmica do Trabalho, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as expectativas e trajetórias profissionais dos participantes do estudo.
- Conhecer o contexto de trabalho dos professores de atividades circenses nas dimensões: organização de trabalho; condições de trabalho; e relações socioprofissionais;

- Identificar e analisar as vivências/sentidos de prazer e sofrimento que os profissionais atribuem ao trabalho que realizam no Espaço de Atividades Circenses;

A realização desta investigação mostrou-se relevante no âmbito acadêmico e social, pois os resultados obtidos agregam questões e podem estimular novas pesquisas científicas na área, tendo em vista que há poucos estudos no Brasil com professores de atividades circenses. Todavia, diversos trabalhos sobre o circo e as atividades circenses encontram-se disponíveis: Bolognesi (2003); Bortoleto e Machado (2003); Duprat (2007); Ferreira, Bortoleto e Silva (2015); Foguel (2016); Torres (1998). Como também há alguns estudos sobre os sentidos do trabalho para artistas circenses: Colet e Mozzato (2019); Werner, Girelli e Dal Magro (2017); Souza e Júnior (2015).

Por meio de buscas nas bases de dados Scielo, Pepsic e no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em agosto de 2020, foram encontrados muitos trabalhos sobre circo e atividades circenses no ensino, principalmente na área da educação física, mas não foram detectados trabalhos que analisassem a atividade de professores circenses a partir da Psicodinâmica do Trabalho. Esta pesquisa tem seu ineditismo ao aplicar conceitos advindos da Psicodinâmica do Trabalho para compreender a atuação de um grupo pouco estudado e que pode, a partir das suas especificidades, ajudar a compreender outros grupos com atividades semelhantes, tais como atores, dançarinos, entre outros.

No nosso entendimento, o olhar da Psicologia visa humanizar e amplificar as lentes sobre a diversidade e complexidade dos fenômenos humanos, inclusive os ligados às experiências laborais. A presente pesquisa pretende contribuir para expandir o conhecimento científico sobre a temática, favorecendo apontamentos que conduzam não somente ao debate acadêmico, mas à busca de soluções para questões locais/organizacionais. Tal constatação indica a relevância acadêmica e social desta dissertação, como também evidencia o compromisso ético, político e social com a profissão, tendo em vista que a Psicologia pode contribuir de forma efetiva com demandas relacionadas ao mundo do trabalho. Todavia, é necessário que os pesquisadores se inquietem diante das múltiplas realidades experienciadas pelos trabalhadores, sobretudo aquelas que conduzem ao sofrimento.

Por fim, neste estudo, as portas de um Espaço de Atividades Circenses se abrem, o pesquisador adentra ao picadeiro, se encanta com as artes circenses, mas não perde de vista os bastidores – local onde o processo de trabalho acontece. Convidamos o leitor a conhecer,

através do processo criativo da escrita e da pesquisa, o trabalho de professores de atividades circenses de Corumbá – MS. Adiantamos que este caminho é mágico e atravessado por vivências de sofrimento, contudo, o prazer, a superação e a alegria prevalecem sobre as experiências de sofrimento. O trabalho de professores de atividades circenses é um trabalho pleno de sentido.

Bem-vindo ao Espaço de Atividades Circenses!

Bem-vindo ao Circo!

3. A Arte do Circo: transformação e permanência

O circo é, portanto, uma das imagens mais completas da estranha representação da vida, do destino estranho do homem sobre a terra. O dono do circo é Deus. A arena (...) é o palco do mundo ali desfilam (...) o cortejo do rebanho humano – os reis, atores trágicos, dançarinas, mágicos, palhações e saltimbancos que somos nós (Foguel, 2016, p. 09).

No espetáculo circense o corpo do artista mostra toda a sua potencialidade. Ele se desnuda para revelar no espetáculo a sua grandeza. Riso e fracasso, descontração e possibilidade de queda são componentes extremos que embasam o espetáculo de circo (Bolognesi, 2003, p.45).

O circo é contemporâneo, inovador e agregador de diversas linguagens artísticas. Mais que um produto de entretenimento, o circo é resultado de um processo elaborado e complexo de formação. Através de seu caráter lúdico, o espetáculo circense atrai e encanta crianças, jovens e adultos ao redor do mundo. Sendo uma expressão artística que objetiva o entretenimento, é parte da cultura popular, seu conceito é mágico e sobrevive ao tempo. A história do circo traz a marca da aventura, da descoberta, do esplendor e da glória (Foguel, 2016; Torres, 1998).

O circo, apesar da sua longevidade e de ser parte de diferentes culturas ao redor do mundo, pode ser tido como secundário diante das demais atividades artísticas. Um espectador precipitado pode correr o risco de categorizá-lo como inferior, desqualificando-o. Destarte, o que se pode observar na historicidade do circo é que as artes circenses sobrevivem ao tempo produzindo sorrisos e belezas, contagiando a todos por onde passa (Abreu, 2007).

O circo tem a capacidade de proporcionar aos espectadores um registro emocional único. Nessa direção, teóricos do circo, que serão apresentados a seguir, fazem um paralelo entre as emoções suscitadas pelas artes circenses e a vida, pois o espetáculo circense provoca emoções contraditórias – suscita risos, mas também aflição diante do possível insucesso do número apresentado pelos artistas. Risos e fracassos se fazem presentes nas atrações circenses, como nos desafios diários da vida (Bolognesi, 2003).

Portanto, o espetáculo do circo descortina o cotidiano e revela beleza e perfeição, mas também não esconde o grotesco. Tais contradições são inerentes à vida humana, pois viver é estar no palco, é experimentar do frio na barriga diante dos desafios, da tristeza diante do fracasso e da alegria com a chegada. No espetáculo da vida é preciso ser resiliente e reinventar, ser espectador e protagonista, ser mestre e aluno, por vezes, ser peregrino sem perder os laços.

Definitivamente, há muito que se aprender com o circo.

3.1. *Do circo antigo ao circo moderno*

Embora nossa intenção não seja abordar de maneira extensa a história do circo¹, acreditamos oportuno contextualizar brevemente essa prática milenar.

De acordo com Foguel (2016), há evidências de que as artes circenses surgiram na China, onde foram encontrados achados arqueológicos de mais de 5000 anos. As pinturas descobertas retratavam equilibristas, contorcionistas e acrobatas. Na sociedade chinesa a acrobacia era utilizada como um treino para as batalhas, atividade que exigia dos guerreiros agilidade, força e flexibilidade, requisitos necessários para um bom combatente.

Em 108 antes da Era Comum (AEC), os chineses realizaram uma grandiosa festa homenageando visitantes estrangeiros. Nesta celebração acrobatas realizavam apresentações extraordinárias, surpreendendo e encantando o imperador, que ordenou que todos os anos tais apresentações se repetissem no Festival da Primeira Lua. A partir de então, anualmente as atrações foram enriquecidas com números de equilíbrio sobre corda bamba, magia, engolir fogo e dança de espada. Até hoje algumas dessas atrações fazem parte do circo (Torres, 1998).

Não é fácil definir com precisão a data de origem dos espetáculos circenses no chamado ocidente, mas pode-se conjecturar que as raízes do circo estão nos hipódromos e nas Olimpíadas da Grécia Antiga. Nos hipódromos, os guerreiros gregos conduziam os adversários e os animais exóticos trazidos das batalhas, estes animais validavam as longas distâncias percorridas pelos generais. Nas olimpíadas, os atletas realizavam disputas acrobáticas, de saltos e corridas. Os gladiadores executavam jogos malabares com objetos grandes e pesados, visando demonstrar força física (Bolognesi, 2003).

Essas práticas gregas foram impulsionadas no Império Romano. Em Pompeia, no ano 70 AEC, havia apresentações de pessoas com talentos e habilidades incomuns, em um grande anfiteatro. Por volta dos anos 60 AEC, surgiu o Circo Máximo de Roma, onde eram realizadas as perigosas corridas de carruagens, um esporte popular entre os romanos. Este circo foi destruído em um incêndio e, em 40 AEC, Júlio César empreendeu a sua reconstrução, substituindo-o pelo Coliseu, onde eram apresentadas excentricidades, engolidores de fogo, gladiadores, entre outras atrações (Torres, 1998).

De acordo com Bolognesi (2003), a origem dos espetáculos do circo romano estava alicerçada nos princípios religiosos e nas festas públicas, nas quais se exibiam corridas de carros

¹ Descrições mais detalhadas sobre história do circo, no mundo e no Brasil, podem ser encontradas nas obras de Torres (1998), Bolognesi (2003), Duprat (2007), Foguel (2016).

e atletismo. O circo romano tinha a função de distrair, divertir e evitar a revolta populacional, dando a esta a possibilidade de fuga e de escape para os seus descontentamentos, de modo que os cidadãos não se lembrassem dos constantes problemas que enfrentavam. Destarte, enquanto existisse “pão e circo”, o Império Romano estaria salvo das manifestações populares. O circo em Roma é marcado pela conexão entre os jogos, a religião e o Estado, um projeto político alicerçado no divertimento e na religião.

No entanto, entre 54 e 68 na Era Comum (EC), com a perseguição aos cristãos a arena do Coliseu passou a ser palco de eventos sangrentos. Neste local, os cristãos eram jogados para serem devorados pelas feras. Com o sangue inocente jorrando nas arenas cresceu o desinteresse pelas atividades circenses, o que perdurou muito tempo. Assim, os artistas, por séculos, passaram a improvisar seus espetáculos em feiras, praças e entrada das igrejas (Torres, 1998). Surgia, então, o espetáculo itinerante realizado pelos saltimbancos. Estes grupos de artistas populares viajavam pelas cidades da Europa realizando suas apresentações de malabarismo, ilusionismo e equilibrismo. Embora os anfiteatros dos circos da Antiguidade não fossem mais construídos, as artes circenses se mantiveram vivas (Foguel, 2016).

O circo moderno, com a estrutura que vemos hoje, foi criado e sistematizado em Londres pelo suboficial Philip Astley no século XVIII, no ano de 1770. No entanto, é preciso dissociar as artes circenses do circo, pois,

As artes circenses, como a dança e o canto, têm origem no sagrado, naquelas representações onde se permitia essa loucura que é a arte. Além, claro, da sua relação com as práticas esportivas. Já o circo, como nós conhecemos, um picadeiro, lonas, mastros, trapézios, desfiles, animais exóticos e suas jaulas, isso para não citar a pipoca e o algodão doce, é a forma moderna de antiquíssimos entretenimentos de diversos povos e culturas (Torres, 1998, p. 16).

Nota-se que as artes circenses são anteriores ao circo. Dos chineses aos romanos, ela se mantém viva há pelo menos 5000 anos. Philip Astley, o pai do circo moderno, um ilustre cavaleiro britânico, foi o responsável pela estruturação do circo como conhecemos hoje, ou seja, um espetáculo pago, com picadeiro, palhaços, rufar dos tambores e atrações variadas. O circo de Astley foi concebido a partir de apresentações com cavalos em um picadeiro circular, pois realizar acrobacias e manter-se em pé cavalcando era mais fácil se realizado em um círculo perfeito. O sucesso do espetáculo de Astley fez com que este chegasse à França em 1772 (Torres, 1998).

Segundo Bolognesi (2003), os primeiros circos não eram itinerantes e se fixavam nas grandes cidades. Os espetáculos circenses se destinavam à aristocracia e aos militares, contudo,

com a ampliação da plateia, Astley necessitou adicionar ao espetáculo a acrobacia e em seguida outros números provenientes das feiras. Neste momento, a arte equestre e arte popular das feiras se aproximaram e tal fusão modificou as características do circo, atribuindo a este o nomadismo e a diversidade de atrações, possibilitando o nascimento do espetáculo circense com características que perduram até hoje.

Salienta o autor,

O circo também manifestava sua predileção pelo risco e pelo impossível, dando asas à imaginação, ignorando as barreiras entre o sério e o risível, entre o trágico e o cômico. Ele incorporou valores antagônicos em um mesmo espetáculo e, ao contrário da valorização dos atos intelectualistas do espírito, próprio dos clássicos, o circo propôs o corpo como princípio espetacular, vindo assim ao encontro da tão almejada valorização do eu. O espetáculo circense expôs e valorizou as sutilezas da anatomia humana, quer seja pela via do sublime, quer pela do grotesco (Bolognesi, 2003, p. 43).

No século XIX, o circo inglês, motivado pela prática itinerante dos artistas circenses, rompeu as fronteiras geográficas, chegando aos Estados Unidos da América, Buenos Aires e Rio de Janeiro (Torres, 1998). Com a saída do espetáculo circense dos limites europeus, o que se observa historicamente é que o circo estava se consolidando e atraindo cada vez mais público, era um empreendimento, uma empresa lucrativa, que vendia não só o espetáculo, mas sonhos, risos e alegria.

3.2. *O circo-família no Brasil*

Entre o século XIX e XX, os espetáculos circenses da Europa se expandiram para diversos países. Em terras brasileiras, o circo viveu sua melhor fase no século XIX, quando até os imperadores se tornaram espectadores desse grande espetáculo. No entanto, tem-se registro no Brasil de que as apresentações circenses já eram realizadas no século XVIII, em espetáculos produzidos por pequenos grupos de ciganos expulsos da Europa. Estes artistas percorriam as cidades brasileiras apresentando atrações que integravam ilusionismo, doma de ursos e demonstração com cavalos. As atrações eram adaptadas conforme a preferência da comunidade local, e as exibições que não conquistavam o público eram retiradas. Esses dados revelam que antes do circo ser sistematizado por Astley, a arte circense já estava presente em solo brasileiro (Duprat, 2007; Foguel, 2016; Torres, 1998).

Com a chegada do circo europeu ao Brasil, diversos artistas e famílias circenses passaram a residir no País, fato que deu ao circo brasileiro a característica de organização

familiar. A permanência dessas famílias lançou as bases para a construção de um modo particular de se fazer circo durante o século XIX e início do século XX. Vida e trabalho tornaram-se indissociáveis, pois sob a lona os artistas aprendiam a profissão e eram preparados para a vida em uma formação generalista. A construção social do circo fez surgir também relações sociais próprias, resultantes do processo de socialização entre as famílias circenses (Silva & Abreu, 2009).

Os artistas circenses recém-chegados ao Brasil não encontraram estruturas mínimas para a apresentação de seus espetáculos em um recinto fechado que possibilitasse a cobrança de ingressos, como ocorria na Europa. Alguns artistas se apresentavam em feiras, praças, festas populares e teatros, outros desenvolveram estruturas parecidas com o modelo arquitetônico do circo europeu, denominadas aqui de circo de pau fincado. Essas características refletem a intensa capacidade de adaptação e autoinvenção do circo (Silva, 2008).

Todavia, independente do projeto arquitetônico e da estrutura montada, o requisito básico do circo brasileiro era o da organização familiar. Os circenses ou nasciam no circo ou a ele se aliavam. Os agregados tinham como condição básica de permanência a aprendizagem das artes circenses (Silva & Abreu, 2009).

O espetáculo realizado no circo do século XIX trazia a marca da diversidade artística dos saltimbancos. Os circenses articulavam diversas expressões artísticas mesclando apresentações acrobáticas, equestres, danças, teatro e palhaços. No entanto, a divisão de atrações tratava-se apenas de formalidades, pois o artista circense era ao mesmo tempo acrobata, trapezista, músico e ator. As apresentações com cavalos não tiveram o destaque e a valorização que tinha para a sociedade aristocrática europeia, mesmo os animais adestrados só foram incorporados como atração principal do circo no século XX (Foguel, 2016).

Para Silva e Abreu (2009), as famílias circenses europeias trouxeram junto com as artes do circo a prática de transmissão oral desses conhecimentos. Os artistas, embora se organizassem de modo singular em cada lugar por onde passavam, não deixavam de lado o modo de transmissão familiar, coletiva e oral dos saberes. Dessa forma, o conhecimento das artes circenses ficou restrito às companhias familiares que se tornaram verdadeiras guardiãs de um saber. O circo se consolidou como uma escola, como circo-família².

O circo-família é conhecido também como circo tradicional, essa descrição faz referência à organização familiar de companhias que se mantinham através da transmissão oral

² Discussões mais detalhadas sobre a história do circo-família no Brasil podem ser encontradas na obra de Silva e Abreu (2009).

de seus saberes. Ser tradicional era fazer parte de um modo característico de fazer circo, como também era necessário ter aprendido o conjunto de saberes que envolvem a profissão. Portanto, ser tradicional não significa apenas ser pioneiro, mas ter passado pelo processo de aprendizagem e transmissão oral das práticas e saberes circenses (Silva & Abreu, 2009).

De acordo com Silva (2008), o circo-família até metade do século XX possuía alguns atributos definidores como: o nomadismo, a formação coletiva e familiar do artista, alicerçada na transmissão oral dos saberes e na formação integral que não se restringia à especialização de um número ou atividade, mas à totalidade de um processo gradativo de socialização, aprendizagem, formação e diálogo com outras expressões artísticas. Essas características tiveram valor de sobrevivência e de preservação da cultura e linguagem circense.

A transmissão oral dos saberes circenses fez do circo-família uma escola permanente alicerçada na formação integral do artista. O artista formado por essas companhias não só realizava diversos números e apresentações artísticas, mas também detinha conhecimento e prática de eletricidade, mecânica, relações públicas, entre outras funções que compunham o *know-how*, o saber-fazer de um artista circense em seu processo de aprendizagem integral. O circo-família não deslocava para a educação formal a responsabilidade pela formação e qualificação profissional de seus componentes (Silva & Abreu, 2009).

O processo de socialização, formação e aprendizagem no circo tradicional se iniciava no nascimento. As crianças aprendiam desde muito cedo o ofício e arte de “ser circense”, elas eram depositárias do saber. A formação generalista não conduzia à especialização, mas abarcava todos os processos que envolviam o fazer de um artista circense, como armar e desarmar o circo, elaborar e executar os números. O preparo também envolvia conteúdos sobre estratégias para o deslocamento do circo e sobre a vida nas cidades. A formação artística objetivava não só a preservação da tradição, mas a formação de um futuro mestre (Bolognesi, 2003).

Contudo, nem todas as crianças eram consideradas aptas para aprenderem números de risco, seja por limitações físicas, ou mesmo por não estarem dispostas a realizarem tais atrações. Embora minoria, essas crianças não eram excluídas do processo, muito menos do grupo, antes aprendiam outros números, pois sempre havia alguma função a ser desenvolvida, seja na bilheteria ou na atuação de peças teatrais. A formação da criança no circo-família era responsabilidade de todos (Silva & Abreu, 2009).

De acordo com Ferreira, Bortoleto e Silva (2015), a conservação do modo singular de organizar o trabalho e o espetáculo circense foi garantida através da transmissão coletiva dos

saberes às gerações seguintes, ou seja, a continuidade da arte circense dependia do contínuo processo de ensino-aprendizagem. Com a transmissão oral das práticas circenses, a arte do circo foi sendo repassada de geração a geração ao longo dos séculos. Segundo Silva e Abreu (2009, p. 25), “esse saber, essa arte ancestral e única que é o circo, só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola”.

Na década de 1940 a 1950, o método de transmissão dos saberes circenses alterou-se significativamente em decorrência das mudanças na forma de organizar o trabalho e de realizar o processo de socialização, formação e aprendizagem da criança. Essas metamorfoses fizeram surgir novas formas de produção do espetáculo e do artista circense, afetando não só o circo de variedades, mas o circo-teatro, no qual peças teatrais de diferentes gêneros são apresentadas (Silva & Abreu, 2009).

Desse modo, a educação formal, e não mais sob a lona, passou a ser fonte de preocupação para as famílias circenses que vivenciavam um novo modelo de organização do trabalho que impactava diretamente o modo de vida e de viver no circo. As famílias que compreendiam que seus filhos deveriam receber uma educação formal tratavam logo de fixá-los em uma cidade, às vezes com algum parente que já não acompanhava mais o circo em seu nomadismo. As crianças matriculadas em uma escola formal e que se fixavam nas cidades, não mais seriam portadoras de todas as habilidades e qualificações de um artista circense e muitas não seguiram a carreira artística (Silva, 2008).

Este processo, até então inconcebível, engendrou novos modos de organização do trabalho e de aprendizagem. O grupo familiar que permaneceu no circo não mais partilhou coletivamente os saberes preservados na memória. Nascia “outro ser circense”, diferente daquele que foi concebido por meio da transmissão oral do saber de geração a geração. Este “outro ser circense” experimentou do rompimento desse modo de transmissão dos saberes (Silva, 2008).

O circo-família deixa de existir no momento em que o modo coletivo de transmissão dos saberes se modifica e desaparece a crença de que a geração seguinte seria depositária do saber. Com essas mudanças as novas gerações de artistas circenses não mais seriam, necessariamente, portadoras do conhecimento da arte do circo. As crianças passaram a experimentar outras formas de socialização, ensino e aprendizagem, distintas daquela da organização familiar, na qual o aprendizado para a vida e para a arte era *in loco*, coletivo e generalista (Silva & Abreu, 2009).

A transmissão oral dos saberes para as famílias do circo tradicional era mais do que uma técnica de ensino, era antes de tudo uma espécie de “ritual de aprendizagem” no qual a criança tornava-se portadora do futuro e responsável por manter viva a prática e os saberes circenses. A partir desse momento, o modo de organizar o trabalho deixa de produzir e reproduzir o circo-família, resultando apenas na produção do espetáculo (Silva & Abreu, 2009).

Entre 1960 e 1970, os artistas circenses modificaram a proposta dos espetáculos: até aquele momento a base das atrações estava na pluralidade de linguagens artísticas que mesclava teatro, dança e música, como também incorporava profissionais que não faziam parte do circo, por exemplo, cantores. Essa proposta foi alterada e muitos circos passaram a organizar seus espetáculos, majoritariamente, com números de palhaçaria, acrobacias e de animais, com enfoque principal nos números acrobáticos que exigem destreza e habilidade. Esse modo de conceber o espetáculo sempre existiu, no entanto, essa proposta tornou-se predominante (Silva, 2008).

Embora diversos circos ainda fossem constituídos por famílias, esses artistas não eram mais responsáveis pela totalidade das funções que envolviam a profissão como montagem e desmontagem do circo, manutenção elétrica, bilheteria, entre outras. Quando era preciso um artista para apresentações acrobáticas, por exemplo, esse profissional era contratado individualmente (Silva, 2008).

No final do século XX as grandes companhias circenses, motivadas pelos princípios capitalistas, passaram a recrutar e contratar mão de obra especializada. Embora essas companhias adotassem a política empresarial de contratação, o que se observa é que os vínculos trabalhistas eram precários, os contratos realizados verbalmente podiam ser rescindidos a qualquer momento sem nenhuma garantia. As relações trabalhistas não estavam de acordo com a legislação, os artistas não tinham direitos e recebiam baixos salários (Bolognesi, 2003).

Ainda hoje, o índice de profissionais circenses que trabalham regidos pelas leis trabalhistas e que possuem registro profissional em carteira é baixo. A carteira assinada, implementada desde a década de 1930 com a reforma trabalhista de Getúlio Vargas, assegura direitos como aposentadoria e seguro-desemprego, e garante outros benefícios. Além do subemprego e da precarização, a informalidade também é outro fator que afeta o reconhecimento legal dos direitos do artista circense (Ferreira, Bortoleto, & Silva, 2015).

Para as grandes companhias circenses, a organização familiar foi deixada de lado e a divisão do trabalho passou a ser adotada, ou seja, o artista individual passou a ser contratado para realizar uma função específica, diferentemente do que ocorria no circo-família. Neste

modelo contratual, o artista individual é responsável apenas pela apresentação de seus números, pela sua segurança individual e do público, e pelo cuidado com os seus aparelhos e equipamentos. Os saberes tornaram-se mais hierarquizados e segmentados (Ferreira, Bortoleto, & Silva, 2015).

É possível observar até aqui que, no circo, as transformações são constantes, inerentes ao modelo econômico de produção material/social e, por isso, inevitáveis. A historicidade do circo nos mostra que em diversos momentos as mudanças tornaram-se essenciais para a sobrevivência e impulso das artes circenses, que desde os tempos mais remotos alimentam nosso universo simbólico.

3.3. *Para além das lonas: o circo novo*

Antes de apresentarmos as argumentações referentes ao circo contemporâneo, é importante salientarmos que os antecedentes históricos apresentados até aqui, além de nos informar sobre o universo circense e sua beleza, também revelam a intensa capacidade do circo de (re)inventar e (re)criar possibilidades. O circo é tão surpreendente que rompe não só as fronteiras geográficas, mas as suas próprias fronteiras, das lonas para o mundo.

Nesse câmbio – a partir das metamorfoses ocorridas no circo família –, surge na década de 1970 uma alternativa ao circo tradicional, trata-se do circo novo³. Nesta nova formatação do circo, a participação de animais nas performances é completamente excluída. Esse novo formato de circo surge da ruptura com o modelo tradicional, impulsionado pela vigorosa mudança no modelo de formação de artistas circenses. Agora a formação se dá, sobretudo, em escolas profissionalizantes e especializadas na transmissão dos saberes e técnicas circenses (Bortoleto & Machado, 2003).

Convém informar que o termo circo novo é protagonista de diversos debates e divergências entre os autores e estudiosos da área. Quiçá esta terminologia não seja a mais apropriada e nem totalmente correta, pois transmite a ideia de um novo em detrimento do velho, do obsoleto. No entanto, utilizaremos esta expressão em conformidade com os autores que se dedicam ao tema e com o intuito de caracterizar essa nova formatação do circo.

³ “A denominação de novo circo surgiu na França, nos anos de 1990, para destacar o movimento de artistas circenses que saíram às ruas, na década de 1970, motivados pelos ideais de maio de 1968” (Bolognesi, 2018, p. 59).

O movimento do circo contemporâneo que se intensificou na década de 1970 foi iniciado em 1920 na antiga União Soviética, por meio de um decreto que objetivava a nacionalização do circo e dos teatros. Esse decreto se consolidou com a criação do primeiro Curso de Arte do Circo, em Moscou, no ano de 1927. Cabe ressaltar que a decisão tomada pelo governo soviético não estava apartada da realidade política e histórica daquele país, pois o circo funcionava também como um instrumento de divulgação e propagação dos ideais revolucionários (Duprat, 2007).

Desse modo, a União Soviética deu o primeiro passo em direção à estruturação de uma escola de circo para fora das lonas e do modelo de formação, socialização e aprendizagem do circo-família. Com a criação desse espaço de democratização das artes circenses foram utilizados modelos pedagógicos distintos daqueles empregados no circo tradicional, mas as técnicas e conteúdo das artes circenses permaneceram inalteradas, eram as mesmas ensinadas debaixo das lonas (Duprat, 2007).

De acordo com Silva (2008), as escolas de circo já se fazem presentes no mundo desde o início do século XX, as mais antigas são as de Moscou e de Pequim. Essas instituições se tornaram relevantes e até mesmo referência, contudo, demorou alguns anos para que o movimento em torno da criação de outras escolas se intensificasse. Somente no final da década de 1970 e início de 1980 foi possível observar no Canadá, Austrália e alguns países da Europa ocidental, a mobilização de artistas em torno da estruturação de espaços especializados na transmissão da arte do circo. Portanto, é somente a partir desse período que o processo iniciado em 1920 se expande.

Em 1974 surgem as escolas *Annie Fratellini* e *Écoleau Carré*, na França. Essas instituições, tidas como as primeiras escolas de circo da Europa Ocidental, surgiram a partir de um intenso movimento de artistas em busca da renovação das artes circenses, visando não só dar continuidade e expandir tal arte, mas reestruturar as bases do circo. Para esse movimento o circo, sob a lona, estava se perdendo, e esse apagamento o levaria à falência. Assim, os artistas do novo circo romperam com algumas tradições que diziam respeito às lonas e passaram a se apresentar nas ruas e praças públicas. Da mesma forma que os saltimbancos séculos antes, as atrações mesclavam circo, dança e teatro (Bolognesi, 2018).

Paralelamente a estes movimentos, foi criada a primeira escola de circo brasileira, a Academia Piolin de Artes Circenses, inaugurada em 1978, no município de São Paulo. A idealização desse projeto se deu em decorrência das transformações no modo de organizar o circo. Aos poucos a ideia de se criar uma escola de circo foi se consolidando, diversos debates

foram realizados com pessoas direta e indiretamente envolvidas com a arte do circo. A partir dessas mobilizações surge a primeira experiência no Brasil de ensino das artes circenses fora das lonas (Silva, 2008).

A Academia Piolin de Artes Circenses recebeu recursos da Secretaria de Estado da Cultura da cidade de São Paulo. Com a parceria governamental os artistas do circo puderam viabilizar a criação dessa escola que objetivava, principalmente, a reabilitação de uma profissão que estava se extinguindo. Em 1983, após diversas dificuldades, a academia fechou as portas por falta de verba e de apoio da secretaria à qual estava associada (Silva, 2008).

Ao mesmo tempo em que os artistas de São Paulo concretizavam o projeto de criação de uma escola de circo no Brasil, outros artistas se movimentavam e idealizavam uma proposta semelhante no Rio de Janeiro onde, em 1982, foi criada a Escola Nacional de Circo. O principal objetivo dessa escola era a formação dos filhos dos circenses que já recebiam a educação formal (Silva, 2008).

Cabe ressaltar que a ideia da criação de uma escola de circo se fazia presente entre os artistas circenses, como também dentro dos circos brasileiros. Essa proposta era alimentada por três convicções: a tradição familiar não garantiria mais a continuação das artes circenses; outras pessoas com habilidades poderiam ter acesso a este aprimoramento e a escola seria um prolongamento dos núcleos familiares garantindo a democratização e o aumento de oportunidades (Silva, 2008).

Após a criação da Escola Nacional de Circo, surgiu na cidade de São Paulo, em 1984, a primeira instituição privada de ensino das artes circenses como um empreendimento lucrativo, a Escola Picadeiro. Em 1985, em Salvador, foi criada a Escola Picolino, ambas tinham como público alunos pagantes, mas também realizavam projetos com a população de baixa renda. Essas escolas foram responsáveis pela profissionalização de novos artistas circenses no Brasil (Silva, 2008).

As escolas de circo eram constituídas por artistas do circo tradicional que deixaram de ser itinerantes e passaram a formar profissionais circenses que, na maioria das vezes, não eram oriundos do circo. Os mestres traziam como herança os conjuntos de saberes adquiridos sob a lona no processo de socialização, formação e aprendizagem presente no circo tradicional. O principal objetivo dos profissionais do circo era o de formar ou dar continuidade à formação dos filhos de outros circenses, no entanto, esse público praticamente não aderiu a esse modo de formação (Silva & Abreu, 2009).

O conjunto de alunos oriundos das escolas de circo era constituído por pessoas da comunidade não circense, artistas autodidatas e profissionais da dança, do teatro e da música, além de universitários de várias áreas. Essa característica de composição dos alunos fez surgir um movimento de profundo debate e extensa produção acadêmica; o circo e as universidades se aproximaram e alunos universitários passaram a fazer parte dessas escolas. Com essa troca intensa o processo de ensino-aprendizagem das artes circenses ganhou novas configurações (Ferreira, Bortoleto, & Silva, 2015).

O surgimento das escolas de circo, dos festivais mundiais e das inúmeras companhias, grupos performáticos e trupes de artistas com forte influência das artes circenses promoveu o fenômeno do chamado “novo circo”, do qual, atualmente, o *Cirque du Soleil* é a grande referência (Rocha, 2010, p. 58).

O circo novo possibilitou que diversas pessoas fossem alcançadas pelas artes circenses, independentemente da idade, da classe social ou do objetivo. Essa linguagem artística pôde e ainda pode ser aplicada e utilizada de múltiplas formas, do entretenimento à profissionalização. Alguns alunos oriundos do teatro usam as técnicas aprendidas na composição de seus números, outros se tornaram empreendedores e proprietários de suas próprias escolas. Ocorreu a partir desse período um aumento na procura pelos saberes circenses (Silva, 2008).

Através do movimento do circo contemporâneo, a arte do circo passa por um processo de disseminação e democratização, pois o conhecimento desenvolvido dentro do circo e mantido em posse das famílias circenses começou a alcançar e cativar pessoas, que até então não experimentavam desse modo de vida e não tinham acesso a esses saberes. Hoje, seja no âmbito recreativo, educativo ou profissional, as artes circenses podem ser aprendidas e vivenciadas em universidades, escolas especializadas, em cursos livres, hospitais, projetos sociais, academias de ginástica, entre outros espaços (Bortoleto & Machado, 2003).

Isso indica que a linguagem do circo se adaptou aos valores e expectativas de uma sociedade que não apenas admira as técnicas, mas principalmente a estética/visual. No novo modelo a criatividade é aplicada à arte do circo com o intuito de se alcançar elevado padrão técnico e estético. Os artistas misturam música, dança, teatro e circo, pois o mais difícil deixou de significar o mais arriscado ou mais sobre-humano para se tornar o mais belo, aquilo que agrada a visão (Bortoleto & Machado, 2003).

O circo novo requer artistas polivalentes, ou seja, que desempenham mais de uma função, como malabaristas-acrobatas. Trabalhar com as artes circenses para além de uma escolha profissional é uma opção de vida, pois tal atividade requer rigor na formação, força

física, habilidade, equilíbrio e agilidade, e, sobretudo, criatividade em busca da beleza do corpo. O ser humano tornou-se o centro das atrações (Bolognesi, 2003).

Todas essas transformações na história do circo não foram suficientes para extinguir o circo tradicional, pois uma proposta não anula a outra, pelo contrário são complementares e compartilham da mesma essência, embora o produto final seja distinto. A partir de uma análise mercadológica é possível compreender que o circo novo se trata de uma resposta que possibilita a perpetuação das artes circenses, é uma alternativa ao modelo tradicional (Bortoleto & Machado, 2003).

Dessa forma, é através do circo novo que o público deixa de ser somente espectador para vivenciar as artes circenses e experimentar na pele toda a sua magia e beleza. É devido a esse movimento que hoje podemos estudar os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses.

3.4. *Atividades circenses: entre equilíbrio, acrobacias e encenações*

Nosso objetivo até aqui foi mostrar aos leitores o quanto o circo é capaz de se reinventar e criar novas possibilidades sem perder a magia, a beleza e o encanto. Nesse sentido, a arte do circo através do novo circo alcança outros espaços e adeptos, saindo das lonas, dos guetos e envolvendo crianças, adolescentes, adultos e idosos por todo o mundo.

O circo efetivamente tornou-se popular, assim como aconteceu com a música, a pintura, o teatro e a dança; hoje a aplicação do circo pode ser observada em diferentes contextos, do lazer ao espetáculo, da educação formal à informal. As atividades circenses, vagarosamente, têm saído de seu âmbito mais comum, o profissional, e adentrado em outros campos como forma de entretenimento, lazer e/ou como conteúdo educativo (Bortoleto & Machado, 2003).

Cabe informar que o termo “atividades circenses” não faz referência somente à profissionalização de artistas, “uma vez que revela a oportunidade dada aos alunos do contato com alguns elementos da linguagem circense, sem a pretensão de discutir ou formar na ampla e complexa arte do circo” (Duprat, Barragán, & Bortoleto, 2014, p. 122). As atividades circenses têm potencial educativo e permitem que os alunos desenvolvam a cooperação, a criatividade, além de possibilitar que se trabalhe a motricidade, a elevação da autoestima, a autossuperação e o bem-estar psicossocial de seus praticantes. As atividades circenses, atualmente, se constituem como uma ferramenta associada à educação física no âmbito da educação formal (Duprat, 2007).

Os estudos e pesquisas sobre as atividades circenses ganharam força com a entrada do século XXI, quando tais atividades passaram a ocupar campos até então inexplorados. A curiosidade sobre o tema fez surgir indagações e preocupação com a qualificação de quem ensina essa arte, bem como com as metodologias e ferramentas pedagógicas utilizadas na transmissão destes saberes. Destarte, o campo de ensino em artes circenses é novo e ainda carece mais investigações interdisciplinares. Por outro lado, a educação física tem desenvolvido e avançado muito nos estudos das atividades circenses (Silveira, Fonseca, & Paschoalin, 2013). Nesta área do conhecimento as discussões e teorizações têm servido de base para a formulação de uma pedagogia das atividades circenses. O circo torna-se uma ferramenta pedagógica, educativa e de formação, permitindo que se amplie o repertório de práticas oferecidas nas escolas (Duprat, 2007).

Bortoleto e Machado (2003) apresentam três possíveis âmbitos de aplicação da atividade circense, sendo respectivamente: o âmbito recreativo, educativo e profissional. No âmbito recreativo, a atividade circense é incluída objetivando o lazer e a recreação, que possuem enfoque lúdico com o propósito de possibilitar aos participantes o convívio com as atividades circenses. Essas atividades não focalizam os aspectos técnicos, mas o desenvolvimento mais livre, que gera prazer, diversão e satisfação. Nesta modalidade, as necessidades materiais, de infraestrutura, de formação profissional, de capacidade psicofísica e técnica, e, conseqüentemente, os riscos são mínimos, possibilitando que praticamente qualquer pessoa participe das atividades propostas.

No campo educativo, as atividades circenses são realizadas dentro das escolas compondo o conteúdo curricular dessas instituições. Elas devem possibilitar aos alunos, através da mediação do professor, o contato com as artes circenses e o desenvolvimento da motricidade. O objetivo dessas atividades é de iniciação, com enfoque na expressão corporal, na capacidade criativa, de comunicação e interpretação. Nesta esfera, as necessidades materiais, de formação específica em circo por parte dos professores, dos recursos exigidos dos alunos/participantes e do nível de risco são mínimas, ainda que seja exigida uma formação pedagógica mais especializada por parte dos professores (Bortoleto & Machado, 2003).

No âmbito profissional, as atividades circenses objetivam o rendimento físico. Espera-se dos artistas a ampliação da cultura corporal circense e o desenvolvimento da motricidade específica. Nesta esfera, as exigências são de alto nível, é preciso buscar sempre maior rendimento e aperfeiçoamento nas performances para o uso profissional. As necessidades materiais, de infraestrutura, de qualificação por parte dos professores e dos alunos são elevadas,

e esses fatores acabam por limitar o público que se torna um profissional circense (Bortoleto & Machado, 2003).

Embora tenhamos abordado e reforçado o discurso de que as atividades circenses podem ser realizadas por todos, é importante dizer que, como qualquer atividade física, elas possuem algumas exigências, indicações e contraindicações.

O trabalho com as atividades circenses é indicado a partir dos oito anos de idade, podendo ser realizado com jovens, adultos e até idosos, porém com algumas restrições; é contraindicado para gestantes em qualquer fase de gestação, obesos acima de 120 kg, idosos com comprometimento motor em alguns níveis e portadores de lesões articulares não liberados pelo médico ou fisioterapeuta (Silveira, Fonseca, & Paschoalin, 2013, p. 09).

É importante enfatizar que no circo não há discriminação e todos são bem-vindos, porém a pesquisa de Mota (2017) sobre gênero e sexualidade nas atividades circenses evidenciou que os sujeitos do gênero masculino, geralmente, não realizam as atividades circenses por compreenderem que elas colocam em risco e em questionamento a heterossexualidade. Esse pesquisador aponta que muitos alunos se negam a realizar determinados movimentos por considerarem que estes são “apenas para meninas”, em contrapartida, os movimentos que revelam força física tendem a ser mais atrativos. Outro fator determinante para realização ou não das atividades circenses são as vestimentas de *legging*, haja vista que os alunos associam a *legging* ao vestuário feminino.

Essa relação de diferenciação não somente entre alunas e alunos, mas entre os próprios alunos homens, se dá via a classificação pejorativa do que seria próprio do gênero masculino e próprio do gênero feminino (...). Nas aulas de atividades circenses era perceptível essa dicotomia e sempre feito pelas/os próprias/os alunas/os. São elas/es que criam/reproduzem esse significado que tal movimento é só para mulheres e, outros tais, são apenas para os homens (Mota, 2017, pp. 104-105).

Gáspari e Schwartz (2007) realizaram uma pesquisa visando descobrir o motivo pelos quais as pessoas praticam as artes circenses. As análises revelaram que, de modo geral, o universo do circo gera curiosidade e as pessoas veem nas modalidades circenses a possibilidade de vivenciar essa arte como um todo e assim desenvolver habilidades, a coordenação motora e aprimorar a parte teórico-prática. Alguns fazem do momento da aula um tempo de descontração e de lazer, outros realizam constantes trocas interpessoais e convívio, há também aqueles que buscam o desbloqueio de alguma limitação, como a timidez e o baixo repertório de habilidades sociais.

Para Duprat, Barragán e Bortoleto (2014), as modalidades circenses são constantemente divididas em quatro grupos: equilíbrios, acrobacias, manipulações e encenação.

Figura 1. Classificação das modalidades circenses.

Acrobacias	Aéreas	Diferentes modalidades de trapézio, tecido, lira, quadrante, corda.
	Corpóreas	De chão (solo), duplas, trios e grupos, banquinas, mastro chinês, contorcionismo, jogos icários.
	Trampolim	Trampolim acrobático; minitrampo; báscula russa; maca russa.
Manipulação	De objetos	Malabares (bolas, claves, <i>devilstick</i> , diábolo, caixas, com fogo), <i>swing</i> (claves e bastões), tranca, contato, ilusionismo, prestidigitação, mágica, faquirismo, fantoches e ventriloquia.
Equilíbrios	De objetos	Claves, bastões, antipodismo.
	Sobre objetos	Perna-de-pau, monociclo, arame, corda bamba, bicicleta, rolo americano (rola-rola)
	Acrobáticos	Paradismo (chão e mão-jotas), mão a mão (duplas, trios e grupos), jogos icários.
Encenação	Artes corporais	Arte cênica, dança, música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Fonte: Duprat e Bortoleto (2007, p. 178).

A Figura 1 apresenta a grande variedade de atividades circenses, que podem ser desenvolvidas em espaços de atividades circenses, escolas de circo, praças públicas, projetos sociais, entre outros. É justamente pela diversidade de possibilidades que a arte/atividade circense encanta o público, propiciando aos praticantes uma aventura que não terá fim.

A partir daqui, tendo em vista que o nosso objeto de estudo envolve o trabalho dos professores de atividades circenses, apresentamos considerações sobre o trabalho, que ocupa a centralidade da vida humana.

4. Trabalho: atividade transformadora

O trabalho tem sido analisado e pesquisado por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Enquanto objeto de estudo é amplamente debatido por diversas áreas do conhecimento, apresentando-se com distintas concepções devido à sua realidade histórica e polissêmica. É importante salientarmos que, embora a perspectiva teórica adotada nesta pesquisa seja da Psicodinâmica do Trabalho, articularemos aportes da Psicologia Social, pois compreende-se que o constructo trabalho é complexo e permeado por atravessamentos.

A origem da palavra trabalho é controversa, mas geralmente atribuída ao termo latino *tripalium*, que se refere a um instrumento formado com três paus, utilizado para amarrar e torturar escravos. Embora haja indícios de que este instrumento era inicialmente usado na agricultura, é como meio de tortura que habitualmente é empregado para se referir à etimologia do vocábulo trabalho, associando a este o sentido de sofrimento e punição que o termo carrega (Carmo, 2005; Furtado, 2011).

O trabalho, enquanto processo histórico, é tão antigo quanto a humanidade e originalmente se deriva da busca pela sobrevivência (Oliveira, 2006). Desse modo, definir trabalho não é uma atividade simples, porque ele é onipresente, sempre existiu em qualquer sociedade humana. Praticamente qualquer atividade humana pode ser chamada de trabalho. Para saber se uma ação é trabalho ou não, deve-se recorrer à história, já que o trabalho é histórico por primazia. Isso significa que a foto de um artesão não diz se ele está ou não trabalhando, é preciso saber se ele está desempenhando as atividades e atribuições desta função, portanto, a análise deve retornar ao passado em um esforço retrospectivo e/ou prospectivo, lançando luzes sobre o futuro (Codo, 2006).

É importante dizer que trabalho e emprego são usualmente usados como sinônimos, porém, são distintos. A ideia de emprego é bem mais recente, estando situada no âmago das relações de trabalho das sociedades capitalistas. Para identificar se um trabalho é ou não emprego, deve-se analisar se há contrato de caráter jurídico e voluntário entre duas partes: de um lado o empregado que vende a força de trabalho, geralmente em troca de salário, de outro o empregador. O trabalho fica então reduzido ao valor de troca, o que pressupõe remuneração e, em última análise torna-se mercadoria (Blanch, 1996).

Desse modo, para se definir o trabalho é preciso realizar o caminho inverso, é preciso dizer que o trabalho não é mercadoria e não deve ser confundido com emprego. O trabalho é, antes de tudo, a apropriação da natureza pelo ser humano e, neste apoderamento, o sujeito e a

natureza são transformados. É a partir dessa dupla relação de transformação que o trabalho gera significado, um signo que fica mesmo na ausência do trabalhador (Codo, 2006).

Trabalho é uma atividade humana por excelência, entendido como o modo pelo qual transmitimos significado à natureza; a identidade demanda significados para se estabelecer, comparecendo o trabalho, portanto, como um dos elementos essenciais na constituição da identidade, apesar de não ser o único. (...), é através do trabalho, da dupla transformação, que o significado é gerado, este é eterno e torna transcendente o gesto do trabalhador (Codo, 2006, p. 85).

O trabalho pode então ser definido como atividade determinada e transformadora da realidade objetiva e subjetiva. Corresponde à busca humana pela sobrevivência e realização, de tal modo que natureza e invenção, trabalho e cultura se unem. O sujeito trabalha ao colocar em movimento suas capacidades e forças corporais e espirituais tendo em mente um fim específico; nesse sentido, o trabalho humano é uma atividade proposital conduzida pela inteligência (Albornoz, 2008).

A partir de uma concepção genérica, o trabalho apresenta-se como realidade sócio-histórica que assume diferentes sentidos ao longo do tempo, modificando seu cenário, enredos e atores, como também os significados que lhe são atribuídos. O conceito de trabalho remete diretamente à atividade que é desenvolvida em um determinado contexto socioeconômico, como também ao sentido, significado e valor desta experiência para cada sujeito ao longo do processo histórico (Blanch, 1996).

Na sociedade atual, a centralidade do trabalho é tal que muitas pessoas não concebem uma vida na sua ausência, mesmo que tivessem condição para tal (Organista, 2006). Em “O direito à preguiça”, Paul Lafargue (1883/2003) já antevia que, mesmo quando as máquinas realizassem a maior parte das tarefas humanas, o ser humano não se dedicaria ao ócio, mas continuaria a trabalhar, já que não se consegue sequer imaginar uma vida sem trabalho. Para este autor, o proletariado é levado a trabalhar até o esgotamento físico, nem mesmo as crianças são poupadas do trabalho exaustivo. Quanto mais se trabalha no capitalismo mais se eleva a fortuna social, em contrapartida, o trabalhador se torna mais miserável e se entrega ao vício do trabalho, pois para comer é preciso trabalhar – miséria gera miséria. Nessa direção, o proletariado deveria se rebelar contra o vício do trabalho e proclamar o direito à preguiça, ao ócio e ao tempo livre.

Blanch (1996) enfatiza que o trabalho é um importante aspecto na vida dos sujeitos e apresenta-se com diferentes configurações e sentidos. Historicamente, é categoria chave responsável por estruturar a vida pessoal e social dos indivíduos. É em torno do trabalho que a

sociedade se organiza e garante a sobrevivência e a continuidade das futuras gerações, portanto, conhecer como os sujeitos compreendem o trabalho é entender um pouco mais sobre o próprio ser humano e o seu modo de organizar e viver a vida.

As distintas formas de relações que o ser humano estabelece com o trabalho se expressam em sua dimensão antagônica, de modo que os sentidos dados ao trabalho são associados a conteúdos positivos e/ou negativos, sendo ora compreendido como expressão da vida, ora como servidão; ora atividade humana que traz felicidade, ora infelicidade; que permite instantes de catarse e também vivências de sofrimento; que proporciona gratificação em termos existenciais e também punição (Antunes, 2005; Carmo, 2005).

Cotidianamente, os trabalhadores podem atribuir ao trabalho um sentido generalista, como a aplicação de faculdades humanas visando um fim específico, ou mais particular, como o trabalho de produzir uma dissertação, como esta que o leitor tem em mãos. Os sentidos são múltiplos e opostos e remetem à fadiga e paixão, sofrimento e prazer, repetição e criatividade. Pode significar ainda o esforço, enquanto processo e o resultado, isto é, a obra terminada (Albornoz, 2008).

Os sentidos atribuídos ao trabalho estão diretamente ligados aos aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais, organizacionais e subjetivos. O processo de atribuição de sentido é atravessado pela concepção de mundo do trabalhador e do grupo no qual este está inserido, por essa razão os significados atribuídos ao trabalho se transformam ao longo do tempo. “Assim, os sentidos que se atribuem ao trabalho são sempre singulares, concretos e históricos, pois constitui necessidade humana dar significado ao seu entorno, ao seu fazer e ao viver” (Araújo & Sachuk, 2007, p. 63).

Destarte, da articulação entre a esfera pessoal e ambiental resulta os sentidos do trabalho. Na dimensão pessoal o trabalho necessita fazer sentido para o trabalhador, ser uma atividade livremente escolhida, ter objetivos definidos, ter utilidade, estar em consonância com os valores do sujeito, proporcionar reconhecimento, prazer e retorno financeiro. Na dimensão organizacional o trabalho deve possibilitar que o sujeito desenvolva suas habilidades, utilize a criatividade e o pensamento, as atividades não devem ser rotineiras, mas desafiantes, e se desenvolver em um ambiente favorável e com boas relações pessoais. Na dimensão social o trabalho deve ainda trazer contribuições, ser útil e aceitável (Tolfo & Piccinini, 2007).

Assim, o trabalho com sentido é aquele que possibilita um resultado útil, as execuções das atividades devem gerar prazer, satisfação, permitir o exercício do pensamento, da criatividade, a utilização do conhecimento, do potencial e das habilidades, além de favorecer o

aperfeiçoamento profissional e a aprendizagem contínua. O trabalho deve ainda propiciar segurança, estabilidade, autonomia, reconhecimento, retribuição salarial justa e compatível com as atribuições realizadas. Observa-se que os sentidos atribuídos ao trabalho dependem do modo como este é organizado, bem como da qualidade das relações profissionais que ele produz (Morin, 2001; Morin, 2002; Morin, Tonelli, & Pliopas, 2007).

Em resumo, um trabalhador que desenvolve suas atividades laborais em um ambiente hostil certamente imprimirá raiva ao produto, de outro modo, em condições gratificantes alguns se apaixonarão pelo trabalho e pelo produto criado. É através do trabalho que o ser humano organiza seu cotidiano, encontra sentido para a vida, torna o mundo mais parecido consigo, e imprime sua subjetividade ao produto criado, assim, “a nossa casa está repleta de fantasmas. A mesa onde escrevemos foi construída por um marceneiro que depositou ali um pouco de sua alma” (Codo, Sampaio, & Hitomi, 1993, p. 187). Isso significa que o indivíduo se externaliza e hominiza-se através do trabalho, impregnando o mundo com seus afetos.

É por meio do trabalho que o ser humano cria o mundo, a si mesmo, transforma a natureza e se transforma dialeticamente, portanto, o trabalho é uma atividade transformadora por excelência e pode ser repleto de sentido.

4.1. Sentidos do trabalho: da Antiguidade à Modernidade

É importante apresentarmos os sentidos e valores atribuídos ao trabalho humano ao longo da história. Nos últimos dois séculos os sentidos do trabalho se transformaram e este passou a ocupar lugar de destaque e de profundas reflexões. Devido ao escopo desta dissertação, não nos debruçaremos em todos os detalhes destas transformações históricas, mas nos ateremos em alguns marcos e principais períodos para que possamos refletir sobre o trabalho artístico na contemporaneidade.

O percurso feito nas próximas páginas é necessário, pois trabalho nem sempre foi considerado uma categoria central, estruturante, fundante da vida dos sujeitos e da sociabilidade humana. Em alguns contextos o trabalho teve um valor marginal, não estava relacionado ao exercício da cidadania, à estruturação da subjetividade, tampouco à constituição da identidade. De acordo com Bendassolli (2007), na Grécia Antiga, por exemplo, o trabalho estava ligado à

obrigação, imposição e humilhação, não havia virtude nele, era visto como atividade degradante realizada por escravos⁴ como meio para suprir as necessidades vitais e garantir a sobrevivência.

Ser escravo significa que um homem é propriedade jurídica de outro homem. Como propriedade, o escravo é obrigado a trabalhar para o seu dono, produzindo riqueza e prestando serviços gerais. Como produtor de riqueza, trabalha no campo, nas minas, no artesanato. Como prestador de serviços, trabalha nas atividades domésticas, na fiscalização da produção, como criado de legionários, como preceptor, como escritor, como médico como agente de negócios (Oliveira, 2006, pp. 30-31).

Neste período histórico, acreditava-se que através do trabalho, quase sempre relacionado às atividades manuais, braçais e pesadas, a mente humana era embrutecida e o sujeito tornava-se inapto para a vida política e filosófica, que só poderia ser exercida através do ócio. Desse modo, os homens livres – os cidadãos –, eram responsáveis pelo trabalho intelectual; os escravos realizavam o trabalho braçal, geralmente ligado à agricultura; já o artesanato e comércio ficava ao encargo dos estrangeiros, isto é, homens livres, mas não cidadãos. Cabe ressaltar que a política não era considerada trabalho (Carmo, 2005).

Na Grécia Antiga, não é possível encontrar uma identidade do trabalho, termo definido por Bendassolli (2007, p. 37), como sendo “a descrição privilegiada de si pelo trabalho”, fazendo referência ao trabalho como um dos elementos que participam da constituição da identidade do sujeito. Nesse período, o sentido ontológico⁵ do trabalho era desprezado e este não estava associado à identidade, de modo que os sujeitos não se descreviam a partir dele, antes, o evitavam o quanto podiam, pois em demasia prejudicaria a liberdade. Ao trabalho não era concedido valor essencial, nem glorificado como na atualidade, não há referências religiosas ou morais que elevassem o trabalho a um nível superior.

Para os filósofos antigos, como Platão (428-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), o trabalho ligava-se à sobrevivência, isto é, visava suprir as necessidades básicas dos sujeitos. Considerava-se que a divisão do trabalho era imprescindível para a manutenção da sociedade e para trocas de serviços, assim os escravos (não cidadãos) deveriam realizar tarefas ligadas à produção – a manutenção da sociedade, e os homens livres (cidadãos) desempenhavam tarefas

⁴ Na Grécia Antiga, de modo geral, os escravos advinham de povos conquistados e dos próprios gregos em caso de escravidão por dívidas. Para informações mais detalhadas ver: Bendassolli (2007); Carmo (2005); Oliveira (2006).

⁵ Ontologia é o ramo geral da metafísica que se ocupa de temas abrangentes e abstratos da Filosofia. A palavra ontologia é formada do grego *ontos* (ser) e *logia* (estudos) e engloba as questões gerais relacionadas ao significado do ser e da existência (Hebeche, 2012).

relacionadas à política – ao estado. Com isso, o trabalho escravo era justificado e naturalizado (Aristóteles, 1985; Platão, 1973).

Na Idade Média⁶ a elevação do valor do trabalho começa a ganhar impulso de caráter religioso. Vale ressaltar que uma das características principais deste período era a presença da Igreja em praticamente todos os momentos da vida, “A igreja, durante toda a Idade Média, (...) guiava todos os movimentos do homem, do batismo ao serviço fúnebre” (Carmo, 2005, p. 33).

Com relação ao trabalho, a igreja apregoava uma concepção de trabalho relacionada ao castigo divino e à punição pelos pecados. Ao mesmo tempo, reforçava que o trabalho tinha um valor moral, estando a serviço da caridade e contra a ociosidade. Na visão dos teólogos, o trabalho tornou-se penoso a partir do momento em que o ser humano foi expulso do paraíso e necessitou comer o fruto do suor do rosto. Anteriormente, no Jardim do Éden, o trabalho era gratificante e prazeroso, pois o humano participava da criação divina como cocriador, cuidando da criação de Deus e louvando o seu nome (Bendassolli, 2007).

O trabalho, portanto, torna-se castigo pelo pecado original, de modo que este adquire caráter disciplinar, penitencial e de punição, necessário para evitar o ócio e para manter o sujeito longe da preguiça, possibilitando a salvação pós-morte. Neste período o trabalhador trabalhava apenas o necessário para suprir as necessidades e exercia a sua função – seu chamado –, visando sempre o bem comum, por exemplo, o camponês contribuía com a produção de alimentos; o padre com orações e súplicas (Oliveira, 2006; Bendassolli, 2007).

Com a reforma protestante no século XVI, o passo decisivo em direção à centralidade moral-religiosa do trabalho, na modernidade, estava dado. Com o movimento protestante, é reforçado o valor do trabalho como um meio para servir e glorificar a Deus, prover a abundância geral, obter salvação, riquezas e sucesso individual, portanto, a ociosidade foi veementemente combatida em detrimento do trabalho árduo (Carmo, 2005; Bendassolli, 2007).

Em síntese, o trabalho torna-se categoria central e motivo de orgulho, a tal ponto que deve se tornar prioridade na vida dos sujeitos. A profissão passa a ser compreendida como vocação. O valor do trabalho é atrelado à sua produtividade, isto é, a graça divina é proporcional ao tempo diário de trabalho. A ética protestante realiza a glorificação do trabalho (Borges & Yamamoto, 2014).

Na medida em que essa nova doutrina valoriza o trabalho individual, torna-se possível pensar em identidade a partir do trabalho (...). Um segundo ponto a mencionar é a

⁶ A Idade Média corresponde ao período que abrange do século V ao século XV. Para mais detalhes sobre a periodização da Idade Média ver: Hilário (2001).

centralidade que o trabalho passou a ocupar no pensamento puritano. Nessa versão, ao contrário do que ocorria com a postura comedida e com o senso de suficiência dos antigos e dos medievos, não há limites ao trabalho. Pelo contrário, há mesmo uma compulsão a trabalhar, à medida que o ócio carrega consigo um fardo de insuportável culpa (Bendassolli, 2007, pp. 67-68).

Essa visão religiosa do trabalho permaneceu até o Renascimento, período que tem início em meados de século IV e vai até início do século XVI, aproximadamente. Este momento histórico representou um marco na tradição do pensamento moderno no Ocidente, as transformações suscitadas culminaram em uma nova determinação do sentido e do valor do trabalho. Neste momento, é por meio do trabalho que o ser humano constrói a si e ao mundo, sendo compreendido como atividade prazerosa, divertida, significativa, e que produz o próprio ser humano⁷ (Albornoz, 2008; Bendassolli, 2007).

O trabalho passa a ter um sentido intrínseco, com um significado em si mesmo sem precisar, por exemplo, recorrer à ideia católica de castigo e redenção típica da Idade Média e nem de glorificação a Deus (significados extrínsecos). Conforme salienta Bendassolli,

Quando se afirma aqui que, para essa tradição, o trabalho tem valor intrínseco, e quando dizemos que tal postura é avessa àquelas das tradições anteriores, queremos dizer que não se deve trabalhar nem para alcançar a virtude e a felicidade, nem para se alcançar o Reino de Deus após a morte (visão cristã), nem como forma de seguir, obedecer, a vontade de Deus por meio do cumprimento de uma vocação (versão protestante) (Bendassolli, 2007, p. 62).

Valoriza-se, na tradição renascentista, o trabalho do artesão e do artista, que colocam paixão, coração e alma no ato de trabalhar e, com as próprias mãos, constroem o mundo e a si mesmos. Estes trabalhadores possuem liberdade para realizar o trabalho, detêm os meios de produção: não há separação entre lazer e trabalho, como também não há cisão entre planejamento e execução, entre a vida pessoal e profissional. O trabalhador é motivado pela própria criação e não por motivo exterior. É no seu ateliê que o artista tem a fábrica de si mesmo e, com suas mãos, se humaniza, aprende e desenvolve suas habilidades (Bendassolli, 2007).

Com o advento do capitalismo⁸, a partir do século XV, era necessário criar mecanismos para que a sociedade fosse dotada de um novo ideal produtivo. Neste primeiro momento,

⁷ É o que Bendassolli (2007) chama de ordem secular intrínseca, quando o trabalho passa a ser compreendido não apenas como produtor de mercadoria, mas produtor do próprio ser humano. É a representação do trabalho como tendo um valor em si (sentido ontológico do trabalho).

⁸ Segundo Carmo (2005, p. 136), o capitalismo é uma “organização econômica baseada no predomínio do capital e na separação entre capital e trabalho”. Nesse sistema os trabalhadores vendem a força de trabalho aos capitalistas que são os donos dos meios de produção.

surgiram leis que obrigavam os cidadãos a trabalharem, mediante a alegação de vadiagem, o ócio foi combatido e o trabalho foi enaltecido. No segundo momento – do século XVIII ao século XIX –, conforme a organização industrial se modernizava foi preciso criar teorias que persuadissem a classe proletária ao trabalho e à produção de riquezas. Desse modo, “os discursos religiosos ou moralizantes acerca do trabalho têm seu espaço ocupado, pouco a pouco, por teorias que encontram na atividade laboral objeto específico de profundas reflexões filosóficas e econômicas” (Carmo, 2005, p. 52).

Surgem doutrinas e construções ideológicas a favor e contra o modo de produção capitalista. Uma das ideias mais proeminentes, que favoreceram o processo de acumulação de riquezas é a de Adam Smith, responsável por cunhar o termo *homo economicus*. Para este autor, a riqueza dos países advém do trabalho, considerado a mola propulsora do desenvolvimento e a base de toda riqueza. É através do trabalho que as nações obtêm os bens necessários e o conforto material. “Não foi por ouro ou por prata, mas pelo trabalho, que foi originalmente comprada toda a riqueza do mundo” (Smith, 1776/1996, p. 87).

Desse modo, se o objetivo das nações é o de aumentar a produção de riquezas e a potência produtiva do trabalhador, deve-se potencializar o trabalho através da divisão, mecanização e especialização. Salienta o autor que, “o maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho” (Smith, 1776/1996, p. 65).

De acordo com Albornoz (2008), o termo *homo economicus* é um conceito que reveste o trabalho de um sentido econômico, ou seja, tal sentido dissocia completamente o operário do homem concreto, com o objetivo de aumentar e/ou produzir riquezas e em última análise explorar o trabalho humano. Portanto, no mundo moderno o trabalho perdeu seu aspecto lúdico, sendo caracterizado por diversas rupturas, entre elas: a separação do local de moradia e trabalho, e o afastamento do produto e do produtor. O operário passou a realizar o trabalho de forma especializada, executando apenas parte do processo, de modo que não será capaz de reconhecer o parafuso que apertou durante a produção de uma cadeira, por exemplo, como também não saberá a quem se destinará tal produto, pois há um corte entre consumidor e produtor.

Surge o homem econômico em substituição ao homem religioso. O trabalho é revestido de sentido econômico; torna-se uma atividade realizada objetivando fins externos, como a produção de riquezas, deixando de ser um fim em si mesmo e de gratificar as necessidades intrínsecas do trabalhador/criador. O trabalho adquire um sentido utilitarista e gratifica outrem:

Adicionalmente, no âmbito da análise de como o trabalho foi eleito como categoria-chave na modernidade, Marx é certamente a principal figura. Enquanto Adam Smith, por exemplo, cunhou o termo *homo economicus*, para o qual o sujeito era dotado de um núcleo de autointeresse egoísta e propenso à troca, um tipo de sujeito econômico, Marx definiu o sujeito como sendo um sujeito do trabalho. Com isso, o sentido do trabalho encontra um fundamento, por assim dizer, filosófico na obra de Marx: o trabalho torna-se a condição *sine qua non* para a definição do humano (Bendassolli, 2007, p. 112).

Marx (1867/1983), concebe o trabalho como atividade exclusivamente humana de apropriação e transformação da natureza, numa relação dialética de dupla transformação que gera significado e humaniza. É através do trabalho que ocorre a produção e reprodução da humanidade, de modo que o trabalho é compreendido como um processo que se dá entre o ser humano e a natureza. De um lado a matéria natural, de outro, os homens e mulheres que, para se apropriarem da natureza e transformá-la, utilizam a força física, corpórea, ocorrendo, dialeticamente, uma dupla transformação: a da natureza e a do ser humano.

Cabe enfatizar que os animais não humanos também trabalham e se apropriam da natureza em benefício próprio, no entanto, o trabalho dos animais é instintivo, inato e determinado pela natureza, eles satisfazem as necessidades de modo imediato e modificam a natureza somente no sentido em que estão presentes nela. Na atividade animal inexistente a intencionalidade que caracteriza o trabalho humano. O animal humano, todavia, eleva-se acima dos limites impostos pela natureza, subordinando-a. O trabalhador se apropria da matéria natural de forma consciente e proposital, ultrapassando a atividade instintiva e geneticamente determinada. Através do trabalho cria o mundo, a espécie humana e as formas sociais. Portanto, o trabalho é intencional, consciente e intermediado pela cultura (Braverman, 1987).

Desse modo, o trabalho humano reside na capacidade de idealização/concepção e realização/execução, ou seja, o trabalhador idealiza o trabalho em sua cabeça antecipando-o na consciência. Assim, ao objetivar a prévia-ideação, obtém o resultado que imaginou desde o início do processo. Ao objetivar uma prévia-ideação o indivíduo adquire novas habilidades e conhecimentos que, de imediato, serão generalizados e se tornarão patrimônio de toda a sociedade. A cada objetivação novas situações e necessidades surgem e a realidade objetiva e subjetiva é transformada (Lessa & Tonet, 2011).

De acordo com Bendassolli (2007), o trabalho, assim compreendido, torna-se categoria social estruturante, o fundamento da condição humana e do ser social, pois é em torno do trabalho que o “sujeito do trabalho” organiza suas experiências e extrai grande parte do sentido da existência. É um tipo de subjetividade organizada pelo e a partir do trabalho.

Marx (1849/2010), também observou que no modo de produção capitalista o trabalho torna-se uma atividade sacrificial, sofrimento necessário para a sobrevivência, pois o trabalho vivo, categoria ontológica e histórica, torna-se trabalho morto, produtor de mais-valia, fazendo desaparecer o caráter útil-concreto do trabalho e transformando a força de trabalho em mercadoria, em atividade social assalariada regida e alienada pelo capital. Assim, o trabalhador realiza um trabalho simplificado e monótono, impedido de utilizar suas habilidades e de colocar em jogo, suas energias intelectuais e corpóreas. Quanto menos satisfação o trabalho oferece, mais degradante ele se torna para o trabalhador.

Ao conceber o trabalho como pedra angular, condição básica, fundamento da vida humana e da hominização, Marx dotou o trabalho de sentido ontológico, filosófico e antropológico, tornando-se um dos grandes pensadores do tema trabalho na modernidade e contribuindo de forma substancial para a construção do sentido do trabalho que temos hoje (Bendassolli, 2007).

Contudo, a relação com a natureza é de tal modo que os homens e mulheres devem frequentemente transformá-la para que a existência humana e social seja possível. É através do trabalho que a sociedade é materialmente construída e as bases para a construção do sujeito são proporcionadas.

4.2. *Sentidos do trabalho no capitalismo contemporâneo*

O mundo no capitalismo contemporâneo, sobretudo nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, sofreu profundas alterações e metamorfoses, atribuindo ao trabalho novos sentidos e morfologias. Por isso, defendemos a tese de que no cenário contemporâneo não há um trabalho, mas trabalhos, tendo em vista que a classe-que-vive-do-trabalho⁹ é hoje fragmentada, heterogênea e complexa (Antunes, 2005).

Nos últimos cinquenta anos a economia vem enfrentado, em escala global, mudanças que promovem alterações profundas na organização do trabalho e na vida dos trabalhadores. As transformações no sistema capitalista mundial surgiram como resposta do capital à sua própria crise. Nesse contexto, se iniciou o processo de reestruturação produtiva, resultado de

⁹ A classe trabalhadora atual pode ser compreendida a partir do conceito ampliado de “classe-que-vive-do-trabalho”, tal formulação inclui diretamente o trabalhador produtivo, mas também abrange o trabalhador improdutivo. Com o intuito de abarcar todos os trabalhadores assalariados, a definição se amplia para todos os trabalhadores que vendem sua força de trabalho incluindo o trabalhador informal (Antunes, 2005; 2018).

uma estratégia de acumulação e expansão capitalista alicerçada nos princípios do neoliberalismo¹⁰ (Antunes, 2005; Sivieri, 2001).

A reestruturação produtiva nos países capitalistas centrais ocorreu concomitantemente ao processo de globalização da economia iniciado e impulsionado pela internacionalização/mundialização do capital, sobretudo, pós Segunda Guerra Mundial. Neste período, as empresas multinacionais obtiveram enorme importância. Essas mudanças favoreceram a introdução de novas tecnologias e modelos de gestão, resultando em uma nova organização do trabalho (Goulart & Guimarães, 2013).

A partir da década de 1970, a reestruturação produtiva teve início nos países desenvolvidos, no Brasil e em outros países capitalistas periféricos a mudança para a nova fase do capitalismo demorou um pouco mais para ocorrer, tendo em vista que a fase anterior não havia se consolidado completamente. Essa nova etapa do capitalismo ocorreu em solo brasileiro mediante enorme sofrimento (Goulart & Guimarães, 2013).

Os anos setenta marcam a decadência de um modo de organização do trabalho largamente utilizado durante o século XX, trata-se do modelo produtivo taylorista/fordista representado de forma magnífica nos Tempos Modernos, de Chaplin (1936). Esse sistema tem como base a acumulação capitalista e a racionalização do trabalho, pautando-se na especialização, na produtividade, na padronização, no ritmo de trabalho e na diminuição do tempo morto (Sivieri, 2001).

O sistema taylorista/fordista retira completamente do trabalhador a capacidade de criar, fantasiar e pensar. A concepção e elaboração ficam a cargo da gerência e a execução sob responsabilidade dos trabalhadores. O objetivo desse modo de organização do trabalho é elevar a especialização das atividades a um nível extremo de simplificação, de modo que o operário repete continuamente os mesmos movimentos em um pequeno espaço de tempo (Pinto, 2013).

O desempenho dessas atividades não requer especialização nem experiência prévia, qualquer pessoa pode executá-las. As competências e habilidades pessoais, profissionais e educacionais são dispensáveis, exceto a capacidade de abstração da própria vontade, atributo necessário para realização do trabalho enfadonho e repetitivo. Por conta dessas características, o nível de absenteísmo e de rotatividade nas empresas cresceu vertiginosamente, em

¹⁰ O neoliberalismo tem como base um agrupamento de ideias que se colocam contra a intervenção do Estado na economia, advogando a favor da livre concorrência e do livre mercado. Esse modelo político-econômico trata-se de uma adaptação dos princípios do liberalismo que defende veementemente o livre mercado concorrencial e se opõe à ação mediadora do Estado, eliminando sua soberania e enxugando-o ao máximo (Goulart & Guimarães, 2013).

contrapartida, a produtividade e a extração da mais-valia aumentaram consideravelmente (Pinto, 2013).

No entanto, na década de 1970 o modelo taylorista/fordista, que até então organizava a produção industrial, foi colocado em questionamento. Naquele período o mundo enfrentava um novo contexto moldado pela globalização, pelas novas condições de mercado e pela introdução de novas tecnologias. O capital não encontrou meios de expansão com a produção em série e em larga escala, que outrora serviu como base para o seu explosivo crescimento; era necessário renovar e recuperar o avanço da acumulação capitalista (Sivieri, 2001; Pinto, 2013).

No final do século XX, quando o século XXI despontava no horizonte, ocorreu a chamada globalização do mundo do trabalho, produzida e aprofundada pelo desenvolvimento tecnológico. As transformações nas trocas econômicas possibilitariam ao capital o rompimento das fronteiras geográficas e, com isso, a integração da economia mundial. Com a globalização da economia, as ideologias neoliberais foram levadas às últimas consequências:

No centro do modelo neoliberal encontra-se a reestruturação produtiva, que é um conceito multifacetado. Inicialmente, o processo se relaciona com o desenvolvimento e a introdução de novas tecnologias nos processos industriais com o advento, principalmente, da microeletrônica e de suas aplicações. A entrada dos computadores, máquinas computadorizadas e de robôs nos processos produtivos promoveu muito mais do que uma troca de equipamentos, constituindo-se o princípio de uma série de mudanças que passam pela extinção de postos de trabalho e por transformações radicais na forma de trabalhar e nas relações sociais no trabalho (Navarro, Maciel, & Matos, 2017, p. 35).

Conforme exposto, a reestruturação produtiva iniciou-se a partir da década de 1970, mas manteve-se restrita aos países desenvolvidos. No Brasil e em outros países subdesenvolvidos o processo de reestruturação intensificou-se na década de 1990, quando o mundo todo já experimentava os impactos da globalização. Esse período trouxe mudanças econômicas, tecnológicas e sociais sem precedentes na história humana (Goulart & Guimarães, 2013).

As demandas e desafios colocados pela mundialização da economia no terceiro milênio elevaram o trabalho ao posto de categoria central nas preocupações e debates contemporâneos, sobretudo no que se refere às questões de competitividade empresarial e de qualificação dos trabalhadores. Com a globalização as grandes empresas tornaram-se transnacionais, esse contexto obrigou as organizações a se adequarem e buscarem novas alternativas e práticas produtivas que assegurem a sobrevivência organizacional em um ambiente mutável, dinâmico e competitivo (Goulart & Guimarães, 2013).

Estas variáveis trouxeram a urgência de criação de um novo modelo de organização do processo de trabalho, visando a chamada renovação capitalista. Para tal, deu-se início ao processo de acumulação flexível, que para se estabelecer necessitou retirar todas as barreiras do seu caminho, lançando mão da desregulamentação de tudo o que era possível, desde o dismantelamento do Estado até a flexibilização dos processos produtivos e do trabalho (Sivieri, 2001).

Na conjuntura acima referida, o capital engendrou um grandioso processo de reestruturação, almejando a recuperação do seu ciclo produtivo. Assim, diante das metamorfoses no mundo do trabalho e com a crise do paradigma de acumulação taylorista/fordista, apresentada anteriormente, surge um novo modelo de flexibilização produtiva e de organização do trabalho denominado de toyotismo¹¹ (Antunes, 2005).

De forma resumida, esse modo de gerir o trabalho objetivava reduzir os custos, aumentar a produtividade e a competitividade empresarial. Para tanto, foi preciso eliminar os estoques produzindo no momento certo (*Just in time*) e somente o necessário. As empresas tornaram-se horizontalizadas, enxutas e passaram a utilizar novas tecnologias e ferramentas de gestão. No entanto, com a inserção da automação e da robótica alguns postos de trabalho acabaram sendo substituídos ou desapareceram (Sivieri, 2001).

O componente principal da reestruturação do trabalho e da nova forma de organizá-lo está alicerçado na mudança de paradigma, ou seja, do componente manual do trabalho (modelo taylorista/fordista) para o componente intelectual (modelo toyotista). Com isso, as empresas “passam a requerer dos trabalhadores competências de leitura, interpretação de textos, raciocínio abstrato, capacidade de trabalhar em grupos e facilidade de comunicação” (Goulart & Guimarães, 2013, p. 25).

Em vista disso, as transformações na estrutura das organizações demandaram também a necessidade de elevação dos critérios utilizados nos processos de recrutamento e seleção, busca-se um novo perfil de trabalhador, agora polivalente, com maior nível de escolaridade, autonomia e engajamento. A seleção passou a ser realizada por competências, e o candidato selecionado é aquele que preenche os critérios do cargo e possui os conhecimentos, habilidades e atitudes compatíveis com a função (Birchal & Muniz, 2013).

¹¹ Essa nova forma de gerir o trabalho foi desenvolvida no Japão, nas indústrias Toyota entre 1947 e 1970. O Toyotismo possibilitou maior flexibilidade para aumentar ou diminuir a produção, conforme as oscilações do mercado. Esse novo sistema produtivo surgiu num contexto de crescimento lento da economia, diferentemente do modelo anterior (Pinto, 2013).

No entanto, quanto mais as organizações investem na utilização de competências, mais se eleva o grau de deterioração do trabalho. A empresa com alto índice de competitividade tornou-se aquela que reduz drasticamente o trabalho vivo; como o capital não pode eliminar totalmente o trabalho vivo do processo de produção, ele amplia o trabalho morto, eleva a produtividade e, conseqüentemente, a extração da mais-valia, do sobretrabalho no menor tempo possível (Antunes, 2005).

As empresas passaram a utilizar estratégias manipulatórias para que os trabalhadores se envolvessem no ideário organizacional e vestissem a camisa, conforme ditava um jargão organizacional, a tal ponto que os funcionários passaram a ser denominados de colaboradores. As organizações à primeira vista, parecem mais participativas, envolventes e supostamente menos opressoras. A alienação tornou-se mais interiorizada, pois “o Toyotismo só pode viver, e as formas distintas de empresa flexível, com base no envolvimento, na expropriação do intelecto do trabalho” (Antunes, 2012, p. 21).

De acordo com Barreto (2012), esses mecanismos usados pelas empresas objetivam a exploração máxima da classe-que-vive-do-trabalho, ao mesmo tempo em que dão forma à aparente harmonia entre capital e trabalho. É através da atração, da sedução, das corrupções e das mentiras que as organizações manipulam a subjetividade do trabalhador e aprisionam seus desejos.

Esses fatores, quase sempre, levam o sujeito ao adoecimento, à culpabilização, ao embotamento afetivo e ao profundo sofrimento mental, tendo em vista que:

A vida na organização moderna não permite o bem-estar, o tratamento respeitoso, o apoio e autonomia, a confiança e reconhecimento. O que predomina na organização moderna é a desumanização do trabalho, a precariedade, a violação de direitos, a injustiça e irresponsabilidade empresarial, em especial quando o significado do trabalho está centrado na produtividade, no acúmulo de riquezas (Barreto, 2012, p. 121).

Em vista disso, intensificou-se a exploração dos trabalhadores e a manipulação da subjetividade desses sujeitos. A aparente cooperação e evolução na relação entre capital e trabalho apenas ofuscam a ampliação das relações de trabalho precárias e degradantes que se dão sob a égide do capitalismo contemporâneo e são vivenciadas pelo novo trabalhador polivalente (Gaglietti, 2007).

Assim, as conseqüências negativas das metamorfoses no mundo do trabalho afetam não só as condições laborais, de vida e o tempo livre, mas a saúde dos trabalhadores, pois:

A incorporação do discurso empresarial pautado em qualidade total, maior produtividade, maior eficiência, enriquecimento das tarefas, trabalho em times e referência ao trabalhador enquanto colaborador da empresa, resultou em degradação e precarização do trabalho, maior pressão, mais desgaste e aumento do adoecimento dos trabalhadores (Navarro, Maciel, & Matos, 2017, p. 41).

Esse quadro revela-se na contramão de um provável progresso atribuído às novas formas de organização do trabalho, tendo em vista que esta ocasionou não só o aumento da insegurança no mundo do trabalho e no espaço laboral, mas fez surgir um contexto de superexploração da força de trabalho, de precarização, de aumento da informalidade, de terceirização, de recuo da representação sindical e de extinção de postos de trabalho (Goulart & Guimarães, 2013).

Nesse sentido, o enxugamento das empresas evidencia mais uma tática de precarização do mundo do trabalho, pois na medida em que as organizações buscam um trabalhador polivalente, conseqüentemente, ocorrerá diminuição das contratações. É sabido que a elevada qualificação dos trabalhadores e a automação reduzem o número de trabalhadores contratados, eliminam postos de trabalho e originam um problema social bastante conhecido no mundo e amargamente experimentado no Brasil: o desemprego¹² (Goulart & Guimarães, 2013).

De acordo com Antunes (2005), o “não trabalho” é resultado direto do processo de reestruturação produtiva, tendo em vista que este ocasionou não só a expansão do setor de serviços e a eliminação dos direitos trabalhistas, mas fez surgir o desemprego crônico e caráter tecnológico. Assim, “a consequência mais negativa para o mundo do trabalho é dada pela destruição, precarização e eliminação de postos de trabalho, resultando em um desemprego estrutural explosivo” (p. 15).

Embora o desemprego seja compreendido como um fenômeno inerente ao capitalismo e fortemente articulado à reestruturação produtiva, não se pode negar as repercussões psicossociais devastadoras que este traz para os sujeitos, resultando em depressão, perda da autoestima, angústia, desânimo, sentimento de culpa e impotência, uso e abuso de substâncias psicoativas, incerteza em relação ao futuro, desestruturação de laços afetivos, conflitos familiares e conjugais, isolamento social e suicídio (Goulart & Guimarães, 2013).

Nota-se com essa constatação que os trabalhadores desempregados enfrentam dificuldades para além da esfera econômica, ao mesmo tempo em que esta parece determinar outras esferas da vida. Diante dessas circunstâncias, os homens e mulheres desempregados

¹² “Cabe ressaltar, aqui, que consideramos como desemprego e trabalho precário aquela condição em que o trabalhador deixa de ter acesso direto à proteção social e ao amparo jurídico e previdenciário” (Amaral, 2012, p. 75).

tomam uma difícil decisão: permanecer na busca por uma colocação no mercado ou aceitar qualquer labor (Antunes, 2005).

Nesse sentido, Sivieri (2001) observa que o novo mercado de trabalho está estruturado com o objetivo de reduzir o emprego, regular e aumentar o surgimento de trabalhos não permanentes e flexíveis. Este arranjo organiza-se em três círculos convergentes. No centro encontram-se poucos trabalhadores, estes possuem elevada qualificação, são polivalentes e com alto grau de autonomia e responsabilidade, portanto, são estratégicos para a organização flexível.

O segundo círculo é constituído por dois grupos, no primeiro estão os trabalhadores de tempo integral e facilmente substituídos, mas que experimentam alguma segurança e estabilidade, como as secretárias. No segundo estão os trabalhadores que vivenciam a flexibilidade e a falta de segurança no emprego, são os temporários, terceirizados, subcontratados ou de tempo parcial. O terceiro círculo é composto por trabalhadores que não fazem parte das organizações flexíveis, são independentes, vivem do trabalho informal e autônomo, sendo este o único meio que lhes resta para sobreviverem (Sivieri, 2001).

Destarte, na contemporaneidade, a sobrevivência de bilhões de pessoas depende exclusivamente do trabalho, contudo, sob a forma de emprego, está progressivamente mais fluído, instável, precário e escasso. A tecnologia de informação e comunicação fez surgir um novo proletariado da era digital, são trabalhadores *on-line* conectados ininterruptamente e sempre prontos para atenderem a demanda – o trabalho intermitente –, como os trabalhadores de plataformas e aplicativos como *Uber* e *iFood*. Esta modalidade laborativa, isto é, que se expande nas plataformas digitais, é designada de “uberização do trabalho”, fazendo referência à nova forma de organização de trabalho evidenciada pela empresa *Uber* (Antunes, 2018).

Em nosso entendimento, entretanto, a chamada uberização do trabalho somente pode ser compreendida e utilizada como expressão de modos de ser do trabalho que se expandem nas plataformas digitais, onde as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas (sempre que isso for possível) e invisibilizadas, de modo a assumir a aparência de prestação de serviços (Filgueiras & Antunes, 2020, p. 32).

A “uberização” descortina e atualiza a precarização e flexibilização do trabalho através do uso das tecnologias. O desenvolvimento tecnológico não trouxe o fim do trabalho, mas uma nova forma de exploração. De um lado, o trabalhador que através do jogo da sedução compra o discurso de liberdade, de autonomia e se torna um microempreendedor; de outro, as empresas

que deixam de ser empregadoras para se tornar parceiras, uma ponte de conexão entre a demanda (cliente) e os trabalhadores (Antunes, 2018; Filgueiras & Antunes, 2020).

Os trabalhadores de aplicativos e de plataformas digitais não possuem direitos trabalhistas assegurados, vivenciam a insegurança e a instabilidade constantemente. Não há contrato nem regulamentação do trabalho, a remuneração se dá por tarefas e/ou tempo trabalhado. A uberização do trabalho traz a marca da precariedade, da superexploração da mais-valia já conhecida ao longo da história, representa a nova configuração do trabalho nos dias atuais (Filgueiras & Antunes, 2020).

Nessa direção, o capital utiliza-se da precarização do trabalho como estratégia para aumentar sua taxa de lucro, de modo que o trabalho precário, terceirizado, uberizado, subcontratado, resulta no aumento da acumulação capitalista. Assim, quando o trabalhador está diante da inexistência do trabalho formal, o trabalho precário e informal, mesmo com todas as suas mazelas, é responsável por consolidar “a condição de ser trabalhador. E ser trabalhador é construir sonhos, desejos e perspectivas de futuro que se fundam no trabalho, mas que se remetem para além dele, fatores que se esvaem quando se está sem trabalho algum” (Organista, 2006, p. 21)

As análises apresentadas até aqui comprovam o que Marx já analisara anteriormente,

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (Marx, 1844/2010, p. 80).

Diante dessa conjuntura, demasiadamente desfavorável ao mundo do trabalho, foram desenvolvidos discursos e teses sobre a relevância do trabalho na sociedade contemporânea. De um lado, há aqueles que defendem o fim da centralidade do trabalho¹³, de outro, os que argumentam sobre a desconstrução ou desaparecimento do trabalho. Para muitos estudiosos o trabalho deixou de ser uma categoria analítica, através da qual a organização e as relações sociais podem ser compreendidas (Antunes, 2005).

Esse discurso revela, à primeira vista, a presente confusão existente entre dois constructos: trabalho e emprego, o primeiro é a condição básica e infundável da existência

¹³ Informações mais detalhadas acerca do debate em torno da centralidade do trabalho pode ser encontrada em Antunes (2005) e Organista (2006).

humana, o segundo uma construção sócio-histórica. No segundo momento, as diversas formas de precarização do mundo do trabalho, tais como: o aumento de trabalhadores no setor de serviços, o crescimento da informalidade e do desemprego, a diminuição dos empregos estáveis, entre outras, são tomadas como indicadores do fim da centralidade do trabalho (Organista, 2006).

Teóricos como Marx (1867/1983); Antunes (2005); Organista (2006); Bendassolli (2007); Codo (2007); Lessa & Tonet (2011); Dejours (1998/2007), cada qual a seu modo e com suas respectivas bases teóricas, defendem a centralidade do trabalho. Portanto, esses autores compreendem o trabalho como categoria central e fundante do mundo e da sociabilidade humana, de modo que o trabalho é atrelado à saúde física e psíquica dos trabalhadores; à constituição da subjetividade, da identidade e dos modos de ser, estar e agir no mundo.

Corroborando com essa afirmativa, Organista (2006), ao analisar a atividade realizada por camelôs, observa que este trabalho, ainda que precário e exercido na informalidade, não é apenas um meio para a obtenção da sobrevivência e subsistência desses trabalhadores. Esta atividade trata-se de uma tentativa de autoinclusão na sociedade. O trabalho dos camelôs não garante apenas a obtenção de renda e não se limita à sobrevivência, mas revela-se central na estruturação da vida; é através dele que os trabalhadores se sentem vivos e ativos. “Assim, há quem despreze o trabalho, mas também aqueles que o exaltam, todavia, numa coisa, porém, ambos concordam: estar desempregado é se sentir alheio a algo que pode dar sentido à vida” (Carmo, 2005, p. 15).

Em resumo, pode-se compreender o atual mundo do trabalho a partir das seguintes demarcações: crescimento lento da economia; aumento do desemprego em escala mundial; elevação da instabilidade no emprego; utilização em larga escala de novas tecnologias, tais como as que resultaram na “uberização do trabalho”; eliminação de postos de trabalho; redução do trabalho em vivo; e aumento da precarização do trabalho e da extração da mais-valia (Antunes, 2005).

Por fim, a compreensão da nova morfologia/organização do trabalho apresentada até aqui, é de suma importância para o entendimento das relações de trabalho na contemporaneidade, como também para que sejam expostas as tramas que envolvem o trabalho humano neste contexto e que transformam o próprio sentido do trabalho e impactam a subjetividade do trabalhador. Sem dúvida, a contemporaneidade é definida pela desordem do trabalho, com isso, acentuam-se as desigualdades e, conseqüentemente, o sofrimento humano.

Cabe reforçar que a perspectiva adotada nesta dissertação é a da centralidade sociológica e psicológica do trabalho.

4.3. *Sentidos do trabalho artístico: a arte é um trabalho*

Antes de abordarmos as especificidades do trabalho artístico, é importante enfatizarmos que as reflexões teóricas realizadas até o presente momento objetivaram apresentar alguns dos sentidos atribuídos ao trabalho no decorrer do processo histórico, como também abordar as metamorfoses pelas quais o trabalho, sob a forma de emprego, passou e vem passando no capitalismo contemporâneo. Estas transformações afetam todos os trabalhadores – do chão das fábricas aos ateliês dos artistas. Assim, o modo como o trabalho é organizado no sistema capitalista traz consequências diretas para toda a classe-que-vive-do-trabalho.

Destarte, é necessário situar o artista enquanto trabalhador; o artista é um trabalhador e a arte é uma profissão, um trabalho como qualquer outro (Menger, 2005). “A arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico, (...) e que possui em si o seu próprio valor” (Junior, 2007, p. 07). A arte é um meio não apenas de retratar a existência, mas de instrumentalizar os sujeitos para a compreensão e transformação da realidade social. O trabalho do artista é imprescindível para a sociedade e cumpre uma função social bastante específica: mostrar como o mundo e as coisas poderiam ser e, ao mesmo tempo, incentivar a ação e a transformação do mundo (Fischer, 1959/1983).

A arte é considerada como uma das primeiras manifestações humanas, um meio pelo qual os sujeitos retratam e eternizam suas vivências. Através do processo de criação de objetos e formas, como pinturas nas cavernas, as comunidades pré-históricas registraram sua presença e passagem pelo mundo. Neste período a arte era uma atividade social por excelência, um instrumento coletivo e mágico, não estava diretamente ligada ao conceito de beleza ou estética, sua principal função era conferir poder aos seres humanos, possibilitando a sobrevivência, a criação e manutenção de laços de sociabilidade (Júnior, 2007; Fischer, 1959/1983).

As sociedades primitivas conheciam e manipulavam bem uma das funções das artes: a capacidade de suscitar sentimentos e emoções, seu potencial de inspirar medo e conceder poder sobre os adversários. As pinturas para as batalhas e os gritos de guerras traziam força e ânimo para o combate; as representações artísticas dos animais nas cavernas retratavam a superioridade do caçador em relação à natureza, esta era subjugada conforme as necessidades

humanas. Portanto, a arte – tão antiga quanto a humanidade –, possibilitou mais que o registro histórico da nossa existência, serviu como instrumento na dominação da natureza (Fischer, 1959/1983).

Nas sociedades divididas em classes a arte não perdeu totalmente seu caráter coletivo, mas, por vezes, deixa de ser a voz da coletividade e a força capaz de transformar a realidade social, para servir aos interesses da classe dominante. Observa-se que em cada contexto histórico, econômico, social e cultural a arte, enquanto experiência humana, se manifesta de diferentes formas e finalidades. Apesar disso, a existência da arte requer, indispensavelmente, a presença de três elementos: o artista, o observador e o objeto artístico (Júnior, 2007; Fischer, 1959/1983).

O artista é um trabalhador, é aquele que cria e dá forma a uma obra, seja ela um desenho, uma escultura ou uma peça, seu intuito é retratar a realidade por meio da sua visão de mundo e assim transmitir ideias, emoções e sentimentos ao observador. Durante o processo de criação utiliza o recurso da imaginação e da criatividade; a representação simbólica dispensa o artista da obrigação de retratar fielmente a realidade, permitindo a expressão livre de como as coisas podem ou deveriam ser. Cada obra criada expressará uma ideia e estabelecerá seu próprio conceito de beleza, não existe regras para dizer se um objeto artístico é ou não belo, este julgamento dependerá, especialmente, da subjetividade do observador. A experiência estética é atravessada pelos sentimentos, pela imaginação e pela intuição, a arte a princípio é sentida para depois ser analisada por meio da razão (Júnior, 2007; Fischer, 1959/1983).

O processo de criação artística possibilita a ampliação de sentimentos e o rompimento com a cotidianidade. A arte seleciona da própria existência o conteúdo que ela apresenta; é no mundo, na natureza e nas coisas da vida que o material artístico é encontrado. O artista, ao se apropriar desses elementos, produz algo novo, rompe com o habitual. É justamente dessa necessidade – produzida pelos seres humanos –, de romper e estabelecer novas relações com o cotidiano que a arte surge. Destarte, a relação dos sujeitos com a arte e com a experiência estética não se dá somente pela busca do prazer, mas pela urgente necessidade de romper com o habitual, de estabelecer novas relações estéticas com a existência:

Quando o personagem/artista cria um movimento novo, ele está necessariamente resgatando suas experiências diárias, assim como seus conhecimentos técnicos, buscando compreender a realidade, permitindo-se degradá-la para então recombina-la. Este processo o faz dar um salto qualitativo no fazer e, assim, ele apropria-se da atividade em si (Pereira, 2010, p.112).

Desse modo, a criação de um objeto artístico objetiva satisfazer as necessidades de expressão, afirmação e comunicação do artista. A obra de arte possui um fim em si mesma, um valor de uso e se traduz em um objeto. A arte não é criada gratuitamente – arte pela arte –, e sim para satisfazer necessidades especificamente humanas; é produzida por e para o ser humano. Resulta de um trabalho pessoal e singular que dá à obra seu caráter de irrepetibilidade e unicidade, conseqüentemente, não há duas obras iguais, já que as motivações, o contexto e as variáveis objetivas e subjetivas presentes no momento da criação não se repetem do mesmo modo (Vásquez, 2010).

Para realizar seu trabalho, o artista necessita sujeitar a natureza, dominar a realidade e transformá-la em obra. É preciso dar forma à matéria e metamorfoseá-la em arte. Nesse processo, a emoção não é o único requisito necessário, é vital conhecer técnicas que viabilizem a sujeição da natureza à arte, como também permitam tratar e transmitir adequadamente os sentimentos, sem se deixar dominar por estes. A arte é construída, necessita da relação profunda com a realidade e toma forma através da objetivação. Como um trabalho, é um processo intencional e consciente. “Para conseguir ser um artista é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma” (Fischer, 1959/1983, p. 14).

Através do trabalho o ser humano cria o mundo, por meio do trabalho artístico o humaniza. A arte é um trabalho no qual se manifesta a capacidade criadora do sujeito de forma mais intensa, nem mesmo em um trabalho livre/não alienado, realizado na esfera da produção material, observa-se essa profundidade criadora. Ao produzir um objeto o artista imprime significação humana a este, satisfaz sua necessidade de objetivação de si mesmo, se expressa, se comunica, encontra sentido para a vida e se move pela vontade de humanizar o mundo. Compreendida desta perspectiva pode-se afirmar que a arte é a atividade criadora por excelência (Vásquez, 2010).

No entanto, no capitalismo o artista encontra-se em um cenário bastante característico, frequentemente, torna-se produtor de mercadorias, se submete às leis da competição e insere sua obra no livre mercado. O capitalismo é essencialmente hostil à produção artística, não está disposto a promover a arte e nem sempre a considerou vantajosa e lucrativa. A realidade burguesa de alienação, desigualdades e exploração não inspira o artista, este percebe a hostilidade à arte ao ver seu objeto, sua criação se transformar em coisa, considerando que tudo o que é tocado pelo modo de produção capitalista transforma-se em mercadoria, inclusive a arte (Fischer, 1959/1983).

A hostilidade do capitalismo à arte se evidencia na desumana tentativa de integração da produção espiritual ao domínio da produção material. A arte transformada em mercadoria torna-se uma atividade produtora de mais-valia, perde a significação humana que lhe é atribuída. O trabalho artístico – a experiência estética –, tem o poder de proporcionar prazer, de estimular a imaginação, a criatividade e o senso crítico, contudo, ao produzir lucro deixa de satisfazer necessidades especificamente humanas para atender as demandas do capital. Ao transformar a arte em mercadoria o capitalismo converte o trabalho vivo-útil-concreto em trabalho morto-abstrato, isto é, transforma o fazer artístico em uma atividade social assalariada regida pelo capital (Vásquez, 2010).

Desse modo, as ideologias e os interesses do regime capitalista não são dignos de serem incorporados ao processo de criação artística. Como o capitalismo não pode impulsionar o artista a sentir a necessidade interior de criar segundo seus ideais, o força por meio de necessidades exteriores de subsistência. O artista se vê diante de um paradoxo: precisa criar e subsistir; se for impelido pela necessidade de sobrevivência cria para outrem, para o mercado, conseqüentemente, reduz suas possibilidades criadoras, abre mão de sua liberdade e não produz em conformidade com sua necessidade de expressão e comunicação (Vásquez, 2010).

Para driblar esse sistema social-econômico que sujeita tudo às leis da produção material, o artista acaba por desdobrar sua atividade criadora, em outros termos, desenvolve duas atividades concomitantes, por exemplo, pode ser pintor e encanador; de um lado, cria para si, de outro produz para o mercado. Por essa via o artista satisfaz sua necessidade interior de expressão e exterior de subsistência, ao mesmo tempo, luta para que sua arte não seja transformada em mercadoria e a sua liberdade criadora se mantenha intacta. É relevante destacar que nem todas as artes estão sujeitas às leis da produção material na mesma intensidade, existem algumas áreas, como o cinema, que são mais dependentes do mercado que a poesia ou a dança. O poeta, que não almeja alcançar um grande público, consegue fazer seu trabalho à margem do sistema capitalista e experimenta em menor grau sua hostilidade:

A hostilidade do capitalismo à arte, (...) é uma tendência que – ainda estando nas próprias entranhas da produção capitalista –, não consegue se impor plenamente, graças à impossibilidade de reduzir o trabalho artístico à condição de trabalho alienado, mediante sua transformação em uma atividade puramente formal, mecânica. Inclusive, quando o artista trabalha para o mercado, resiste à uniformidade, à nivelação que destrói sua personalidade criadora; portanto, pelo simples fato de explicitar suas possibilidades criadoras, acha-se em luta contra o cerco hostil perpetuado pelo mercado capitalista (Vásquez, 2010, p. 207).

Assim, constata-se que o trabalhador-artista não aceita passivamente que a sua arte seja tocada pelo capitalismo, esvaziada de significação humana e transformada em mercadoria, em coisa. O artista luta constantemente contra a hostilidade do sistema desumano e desumanizador no qual o seu trabalho se desenrola, seu instrumento de batalha é a própria arte, esta é potência, portanto, possibilita o questionamento da realidade e a contraposição das ideias e valores da classe dominante. Dessa batalha diária, às vezes o artista não sai vencedor, pois é atingido pelos critérios de produtividade que prejudicam a visão das possibilidades existentes para a criação, o artista é capturado pelas leis do mercado (Vásquez, 2010).

Nessa direção, é necessário dizer que o trabalho do artista tem sido analisado de forma a privilegiar a obra ou o resultado, pouco se tem investigado a respeito das relações e dos processos de trabalho dos quais resultam a criação ou a performance. É preciso conhecer, descrever e analisar os constrangimentos que atravessam o fazer destes trabalhadores inseridos no mundo do trabalho, haja vista que esta profissão possui especificidades e se desenrola em um sistema social-econômico hostil à arte. Essa tomada de consciência é imprescindível para que o pesquisador torne pública a realidade por trás das cortinas e se afaste do risco de revelar a obra e silenciar o trabalho que a produz, ou até mesmo, de romantizar o trabalho artístico ao revesti-lo de idealizações (Segnini, 2016).

A arte é uma atividade que se insere nas relações de emprego e de produção, o artista ao se submeter ao mundo do trabalho experimenta de suas regras e constrangimentos como qualquer outro trabalhador. A análise da arte enquanto trabalho/profissão revela duas faces de uma mesma moeda: de um lado, seu potencial de encantar e permitir a criação de um objeto dotado de sentido humano, de outro, o lado obscuro da concorrência que produz disparidades de sucesso e remuneração. Atualmente é possível falar em carreira artística dada a especificidade dessa área, porém muitos profissionais se deparam com desigualdades no que se refere ao reconhecimento, sucesso e retorno financeiro (Menger, 2005).

No geral, o trabalho artístico é organizado basicamente de três modos: contrato de tempo integral em companhias circenses, orquestras etc.; contrato temporário com atividades realizadas de maneira esporádica e com remuneração por tarefas; e contratação por uma obra, apresentação ou prestação de serviço. O mercado de trabalho artístico é composto por profissionais que possuem um perfil bastante característico, são indivíduos mais jovens que vivem nos grandes centros e possuem maior grau de escolaridade e instrução. Grande parte desses trabalhadores estão inseridos em formas flexíveis de emprego tais como: *freelancing*,

autoemprego, trabalho intermitente e de tempo parcial; esses trabalhadores também vivenciam elevadas taxas de desemprego, subemprego, trabalho autônomo e informal (Menger, 2005).

Apesar desse retrato desumano, o artista na contemporaneidade é considerado um trabalhador do futuro, um profissional polivalente, qualificado, intrinsecamente motivado, disposto a se expor a riscos e enfrentar a concorrência e as inseguranças que permeiam a profissão (Menger, 2005). Essas representações do artista não são neutras e servem para mascarar a superexploração do trabalho, haja vista que o capital se utiliza da precarização do trabalho com o objetivo de elevar a taxa de lucro e com isso aumentar a acumulação capitalista (Fischer, 1959/1983; Organista, 2006).

No atual mercado de trabalho o trabalhador perde seus direitos e experimenta amargamente o trabalho flexível – sem carteira –, precário e que exige um nível elevado de qualificação e comprometimento. O trabalhador-artista ao se inserir nessa conjuntura vivencia de forma mais intensa a instabilidade que marca seu contexto de trabalho, isto é, o artista no exercício de sua profissão padece dos constrangimentos que atravessam o mundo do labor de forma tão intensa, que seu trabalho pode ser considerado um exemplo nítido de trabalho flexível. “O trabalho artístico é, por excelência, flexível, seja em termos do conteúdo do trabalho, seja em termos de locais, horários ou contratos (...) Essas características sintetizam as especificidades do trabalho e da profissão do artista” (Segnini, 2016, pp. 68-69).

A despeito dessa realidade, as representações em torno da carreira artística sempre foram impregnadas de romantização. O artista é compreendido como um sujeito rebelde por natureza e que está disposto a sacrificar sua vida pessoal em função do trabalho, da arte. Essas concepções, às vezes, não correspondem à existência concreta, o que se observa é uma imagem da realidade bem distante das idealizações. Os artistas não são valorizados e reconhecidos como deveriam, no mundo do trabalho artístico as diferenças se ampliam, assim discrepâncias mínimas de aptidões, talentos ou oportunidades convergem em grandes *gaps*, por esse motivo, muitos artistas experimentam desigualdades em termos de reconhecimento e valorização financeira. Mesmo com todas essas dificuldades os artistas ainda buscam uma colocação no mercado de trabalho por alguns motivos: sentimento de paixão pela arte e de vocação, percepção de que o reconhecimento dos pares está acima do êxito financeiro; possibilidade de realizar um trabalho que se gosta e dá prazer; perspectiva de aprendizado e superação; e preferência pessoal por uma atividade mais livre, sem rotinas e instável (Bendassolli, 2009).

No que se refere às pesquisas de campo sobre os significados e as especificidades do trabalho artístico, Bendassolli e Andrade (2011, 2015) e Segnini (2016), destacam que o

trabalho do artista é regularmente organizado por projetos de curta duração, as políticas públicas que deveriam garantir direitos sociais e proteção ao trabalho destes profissionais são ausentes no Brasil, país este que pouco valoriza a arte e seus artistas. O universo artístico possui um nível elevado de competitividade, é composto por profissionais predominantemente do sexo masculino e altamente qualificados, que enfrentam sobrecarga de trabalho, tendo em vista que se dividem entre vários projetos e constantemente exercem atividades laborais em mais de um emprego.

Os estudos apontam ainda que o trabalho é central para os artistas e torna-se significativo na medida em que possibilita o desenvolvimento e aperfeiçoamento de potencialidades e é reconhecido pelo seu valor e utilidade social. As atividades desenvolvidas por estes trabalhadores demandam vinculação emocional, envolvimento afetivo, utilização da inteligência e do potencial criativo, mobilização subjetiva, liberdade e autonomia na realização do trabalho. Os artistas se entregam ao fluxo do processo criativo, se expressam por meio da arte, experimentam prazer e satisfação com o resultado do trabalho, se preocupam com a melhora de suas performances e com o desenvolvimento contínuo, e esperam reconhecimento pelo trabalho realizado (Bendassolli & Andrade, 2011, 2015).

Com relação ao prazer-sofrimento no trabalho artístico, as investigações apontam que as vivências de sofrimento estão relacionadas à sobrecarga de trabalho, ao desgaste físico e emocional, à instabilidade e à incerteza quanto ao futuro profissional e financeiro, à desigualdade salarial e ausência de vínculo formal de trabalho e benefícios, à constante avaliação da performance e à exigência por um bom desempenho, o não reconhecimento da arte como um trabalho e a não aceitação da família da escolha profissional. No que se refere ao prazer no trabalho, os resultados indicam que esta vivência está relacionada ao exercício de uma profissão livremente escolhida, ao apoio e cooperação entre os pares, à liberdade dada pela organização do trabalho para que o artista possa se mobilizar subjetivamente, utilizar a inteligência prática, a criatividade e executar suas atividades com autonomia. Estas vivências também se relacionam ao reconhecimento recebido do público, dos colegas de trabalho e da hierarquia (Assis & Macedo, 2008; Nascimento & Dellagnelo, 2018; Nascimento, Xavier & Dellagnelo, 2018; Segnini, 2010; Segnini & Lancman, 2011).

Os resultados dos estudos apresentados acima foram realizados com artistas das mais diversas áreas, tais como músicos, atores, bailarinos, entre outros. Todavia, dadas as especificidades da presente dissertação é necessário expor resultados de pesquisas realizadas com artistas circenses. Nesse sentido, Colet e Mozzato (2019); Souza e Júnior (2015), Werner,

Girelli e Dal Magro (2017), constataram que os artistas circenses se identificam com o trabalho que realizam, se sentem úteis, se vinculam afetivamente com os pares e aprendem por meio das trocas e da convivência. O trabalho ocupa lugar de destaque na vida e no cotidiano destes profissionais, mais que um meio de obtenção de renda é uma via para realização. Por outro lado, a instabilidade e debilidade dos vínculos trabalhistas são visíveis nesse contexto, grande parte do contingente de trabalhadores circenses está na informalidade – o acesso aos direitos trabalhistas é precarizado.

É importante enfatizar que estas investigações corroboram com as discussões teóricas sobre o trabalho dos artistas, descortinam os bastidores, revelam a obra e o trabalho que a produz. Em resumo, estes estudos mostram que os trabalhadores-artistas enfrentam desigualdades, sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento, baixa remuneração, múltiplas jornadas, entre outros indicadores de sofrimento. Esse retrato do mercado de trabalho artístico confirma que a precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo atinge toda a classe-que-vive-do-trabalho e que não há um trabalhador que esteja a salvo desse sistema cruel, opressor e adoecedor (Antunes, 2005; Segnini, 2016).

Contudo, essas discussões também indicam que os artistas realizam uma atividade livremente escolhida, que possibilita a criação e a humanização do mundo. Por meio da arte, enquanto trabalho, o artista – o ser humano – constrói novas histórias, habilidades, conhecimentos e relações sociais, se faz um autêntico ser social (Codo, 2006; Lessa & Tonet, 2011; Vásquez, 2010). Por fim, a partir dessas reflexões pode-se afirmar que o artista é um trabalhador e a arte é um trabalho, através do qual o artista não só obtém prazer, mas estabelece novas relações com o mundo e nos provoca a reformular muitas vezes nossa compreensão da realidade.

Realizado o percurso sobre os sentidos do trabalho, apresentaremos alguns aspectos históricos e conceituais da Psicodinâmica do Trabalho para que possamos compreender esta abordagem teórica, e assim analisarmos as vivências/sentidos de prazer e sofrimento no trabalho de professores de atividades circenses de Corumbá – MS.

5. Psicodinâmica do Trabalho: apontamentos históricos

Nesta seção, serão apresentados alguns fatores históricos e conceituais da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Alguns dos conceitos abordados aqui serão aprofundados em seguida, tendo em vista que estes darão sustentação para análises dos dados. No entanto, esta etapa é central, pois possibilitará melhor compreensão da área e de seu desenvolvimento ao longo dos anos.

A PDT foi desenvolvida a partir da década de 1980, pelo médico do trabalho, psicanalista e psiquiatra francês Christophe Dejours. Ao longo de sua trajetória ainda em curso, esta disciplina modificou o modo de se estudar a inter-relação trabalho-saúde e empreendeu a construção de um conjunto teórico-metodológico consistente e independente. Atualmente a Psicodinâmica é amplamente (re)conhecida e discutida no Brasil (Dejours, 2017; Mendes, 2007a).

O processo histórico da Psicodinâmica confirma que o debate em torno do campo da saúde mental no trabalho (SM&T) não é recente, considerando que em 1950 a psicopatologia do trabalho (PPT) buscava colocar em evidência as afecções mentais decorrentes do trabalho. Os pioneiros desta disciplina postulavam que o trabalho era produtor de doenças mentais, isto é, provocava transtornos psíquicos específicos e passíveis de caracterização (Dejours, 2007a; Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

Na década 1970, as pesquisas realizadas por Dejours em psicopatologia inspiravam-se nessa tradição. O autor ainda nutria a antiga esperança de encontrar doenças mentais inerentes ao trabalho, portanto, de estabelecer o nexos causal entre trabalho e distúrbios psicopatológicos. “Nesta época, nossas tematizações ainda eram sobre a relação trabalho-saúde mental, segundo um modelo causalista emprestado da patologia somática de origem profissional, sem abandonar a esperança de encontrar evidências de doenças mentais específicas do trabalho” (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994, p. 122).

No entanto, tais estudos não trouxeram os resultados pretendidos e não confirmaram a hipótese da existência de doenças mentais caracterizadas – específicas do trabalho. Contrariamente à suposição, observou-se que os trabalhadores, em sua maioria, mantêm o equilíbrio psíquico apesar dos constrangimentos e descontentamentos causados pela organização do trabalho (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

A partir dessas constatações, Dejours (1993/2011) percebeu que era preciso desviar a atenção da doença mental descompensada, das condições psicopatológicas do trabalho e de suas

implicações na saúde mental. O foco deveria estar sobre as estratégias de defesas utilizadas pelos trabalhadores para resistirem às pressões vivenciadas no cotidiano do trabalho. No entanto, para que esse desenvolvimento teórico fosse possível era imprescindível abandonar o modelo psicopatológico causal e a compreensão de que os trabalhadores eram passivos diante das pressões organizacionais.

Trata-se agora de analisar o sofrimento no trabalho e as defesas adotadas contra este, tendo em vista que os sujeitos-trabalhadores resistem ao adoecimento e aos efeitos desestabilizadores do trabalho, pois são ativos e agem na direção de se protegerem das consequências degradantes da organização do trabalho sobre a saúde mental. Cabe enfatizar que nesta fase de desenvolvimento da PPT, o sofrimento era compreendido como negativo, uma força que empurra o sujeito ao adoecimento. Somente mais tarde esta concepção foi utilizada para se referir ao sofrimento patogênico – aquele que surge quando todas as possibilidades de (re)ajustes da organização do trabalho fracassam –, em contraste com o sofrimento criativo (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

Com a publicação de “A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho”, em 1980 na França, e posteriormente no Brasil em 1987. Dejours lança as bases do que é compreendido como a primeira fase da PDT. As investigações nessa etapa são centradas na origem do sofrimento decorrente do confronto dos sujeitos-trabalhadores com a organização do trabalho – realidade do trabalho. Desse confronto surge uma vivência e um sofrimento que é, sobretudo, de natureza mental. De um lado, os desejos dos trabalhadores, de outro, a rigidez da organização do trabalho que não permite que os sujeitos modifiquem suas tarefas. Depreende-se então, que o sofrimento começa quando a relação “homem-trabalho” é bloqueada (Dejours, 1980/2015; Mendes, 2007a).

É no referido ensaio que Dejours (1980/2015) afirma que não existem neuroses e psicoses de trabalho, tendo em vista que tais descompensações dependem da organização de personalidade de cada sujeito e esta é estruturada desde muito cedo – é anterior à entrada do trabalhador na organização do trabalho. “Até os maiores ferrenhos críticos da nosologia psiquiátrica não conseguiriam provar a existência de uma patologia mental decorrente do trabalho” (pp. 158-159).

O desafio que se impõe, a partir de então, é o de descortinar o que os trabalhadores fazem para não ficarem loucos. Em outras palavras, para evitarem a descompensação e não sucumbirem apesar dos efeitos desestruturantes e desestabilizadores do trabalho. Tais questões

ampliaram consideravelmente o objeto de estudo em PPT e tornaram-se o alicerce da disciplina nascente (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

A questão que se coloca desde a primeira fase das pesquisas em psicopatologia não é mais a existência de doenças mentais relacionadas ao trabalho, mas os motivos pelos quais os trabalhadores não enlouquecem e resistem aos ataques sobre o funcionamento psíquico engendrados pelo trabalho e pela sua organização. A normalidade torna-se um enigma a ser investigado a partir dos mecanismos de defesas elaborados pelos trabalhadores (Dejours, 1993/2011; Sznelwar, 2011).

Nota-se que a normalidade é conquistada pelos sujeitos-trabalhadores através dos mecanismos de defesa. Enfatiza o autor,

Normalidade que ocorre, de saída, como equilíbrio instável, fundamentalmente precário, entre sofrimento e as defesas contra o sofrimento. Normalidade que se dá também como resultado de estratégias complexas e rigorosas, e não como resultante mecânica de um somatório de ações e de reações, de estímulos e de respostas, mas como estratégias fundamentalmente intencionais (Dejours, 1993/2011, p. 62).

Nas investigações subsequentes o interesse se volta para os recursos empregados pelos trabalhadores para escaparem da doença mental, resistirem à adversidade e evitarem a descompensação – a loucura. Conclui-se que os trabalhadores sofrem, mas também constroem estratégias de defesas individuais e/ou coletivas contra o sofrimento. Assim, o eixo central das análises passa a ser o sofrimento no trabalho. Sofrimento compreendido como o campo que faz separação entre a saúde (sofrimento criativo) e o adoecimento (sofrimento patogênico). Sofrimento compatível com a normalidade e com o equilíbrio. “O sofrimento será concebido como a vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto – ou bem-estar” (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994, p. 127).

Com os avanços das investigações tornou-se cada vez mais explícito o embate entre o modo de operar das organizações do trabalho e a maneira singular de funcionar dos trabalhadores, haja vista que estes possuem um aparelho psíquico. A PPT colocou em destaque a relação intrínseca entre trabalho e saúde mental, trabalho e processos psíquicos. A partir das pesquisas sobre o sofrimento no trabalho e as defesas contra o adoecimento, aos poucos, foi sendo delineado outro modelo teórico que culminou na redefinição do objeto de pesquisa em psicopatologia. Assim, realiza-se o trajeto da PPT à PDT (Dejours, 1993/2011; Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

É através da passagem da patologia/doença mental à normalidade/saúde que Dejours propõe em 1992 uma nova disciplina. Trata-se da PDT:

Penso que é necessário reconhecer – estimulado pelas críticas cada vez mais abundantes provocadas pela denominação “psicopatologia do trabalho” como disciplina – o deslocamento qualitativo que foi ganhando corpo após 1980, data da publicação do ensaio sobre psicopatologia do trabalho. Ao operar esta passagem da patologia à normalidade, sou levado a propor uma nova nomenclatura para designar essas pesquisas: psicodinâmica do trabalho (Dejours, 1993/2011, p. 63).

A partir de então, as investigações passaram a abarcar todos os trabalhadores e não somente aqueles que sofrem as mazelas do adoecimento no trabalho. Dejours, ao propor a normalidade como objeto de estudo realiza uma ‘reviravolta’ teórica e epistemológica, possibilitando expansão de horizontes e perspectivas. Todavia, esse desenvolvimento teórico só foi possível com a descoberta de que a organização do trabalho não é um bloco rígido – a relação entre o sujeito e o modo como o trabalho é organizado está em permanente movimento e transformação. Constata-se que os trabalhadores podem realizar (re)ajustes e (re)arranjos na organização do trabalho desde que haja liberdade para tal (Dejours, 1993/2011; Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Ferreira, 2015).

Se em sua primeira fase a Psicodinâmica buscava analisar o sofrimento no trabalho, as defesas e os desdobramentos desse sofrimento, isto é, os processos psíquicos mobilizados pelo confronto do sujeito com a organização do trabalho, em um segundo momento, a análise desloca-se para os processos intersubjetivos mobilizados em cada contexto de trabalho. A ênfase é colocada nas vivências de prazer-sofrimento pertencentes a todo contexto de trabalho (Dejours, 1993/2011; Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Sznelwar, 2011).

Para melhor compreensão da PDT é importante ressaltar que esta abordagem é alicerçada em conhecimentos oriundos da filosofia, da psicanálise, da ergonomia e da sociologia. Utiliza conceitos que abrangem, tanto o sofrimento e o prazer quanto à loucura e a normalidade; compreende que determinados contextos de trabalho podem se metamorfosear em lugar de saúde e/ou de adoecimento; e afirma que o trabalho pode ser fonte, tanto de prazer quanto de sofrimento (Dejours, 1993/2011; Dejours, 2017; Mendes, 2007a).

A psicodinâmica tem como objeto de estudo a relação entre os processos de subjetivação dos trabalhadores e a organização do trabalho. Os processos de subjetivação, isto é, de atribuição de sentido, são construídos na relação do sujeito com a realidade de trabalho e se manifestam na forma de pensar, sentir e agir dos trabalhadores. É a partir do processo de atribuição de sentido que o trabalho pode ser compreendido (Mendes, 2007a). Neste ponto,

evidencia-se não apenas a mudança de nomenclatura, mas o aprofundamento teórico-metodológico em Psicodinâmica que extrapola as fronteiras da organização do trabalho para compreender as situações de trabalho internamente (Dejours, 1993/2011).

A Psicodinâmica é definida como uma clínica – é simultaneamente clínica e teórica. Utiliza a fala e a escuta como ferramentas que possibilitam o resgate da capacidade de pensamento dos trabalhadores e o desenvolvimento de estratégias de ações individuais e coletivas que possibilitam o confronto das situações geradoras de sofrimento e abrem vias para o prazer no trabalho e, conseqüentemente, para a saúde. Destaca-se nessa conjuntura a capacidade de reapropriação e emancipação da escuta clínica do sofrimento no trabalho. É no espaço público de fala-escuta que os trabalhadores refletem, elaboram e compartilham vivências (Lancman, 2011; Mendes, 2007a; Martins, Moraes & Lima, 2010; Moraes, 2015).

Assim, a Psicodinâmica realiza investigações que abarcam o conteúdo simbólico, os processos psíquicos e a relação subjetiva que os sujeitos estabelecem com as atividades que desenvolvem. Portanto, esta abordagem pode ser considerada uma “teoria crítica do trabalho”, pois efetua críticas ao trabalho prescrito, acredita na possibilidade de emancipação dos sujeitos, na (re)construção da relação entre os trabalhadores e a realidade de trabalho. Compartilha de uma visão de ser humano plenamente capaz de resistir às adversidades e transformar as situações geradoras de sofrimento (Lancman, 2011; Mendes, 2007a).

Nessa direção, a PDT não produz apenas conhecimento científico ao registrar os resultados de suas investigações clínicas. Trata-se também de uma forma de ação na organização do trabalho – sobre o trabalho; é um meio de descortinar o sofrimento que até então estava oculto. Destarte, a Psicodinâmica se preocupa com o sofrimento no trabalho, com os adoecimentos e/ou patologias associadas a ele, mas também se interessa pelo prazer no trabalho. Em outros termos, pelas condições nas quais o trabalho pode ser fonte de prazer e favorecer condições para a construção da saúde dos trabalhadores (Dejours, 2017; Mendes, 2007a; Moraes, 2015).

Isto posto, conclui-se que o desenvolvimento teórico/histórico da PDT – a passagem da doença mental/patologia a normalidade/saúde –, é marcado pela incorporação de novos conceitos e pela compreensão do trabalho como essencialmente humano; parte da constituição do sujeito; essencial na manutenção da saúde e na construção da identidade; mediador de autorrealização; fonte de prazer e sofrimento; e promotor de saúde e/ou de adoecimento.

5.1. *Sentidos de prazer e sofrimento no trabalho*

Antes de iniciarmos este tópico é importante enfatizarmos que as vivências de prazer e sofrimento são consideradas, para a Psicodinâmica, os sentidos do trabalho (Mendes, 2007a; Mendes, 2007b; Martins & Lima, 2015). Este apontamento é necessário, pois nesta dissertação objetiva-se conhecer os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses, logo, busca-se conhecer as vivências de prazer e sofrimento experienciadas por estes trabalhadores.

Desse modo, para a PDT,

(...) o trabalho é caracterizado como fonte de prazer e sofrimento. Considera a existência de forças contraditórias e conflitantes no contexto de trabalho, sendo as vivências de prazer-sofrimento entendidas como o sentido do trabalho, e, como tal, uma construção única e dialética (Mendes, 2007a, p. 42).

Nessa direção, os sentidos/vivências de prazer-sofrimento no trabalho vêm sendo estudados teoricamente e em diversos contextos por: Augusto, Freitas e Mendes, (2014); Castro-Silva (2006); Dejours (1980/2015; 1989/1994; 1995/2005; 1998/2007; 2017); Dejours e Abdoucheli (1990/1994); Martins, Moraes e Lima (2010); Mendes (2007a; 2007b); Mendes e Morrone, (2002); Moraes (2014). Já no contexto do trabalho artístico há alguns estudos, entre eles: Assis e Macedo (2008); Nascimento e Dellagnelo (2018); Nascimento, Xavier e Dellagnelo (2018); Segnini (2010); Segnini e Lancman (2011).

Prazer-sofrimento são vivências subjetivas experienciadas por um sujeito real, isto é, por um corpo, assim como o medo, o amor e o desejo. Cada sujeito-trabalhador vivenciará o sofrimento e o prazer de modo único e particular, contudo, cada contexto de trabalho será mais ou menos produtor de sofrimento (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

A PDT parte do pressuposto de que o sofrimento não só é inerente ao trabalho, mas “ser sofrente” faz parte da constituição do ser humano, de sua condição de ser gente. O sofrimento origina do conflito entre o desejo dos trabalhadores e as condições para satisfação dessas necessidades. São experiências dolorosas, tais como a angústia e o medo, por exemplo. Consiste em um poderoso mobilizador para a mudança da realidade problemática experienciada. É a partir do sofrimento – dessa espécie de drama –, que o sujeito se mobiliza em direção à saúde e transforma a realidade por meio da ação (Castro-Silva, 2006; Mendes, 2007a).

O sofrimento no trabalho tem dois destinos, pode ser patogênico quando o trabalhador não encontra vias para transformá-lo ou ressignificá-lo. Neste ponto todos os recursos defensivos são explorados até o aparelho mental e o equilíbrio psíquico serem destruídos, o

sujeito é então “empurrado” para a descompensação física ou mental e para a doença. Todavia, o sofrimento pode ser criativo quando o sujeito mobiliza a sua inteligência para criar novas formas de realizar o trabalho e é reconhecido pelo seu fazer (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Martins, 2008; Mendes & Araújo, 2010; Moraes, 2013).

Sendo assim, é possível ao trabalhador encontrar vias para subverter o sofrimento e dar sentido a este, isto é, transformá-lo em prazer. No entanto, a transformação do sofrimento e o seu destino – se criativo ou patogênico –, depende do contexto de trabalho em suas três dimensões: organização do trabalho, condições de trabalho e relações socioprofissionais, aqui entendidas como relações interpessoais que incluem colegas, hierarquia e clientes. Essas dimensões influenciam diretamente na superação e transformação do sofrimento em prazer (Augusto, Freitas, & Mendes, 2014; Mendes, 2007a, Mendes, 2007b).

Desse modo, o desafio posto para a Psicodinâmica é o de delinear ações que propiciem a transformação do sofrimento e não a sua eliminação, tendo em vista que o sofrimento pode ser transformado em criatividade pelo trabalhador e assim promover a saúde e o bem-estar físico e mental. O trabalho pode ser um poderoso mediador para a saúde, quando organizado de uma forma que possibilite vivências de prazer (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Mendes, 2007a; Mendes, 2008; Mendes & Morrone, 2002).

Castro-Silva (2006) salienta que o prazer no contexto de trabalho é uma vivência gratificante, obtida quando o trabalhador conquista a satisfação de suas necessidades e desejos. Continua o autor,

Ele {o prazer} se expressa pela liberdade, realização, gratificação, reconhecimento, valorização e satisfação no trabalho. De forma direta, é vivenciado por meio de processos sublimatórios e, de forma indireta, pela dinâmica do reconhecimento, que possibilita a resignificação do sofrimento, ou pela transformação das situações de trabalho, através da mobilização coletiva (p. 20).

Para Dejours e Abdoucheli (1990/1994), o trabalho não se revela apenas como um espaço de investimento subjetivo, mas de construção do sentido e, conseqüentemente, de constituição da identidade, continuidade e historicidade dos sujeitos. “Em outros termos, o sentido que o sujeito constrói é fortemente singularizado pela forma através da qual a situação atual de trabalho se encaixa, faz ressonância com as experiências passadas e expectativas atuais do sujeito” (p. 141).

Desse modo, no que se refere aos modos de subjetivação e de atribuição de sentidos, o trabalho ocupa lugar de destaque na vida humana. É por meio dele que mulheres e homens

mobilizam a inteligência prática, a cooperação e a personalidade, sendo esta última compreendida como inacabada, uma busca constante por confirmação e realização, um processo em permanente construção que deixa sempre uma lacuna que jamais será preenchida (Dejours & Cardoso, 2001; Lancman, 2011).

A formação da identidade se dá na relação entre o eu e o outro, é a partir do olhar do outro que o sujeito se constitui e se diferencia (Codo, 2006). Esse processo pressupõe trocas materiais e afetivas, de modo que o trabalho torna-se o local privilegiado dessas permutas. “Ele aparece como o mediador central da construção, do desenvolvimento, da complementação da identidade e da constituição da vida psíquica” (Lancman, 2011, p. 41).

Por conseguinte, o trabalho não está voltado apenas para a realização pessoal, é também uma ação direcionada ao outro. O trabalho é um meio de integração a determinados grupos, isto é, pressupõe remuneração social, exerce um papel fundamental na formação do espaço público – produz o “viver junto”. Nessa direção, a convivência pode se tornar uma oportunidade de trocas, de aprendizagem e de exercício da democracia, mas a depender da dinâmica da organização do trabalho, a democracia é destruída e o individualismo se torna presente (Dejours, 2011b; Dejours & Cardoso, 2001; Lancman, 2011).

Quando o trabalho é reconhecido ele abre vias para o prazer e, concomitantemente, para a transformação do sujeito e sua realização no campo social. Muitos trabalhadores alcançam, preservam o equilíbrio, fortalecem a saúde mental e obtêm satisfações concretas e simbólicas graças ao trabalho. Assim, o trabalho não é irremediavelmente uma infelicidade, podendo se tornar um poderoso alicerce da saúde mental e somática dos trabalhadores (Antloaga & Mendes, 2009; Dejours, 2011b; Dejours, 2017; Dejours & Cardoso, 2001).

Dejours (2017) destaca que a relação subjetiva com o trabalho tem uma função importante, tanto na construção da saúde quanto nas descompensações. Em sua dinâmica contrastante e paradoxal o trabalho pode, de um lado, ser fonte de prazer e mediador da emancipação. E, por outro, fonte de sofrimento e, conseqüentemente, de adoecimento e alienação. Portanto, “se o trabalho leva ao sofrimento, este mesmo trabalho pode constituir-se em fonte de prazer e de desenvolvimento humano do sujeito tanto quanto de adoecimento” (Lancman, 2011, p. 42).

O trabalho pode ser mediador de alienação, desequilíbrio e adoecimento ou de emancipação, equilíbrio e saúde (Dejours, 2011b, 2017):

Assim, o trabalho pode ser um poderoso mediador da construção da identidade. À medida que a identidade constitui a base da saúde mental (toda crise psicopatológica é

centrada por uma crise de identidade), podemos dar-nos conta de como o trabalho pode constituir uma segunda oportunidade de construirmos nosso equilíbrio psíquico e nossa saúde mental (Dejours & Cardoso, 2001, p. 90).

É importante ter em mente que o equilíbrio psíquico do trabalhador só é possível em um contexto de organização do trabalho favorável – que possibilite margens de negociação entre os desejos do trabalhador e as imposições e demandas organizacionais. A organização do trabalho, compreendida como “a vontade do outro”, se revela, por vezes, em exigências, instruções, procedimentos e pressões desestabilizadoras para a saúde mental (Dejours, 1980/1994).

Para a Psicodinâmica, o trabalhador interpreta e reage à realidade de trabalho. Como indivíduo único, é portador de necessidades psicológicas, aspirações, projetos e desejos que não estão desconectados de sua história pessoal e da estruturação de sua personalidade. As vivências e condutas dos trabalhadores estão fortemente vinculadas e organizadas com base no sentido que estes atribuem ao trabalho. Todavia, a organização do trabalho pode se tornar um obstáculo para a realização das necessidades do trabalhador, pois a racionalidade técnica das empresas é incompatível com a racionalidade de um sujeito que possui interesses, pensamentos, sentimentos e desejos contraditórios e cambiantes (Antloga & Mendes, 2009; Dejours & Abdoucheli 1990/1994; Lancman, 2011).

Nesse sentido, a vontade do outro – a organização do trabalho –, pode se opor ou mesmo se impor às expectativas e projetos do sujeito. Quando há uma ruptura ou bloqueio na relação que o trabalhador estabelece com a organização do trabalho e a livre atividade/rearranjo é impossibilitada, o sofrimento tem seu início. O trabalho se torna um risco para o aparelho psíquico e para a saúde dos sujeitos (Dejours, 1980/1994; Dejours, 1989/1944; Dejours & Abdoucheli, 1990/1994).

Destarte, a organização do trabalho pode exercer influências positivas e/ou negativas sobre o funcionamento psíquico do trabalhador. Tudo dependerá das condições nas quais o trabalho é realizado, das características de personalidade e da margem de liberdade para a transformação da realidade de trabalho por parte dos trabalhadores. Nesta perspectiva, as vivências de prazer e sofrimento estão diretamente relacionadas à organização do trabalho (Mendes & Morrone, 2002).

Para Dejours e Abdoucheli (1990/1994, p. 127), “O conflito entre a organização do trabalho e funcionamento psíquico pôde ser reconhecido como fonte de sofrimento, ao mesmo tempo como chave de sua possibilidade de análise”. Os autores observam que conceito de

organização do trabalho é central na Psicodinâmica, tendo em vista que os processos de trabalho se dão a partir de sua configuração. É importante enfatizar que o conceito de organização do trabalho foi elaborado a partir da contraposição com as condições do trabalho:

Por condições de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho. Por organização do trabalho designamos a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (na medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade etc. (Dejours, 1980/2015, p. 29).

Com base nessa distinção, Dejours (1989/1994) e Dejours e Abdoucheli (1990/1994) consideram que o trabalho não pode ser reduzido somente às pressões físicas, químicas e biológicas decorrentes das condições de trabalho, mas deve ser ampliado até a sua dimensão organizacional, a tal ponto que a diferenciação entre condições e organização do trabalho revela concomitantemente dois alvos: o corpo – objeto das condições de trabalho, e o funcionamento psíquico – objeto da organização do trabalho.

Para Mendes e Morrone (2002), a organização do trabalho é resultado de um processo intersubjetivo e se traduz dinamicamente em definições e negociações de regras e, conseqüentemente, em novos compromissos renegociáveis. “Assim, a forma como o trabalho é organizado permite a realização de atividades com conteúdos significativos ou não, bem como influencia o sentido particular que assume para cada trabalhador” (p. 29).

Em termos de energia psíquica, um trabalho livremente organizado e que viabiliza a utilização de estratégias operatórias diferenciadas, quase sempre, possibilita a diminuição da carga psíquica do trabalho, tornando-se equilibrante e prazeroso, um caminho para a realização dos desejos do trabalhador. Por isso, é imprescindível que a organização do trabalho favoreça liberdade para que o trabalhador rearranje seu modo operatório e utilize a inteligência prática, bem como se envolva no coletivo e seja capaz de identificar ações que propiciem vivências de prazer (Dejours, 1980/1994; Mendes, 2007a; Antloga & Mendes, 2009).

De outro modo, o trabalho se torna fatigante, fonte de desprazer e sofrimento. Assim, a organização do trabalho pode se traduzir em modos operatórios precisos e rígidos, frustrando as expectativas e limitando a realização do projeto do trabalhador, mas também pode ser flexível e contribuir para o prazer no trabalho. Essa dinâmica dependerá da atuação de variáveis políticas, sociais, econômicas, psíquicas, subjetivas, objetivas, visíveis e invisíveis que podem

metamorfosar o contexto de trabalho em lugar de saúde e/ou adoecimento, de prazer e/ou de sofrimento (Dejours, 1980/1994; Mendes, 2007a).

Nessa direção, é preciso diferenciar organização prescrita e organização real do trabalho. A primeira faz referência às prescrições, instruções e procedimentos, geralmente contidos nos manuais, e que no cotidiano – na prática –, torna-se inaplicável. O real corresponde às situações inesperadas nas quais as prescrições anteriores não dão conta. Há sempre uma discrepância – um *gap*, entre a atividade real e a tarefa prescrita pela organização do trabalho (Dejours, 1989/1994; 1995/2005; Dejours & Molinier, 1994/2011).

Na prática, as situações de trabalho são atravessadas por acontecimentos inesperados e imprevistos que não podem ser antecipados pela organização prescrita. Mesmo que o trabalho seja sistematicamente concebido e os procedimentos e instruções sejam nítidos, é impossível para o trabalhador alcançar a qualidade ao respeitar cuidadosamente as prescrições e o padrão de execução das tarefas. De fato, há sempre uma divergência entre o prescrito e a realidade das situações de trabalho que levam ao imprevisto (Dejours, 1995/2005; 1989/1994).

De acordo com Dejours (2011/1993) e Mendes (2007a), embora exista permanentemente a lacuna entre o prescrito e o real, pode haver também um espaço de liberdade para que o trabalhador possa operar sobre a própria organização do trabalho, adaptando-a às suas necessidades e desejos. No entanto, quando este (re)ajuste chega ao limite e o caminho do meio – da negociação –, torna-se inexistente, o sujeito vê sua relação com a organização do trabalho impossibilitada, dando início ao sofrimento e à luta contra este.

Destarte, se a organização do trabalho oferece margem de liberdade para que haja o ajuste entre o desejo do trabalhador e a realidade de trabalho, bem como favorece um ambiente em que as relações socioprofissionais são saudáveis e democráticas, abre-se então a possibilidade de transformação do sofrimento, do reconhecimento e do prazer. De outro modo, uma organização do trabalho inflexível com relações socioprofissionais fechadas e injustas, sem margem de liberdade e negociação, a superação do sofrimento torna-se problemática, podendo se tornar patogênico (Mendes, 2008).

Para Martins, Moraes e Lima (2010), ao enfrentar o real, o que não está prescrito, e poder atingir os objetivos que lhe foram atribuídos, o trabalhador acrescenta de si mesmo no processo de trabalho – se mobiliza subjetivamente. O trabalho compreende sempre um engajamento da personalidade dos sujeitos – um engajar-se corpóreo e subjetivo, que abarca a capacidade de pensamento, invenção e criação, isto é, requer mobilização das capacidades do sujeito e o uso do saber fazer.

É através da mobilização subjetiva que o trabalhador se engaja no trabalho, coloca em ação a inteligência prática e contribui efetivamente com a organização real do trabalho. Ao se deparar com as limitações da prescrição e com o sofrimento de experimentar o real, o sujeito faz uso da inteligência criativa e preenche a lacuna entre o prescrito e o real. A mobilização subjetiva possibilita ao trabalhador manejar o sofrimento de modo diferente das estratégias de defesa individuais e coletivas, tendo em vista que estas não proporcionam a ressignificação do sofrimento, mas a sua negação ou minimização (Mendes, 2007a; Mendes 2007b; Martins, Moraes, & Lima, 2010; Moraes, 2014).

Nessa conjuntura, Dejours (1989/1994; 1980/2015) e Mendes (2007a) reforçam que o sofrimento é inerente ao trabalho, dada a discrepância entre prescrito e real – o trabalho, portanto, é produzido pelo sofrimento. Todavia, o destino do sofrimento dependerá da possibilidade dada pela organização do trabalho para a subversão do trabalho prescrito, isto é, para que o trabalhador use a inteligência prática e se oponha ao prescrito. É através do uso da inventividade e da inteligência astuciosa que o sujeito transgride o trabalho prescrito e alcança os objetivos de produção de forma mais eficaz que aquelas definidas pela organização do trabalho.

De acordo com Mendes (2007a), a mobilização subjetiva possibilita a transformação das situações geradoras de sofrimento em prazer, todavia, o investimento realizado pelo trabalhador em termos de inteligência criativa, personalidade e cooperação deve ser incorporado ao coletivo, pois os investimentos individuais não possuem força suficiente para transformar a realidade de trabalho. “O sofrimento deve ser compreendido, interpretado, elaborado e perlaborado num espaço público de discussão” (p. 31).

É a partir do espaço público e das trocas que ele viabiliza que a criação de coletivos de trabalho se torna possível. É coletivamente que ocorre a elaboração das vivências e do sentido no trabalho. Assim, o processo de mobilizar-se subjetivamente segue concomitantemente a cooperação e depende do reconhecimento. Nessa dinâmica há interdependência entre a dimensão subjetiva e intersubjetiva. A cooperação resulta da capacidade criativa de cada trabalhador, da confiança para a exposição dos macetes, limites e falhas, da deliberação para que os acordos sejam coletivamente estabelecidos e da arbitragem para que haja consenso sobre a melhor forma de realizar o trabalho (Moraes, 2014; Sznelwar, 2011).

O trabalho se define, então, pela criação do novo, pelo imprevisto e ineditismo, tendo em vista que os trabalhadores realizam o que ainda não está prescrito pela organização do trabalho. “Ajustar a organização prescrita do trabalho exige a disponibilidade da iniciativa, da

inventividade, da criatividade e de formas de inteligência específicas próximas daquilo que o senso comum classifica como engenhosidade” (Dejours, 1993/2011, p. 79).

Destarte, o trabalho pressupõe sempre a transgressão dos procedimentos prescritos, isto é, a realização da prática do ‘quebra-galho’ – improviso –, que possibilita a superação das impossibilidades práticas existentes na prescrição. Para a efetivação desse rearranjo é preciso que haja a mobilização da iniciativa, da inventividade e da cooperação entre os trabalhadores. A prática do ‘quebra-galho’ é uma via de mão dupla, de um lado, beneficia a organização do trabalho, de outro – no plano subjetivo –, permite a mobilização da inteligência astuciosa e da esperteza, é também a origem das gratificações morais, portanto, é uma via importante do prazer do trabalho (Dejours, 1989/1994; 1995/2005).

No entanto, para que a prática do ‘quebra-galho’ funcione como um caminho para o prazer no trabalho é preciso que haja relações de confiança entre os trabalhadores que executam as atividades e os executivos, é imprescindível que o ‘quebra-galho’ ultrapasse a fronteira da tolerância e seja, no mínimo, implicitamente reconhecido. De outra maneira, acarretará sofrimento para o trabalhador, tendo em vista que este coloca no trabalho seu tempo, sua energia, sua inteligência na realização de suas atividades, logo, é legítimo que seu investimento pessoal e subjetivo seja reconhecido (Dejours, 1989/1994; 1995/2005).

O reconhecimento depende, sobretudo, do espaço público de fala – do coletivo de trabalho –, que jamais poderá ser instituído pelas organizações, antes é construído pelos próprios trabalhadores – é um espaço que pressupõe a fala e a escuta (Mendes, 2007b). “O reconhecimento é o processo de valorização do esforço e do sofrimento investido para realização do trabalho, que possibilita ao sujeito a construção de sua identidade, traduzida afetivamente por vivência de prazer e de realização de si mesmo” (Mendes, 2007a, p 44).

Para Martins, Moraes e Lima (2010), os trabalhadores mobilizam a inteligência e a personalidade na expectativa não somente de uma retribuição monetária, mas do reconhecimento (valorização) por parte dos colegas, superiores e clientes. É no jogo de contribuição-retribuição que o trabalhador ressignifica e transforma o sofrimento em realização, satisfação pessoal e prazer. O reconhecimento, portanto, está situado no centro da dinâmica prazer-sofrimento no trabalho. Nessa perspectiva, Dejours (1993/2011) compreende que o reconhecimento esperado pelo trabalhador é de natureza simbólica, é uma espécie de validação social do empenho e esforço.

O reconhecimento está ainda alicerçado em dois tipos de julgamento: julgamento de utilidade (técnica, social ou econômica), “o que eu faço possui utilidade para alguém”, esse

juízo é realizado pelos superiores e clientes. E julgamento de beleza ou estético, “o meu trabalho é bem-feito”, que é proferido pelos pares, por aqueles que conhecem a atividade e sabem das dificuldades e impasses para a sua realização. Assim, o reconhecimento é um julgamento de beleza (pares) e de utilidade (hierarquia, clientes), é vivenciado no nível simbólico, diz respeito mais ao trabalho realizado – ao saber-fazer do que ao trabalhador em si (Dejours, 1995/2005; Ferreira, 2008; Martins, 2008).

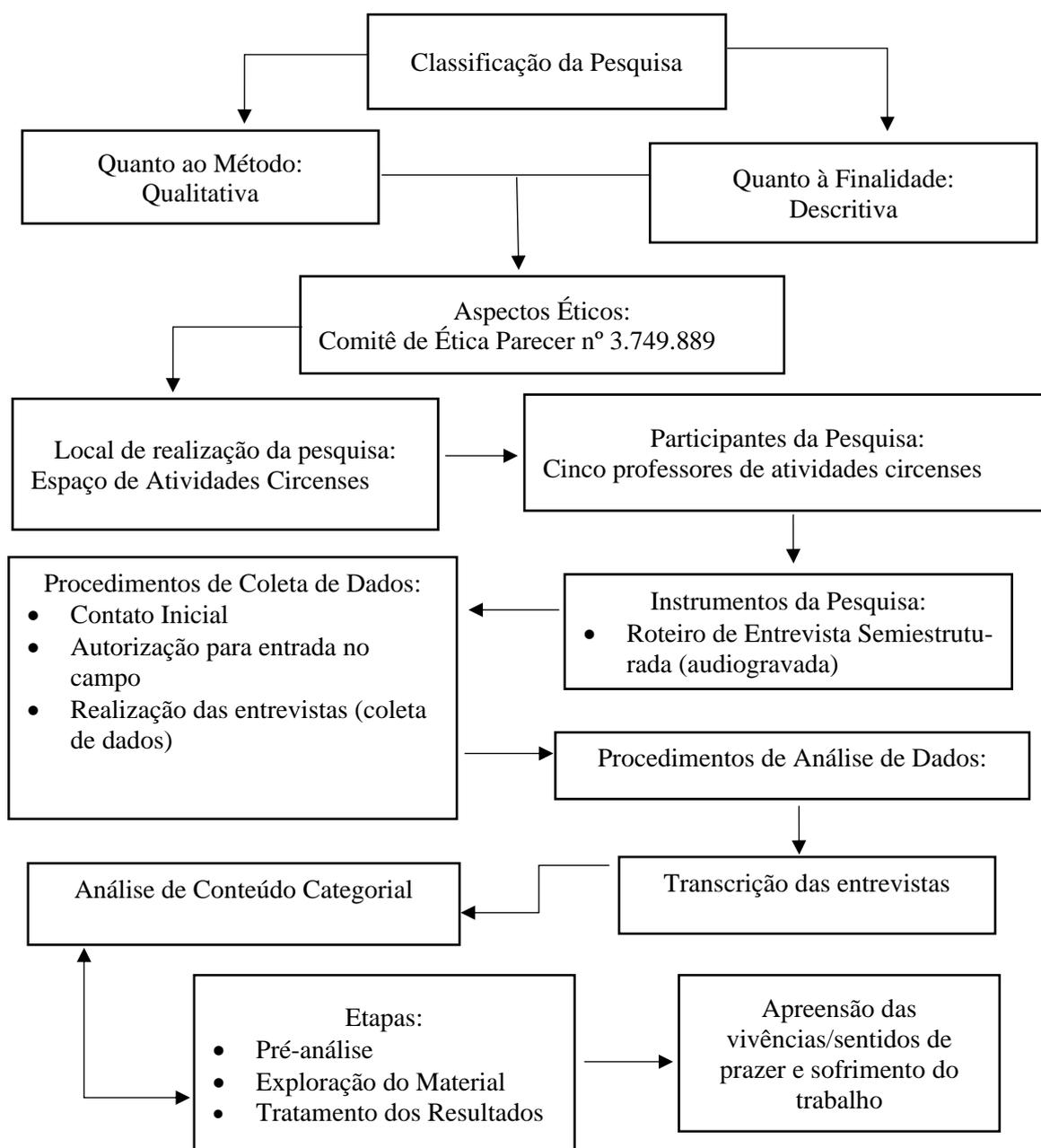
Quando o reconhecimento é inexistente no contexto de trabalho, o sofrimento não poderá ser transformado em prazer – não encontrará sentido, o trabalhador então lançará mão de estratégias defensivas construídas e mantidas coletivamente. É por meio dessas estratégias que os trabalhadores negam ou minimizam a percepção da realidade causadora de sofrimento. As defesas colocam o sujeito em um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que protegem o psiquismo impossibilitam a transformação da realidade, favorecem a alienação e em demasia levam ao esgotamento (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994; Mendes, 2007a, 2007b).

Por fim, o sofrimento sempre fará parte do trabalho, pois coloca o trabalhador frente ao real, no entanto, o trabalhador é ativo e capaz de encontrar caminhos para a realização pessoal, para a constituição e fortalecimento da identidade através do trabalho. É possível ao sujeito-trabalhador vivenciar o prazer desde que o contexto de trabalho, isto é, a organização, condições e relações de trabalho sejam favoráveis, flexíveis, abertas e democráticas.

6. Metodologia

Neste tópico será realizada a descrição dos procedimentos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos da pesquisa, conforme expostos na introdução deste trabalho. Para tal foi dividida em nove partes: caracterização da pesquisa; aspectos éticos; local de realização da pesquisa; critério de seleção dos participantes; critérios de inclusão; critérios de exclusão; instrumento da pesquisa; procedimentos de coleta de dados; procedimentos de análise de dados.

Figura 2. Estruturação metodológica da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

6.1. *Caracterização da pesquisa*

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho descritivo, que objetivou analisar os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses, população ainda pouco estudada. Com o intuito de conhecer as vivências subjetivas, as especificidades desta população, realizar um estudo mais aprofundado e alicerçado na fala dos participantes, optou-se pela abordagem qualitativa.

A análise qualitativa possibilitou que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, tendo em vista que, de acordo com Flick (2013), esta busca apreender o significado subjetivo do fenômeno pesquisado a partir do ponto de vista dos participantes. Assim, “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares (...). Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2007, p. 21).

Este tipo de pesquisa interessa-se por questões da realidade que não se deixam quantificar, portanto, o enfoque está sobre os significados e não sobre os aspectos numéricos. Implica relação de proximidade e constante compartilhar entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, visando extrair dessa inter-relação os significados manifestos e latentes. A pesquisa qualitativa demanda do pesquisador uma atenção sensível com o fenômeno pesquisado, pois o subjetivo é a via de acesso, compreensão e interpretação das experiências (Chizzotti, 2006).

Considerando a finalidade da pesquisa, esta foi classificada como descritiva. Para Gil (2008) e Triviños (1987), o propósito do estudo descritivo reside, sobretudo, na descrição de determinados fenômenos da realidade ou da população pesquisada, abrangendo suas características, organização, problemas, entre outros aspectos. Os estudos descritivos são utilizados para se conhecer as opiniões e atitudes de uma determinada população. Desse modo, foi possível conhecer a realidade, as vivências, particularidades e o contexto de trabalho dos participantes do estudo, como também, analisar o fenômeno pesquisado, isto é, os sentidos do trabalho para os professores de atividades circenses da cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul.

6.2. *Universo da pesquisa*

A pesquisa foi realizada em um Espaço de Atividades Circenses localizado na cidade de Corumbá – MS. Os participantes foram selecionados a partir do critério de conveniência/disponibilidade, ou seja, o grupo de estudo foi composto por membros da

população de professores de atividades circenses mais acessíveis ao pesquisador (Gil, 2008). É importante enfatizar que no Espaço o quadro de funcionários, no momento da realização desta dissertação, era composto por cinco professores de atividades circenses, não havia monitor nem estagiário na ocasião. Por esse motivo, a população pesquisada é composta por cinco professores de atividades circenses, sendo que este número representa a totalidade de profissionais/professores existentes no Espaço de Atividades Circenses pesquisado.

6.3. Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados, sob o parecer de número 3.749.889, em dezembro de 2019. Observando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, os participantes do estudo assinaram, em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE). Cabe ressaltar que os documentos e os áudios relativos à pesquisa foram guardados e somente os pesquisadores possuem acesso a estes. Os critérios de confidencialidade e anonimato foram explicados minuciosamente pelo pesquisador.

6.4. Instrumento da pesquisa

Para a realização das entrevistas foi utilizado o roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE). As questões do roteiro foram elencadas previamente e seguiram um roteiro temático embasado no referencial da Psicodinâmica do Trabalho. Durante a entrevista o pesquisador, além de explorar pontos de interesse contidos no roteiro, pôde formular e reformular questões ao longo do desenvolvimento da entrevista. Na entrevista semiestruturada, predominaram questões abertas, permitindo que o entrevistador direcionasse a conversação ao mesmo tempo em que o entrevistado pôde discorrer livremente sobre o tema, tendo em vista que a entrevista semiestruturada é uma conversa com finalidade (Gil, 2002; Mendes, 2007c; Minayo, 1999).

A utilização desta técnica possibilitou a exploração de questões referentes a organização, condições e relações de trabalho dos professores circenses, como também permitiu que se conhecesse a trajetória e expectativa profissional e os sentidos do trabalho para estes sujeitos.

6.5. *O trabalho de campo*

O trabalho de campo teve início a partir do primeiro contato com os participantes da pesquisa, no mês de julho de 2019. O contato inicial, com o intuito de solicitar autorização para a realização da pesquisa, na ocasião, foi realizado através uma conversa explicativa expondo os objetivos e os aspectos éticos do estudo. Após a autorização para a entrada no campo, um dos sócios do Espaço de Atividades criou um grupo por meio do aplicativo *WhatsApp*, denominado “Pesquisa Bruno”, com o intuito de facilitar a conversa e atender possíveis demandas para a aprovação do projeto no Comitê de Ética. Cabe enfatizar que a proposta de criação do referido grupo partiu de um dos sócios.

Após a autorização para a entrada no campo e a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética, o pesquisador entrou em contato com os participantes do estudo por meio do aplicativo *WhatsApp*, para agendar a semana de realização das entrevistas. Desse modo, os dados foram coletados durante o mês de fevereiro de 2020, conforme a disponibilidade dos participantes do estudo. Três entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos professores circenses e duas, por opção dos próprios professores, foram realizadas nas respectivas residências. A entrevista foi realizada individualmente e com duração aproximada de uma hora. Na ocasião o pesquisador realizou a explicação minuciosa dos objetivos e dos aspectos éticos do estudo visando sanar dúvidas. Foi realizado o *rapport* com o intuito de proporcionar um ambiente de confiança e permitir a fala livre. Após o consentimento e a assinatura do TCLE deu-se início à conversação com base no roteiro semiestruturado.

É importante destacar que durante as entrevistas o roteiro semiestruturado não foi seguido com rigidez. O pesquisador utilizou do momento da entrevista para estabelecer vínculos e envolveu-se no discurso dos sujeitos, objetivando apreender o conteúdo latente das falas e permitindo a expressão autêntica dos participantes (Mendes, 2007c).

Os dados gerados a partir das entrevistas individuais foram gravados em áudio com o consentimento dos entrevistados.

6.6. *Procedimentos de análise de dados*

Na análise de dados, o material produzido através das entrevistas individuais foi submetido à técnica da análise de conteúdo, seguindo as seguintes etapas propostas por Bardin

(1977/2009): pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

A análise de conteúdo é uma técnica que objetiva, através da leitura atenta e exaustiva, ultrapassar as incertezas e “desvendar” o conteúdo oculto presente no discurso. Sua função “heurística” pode ser compreendida como a arte da descoberta, seu conjunto de técnica de análise das comunicações permite que se desvende o que está latente no conteúdo/discurso e as condições de produção deste. Em análise de conteúdo não há uma forma única e acabada de análise que sirva para todas as mensagens, mas somente regras de base que norteiam o trabalho do investigador que deverá adequar/reinventar a técnica, conforme seus objetivos (Bardin, 1977/2009).

Esta técnica sistemática de interpretação do conteúdo consiste em extrair os sentidos/significados de um texto, sem perder de vista que estes podem estar latentes ou ocultos. A análise de conteúdo permite que o analista decomponha o conteúdo em unidades mais simples, como em categorias, objetivando diminuir a quantidade de informação contida no discurso. A categorização possibilita que se isole e reparta os elementos comuns ou que se relacionem. As categorias podem ser formuladas antes ou depois do trabalho de campo (Gomes, 1994; Chizzotti, 2006).

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso de análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 1977/2009, p. 177).

Desse modo, a análise dos dados ocorreu da seguinte forma: na primeira fase, denominada por Bardin (1977/2009) de pré-análise, realizou-se a preparação do material, isto é, a transcrição das entrevistas audiogravadas na íntegra. Neste momento foi realizada a leitura flutuante e as anotações das impressões mais gerais suscitadas por cada entrevista.

No segundo momento – fase de exploração do material –, as entrevistas foram recortadas em parágrafos e frases (unidade de contexto), que constituíram as categorias iniciais. Após as definições dessas primeiras categorias, isto é, dos recortes das verbalizações, realizou-se o agrupamento das mesmas por semelhanças, visando facilitar o processo de categorização. Nesta etapa, para cada frase ou parágrafo foram identificados um tema ou palavras (unidade de registro), que constituem as categorias intermediárias. Posteriormente, as categorias intermediárias – agrupadas por semelhanças –, foram reagrupadas tematicamente, tendo como

base as verbalizações dos entrevistados e o referencial teórico (agrupamento temático), configurando assim as categorias finais: Organização do trabalho; Condições de trabalho; Relações socioprofissionais; Reconhecimento; Realização pessoal.

É importante ressaltar que o processo de categorização se deu através de várias leituras do material, o que possibilitou o recorte das verbalizações e seu agrupamento e reagrupamento em categorias. Esta etapa seguiu os critérios estabelecidos por Bardin (1977/2009): a) exclusão mútua – os elementos de uma categoria não se misturam às outras categorias; b) homogeneidade – as categorias foram definidas com base em apenas uma dimensão de análise, isto é, um único princípio de classificação; c) pertinência – as categorias foram formuladas com base nos objetivos da pesquisa, no referencial teórico e nas questões norteadoras.

Após essa etapa realizou-se o tratamento dos resultados: a inferência e interpretação dos dados com base no referencial teórico utilizado nesta pesquisa, contudo, a interpretação e discussão dos resultados só foi possível a partir da organização do conteúdo das entrevistas em categorias. A adoção dessa técnica possibilitou que se conhecesse o significado (manifesto e latente) dos discursos dos professores de atividades circenses.

Figura 3. Categorias emergidas na Análise de Conteúdo.

CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIAS FINAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Divisão do trabalho/atividades • Atividades com conteúdos significativos • Divisão dos horários • Liberdade/autonomia • Metas e objetivos • Modo operatório diferenciado • Sobrecarga de trabalho entre os professores-sócios 	Organização do trabalho
<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente físico de trabalho • Equipamentos e materiais • Segurança • Salário • Dificuldade para realizar capacitações 	Condições de trabalho
<ul style="list-style-type: none"> • Bom relacionamento professor-aluno • Espaço de trocas • Liberdade para expor ideias, problemas e dificuldades • Relação de confiança entre os professores • Relação profissional interfere na amizade entre os sócios 	Relações Socioprofissionais

<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de reconhecimento e valorização • O trabalho é bem-visto e elogiado • A Escola é reconhecida • Senso de utilidade • Estigma com a profissão • O trabalho não é valorizado financeiramente 	Reconhecimento
<ul style="list-style-type: none"> • Realizar algo prazeroso • Satisfação quando o aluno aprende • Satisfação ao ver o resultado final do trabalho • Prazer em transmitir a arte circense 	Realização pessoal

Fonte: Dados da pesquisa.

As categorias apresentadas na Figura 3 serão apresentadas e analisadas na próxima seção.

7. Resultados e Análises: dos bastidores ao espetáculo

Nesta seção apresentaremos os resultados e as análises realizadas a partir dos dados coletados nas entrevistas individuais. Primeiramente, será realizada a apresentação e contextualização do local de realização da pesquisa e dos participantes, em seguida serão apresentadas as categorias que emergiram na análise de conteúdo. É importante ressaltar que os relatos transcritos possuem legendas: comentário do pesquisador ((texto)), cortes nos diálogos /.../, supressão do texto [suprimido], e pausas curtas (...). As falas dos participantes seguem a formatação de citação direta, porém com uma barra |, para dar destaque às narrativas.

Visando preservar a identidade dos participantes da pesquisa e tratá-los com pessoalidade, foram atribuídos a estes nomes fictícios. Portanto, os professores de atividades circenses serão identificados por nomes de palhaços brasileiros que marcaram a história do País e construíram verdadeiros legados nas artes circenses. Entre eles:

Benjamin de Oliveira – Palhaço Benjamin –, nasceu em Pará de Minas, no estado de Minas Gerais, no dia 11 de junho de 1870, e faleceu no dia 3 de maio de 1954 aos 83 anos de idade. Considerado o “Rei dos Palhaços do Brasil”, foi o primeiro palhaço negro do País. Benjamin se encantou com o circo ainda muito jovem, na adolescência decidiu fugir com uma companhia circense que passava pela cidade. Aos 19 anos de idade entrou na companhia de Frutuoso Pereira, na qual realizava diversas funções, todavia nutria a esperança de um dia se tornar palhaço. Até que em uma ocasião foi chamado para substituir o palhaço Freitinhas que havia adoecido, apesar do nervosismo a apresentação foi um sucesso e Benjamin não saiu mais do picadeiro recebendo diversas homenagens, inclusive do então presidente do Brasil, Floriano Peixoto. Benjamin de Oliveira ganhou muito dinheiro, foi reconhecido, marcou a história do circo no Brasil, mas acabou morrendo quase na miséria. “Sua biografia é tão emocionante quanto a sua arte” (Torres, 1998, p. 38).

Abelardo Pinto – Palhaço Piolin –, nasceu em Ribeirão Preto, no dia 27 de março de 1897, e faleceu no dia 4 de setembro de 1973 aos 76 anos de idade. Piolin era filho de artistas circenses, portanto, nasceu sob a lona e recebeu ampla formação nas artes do circo. Em 1917 deu vida ao Palhaço Piolin, que significa “barbante” em espanhol e fazia referência às suas pernas compridas e finas. Durante a Semana de Arte Moderna Piolin foi reconhecido como um artista brasileiro e popular. Em sua homenagem a primeira escola de circo do Brasil, inaugurada em 1978, foi nomeada de Academia Piolin. É importante destacar ainda que o Dia do Circo no Brasil é comemorado na data de nascimento do Palhaço Piolin. “Ele era o pai de todos os que

pintavam a cara, botavam um colarinho duro e saíam por aí fazendo o povo rir, diziam os seus contemporâneos” (Torres, 1998, p. 36).

George Savalla Gomes – Palhaço Carequinha –, nasceu no interior do Estado do Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1915, e faleceu no dia 5 de abril de 2006, aos 90 anos de idade. Carequinha era de família tradicional circense e desde pequeno aprendeu a arte e o ofício de “ser circense”. Aos 12 anos de idade era o palhaço oficial do Circo Ocidental. Na década de 1950 conquistou espaço na mídia tornando-se o primeiro palhaço a ter um programa em uma rede de televisão brasileira. Inicialmente, o programa comandado por ele foi chamado de “Circo Bombril”, depois denominado de Circo do Carequinha. Esse espetáculo foi ao ar por 16 anos na extinta TV Tupi; além dessa emissora Carequinha se apresentou em outras. Sua contribuição para as artes circenses é notória e digna de aplausos, entre seu repertório musical encontra-se “Escravo de Jó”, “Marcha Soldado”, “Sapo Cururu”, entre outras músicas que fizeram e fazem parte da vida de inúmeras crianças e adultos. Carequinha “será sempre lembrado por sua alegria e seu imenso amor pelas crianças: ‘Tá certo ou não tá?’ Como dizia o seu refrão mais conhecido” (Foguel, 2016, pp. 51-52).

Roger Avanzi – Palhaço Picolino – nasceu em São José do Rio Preto, no dia 7 de novembro de 1922, e faleceu no dia 10 de dezembro de 2018, aos 96 anos de idade. Picolino era filho de artistas circenses, recebeu ampla formação e realizava diversas funções dentro do circo, chegando a ser acrobata, equilibrista, músico, cantor e, finalmente, palhaço. Em 1978, após percorrer o País realizando apresentações, Picolino passou a residir em São Paulo e se tornou professor na Academia Piolin, primeira escola de circo do Brasil, exercendo essa função até o ano de 1982. Também atuou como palhaço em um programa da TV Cultura no início da década de 1980 e se envolveu com a montagem de algumas peças teatrais, entre elas “O Jardim das Cerejeiras de Tchecov”, na qual foi um dos atores (Foguel, 2016).

Benedito Sbrano – Palhaço Picoly – nasceu na cidade de São Paulo no dia 23 de agosto de 1927, é filho de artistas de teatro. Com mais de 90 anos de idade, Picoly é um dos palhaços mais antigos do Brasil. Iniciou a sua trajetória no picadeiro em 1957, sendo considerado não apenas um dos palhaços mais antigos do Brasil, mas também um dos mais reconhecidos e premiados. Em 2011 recebeu o prêmio “Governador do Estado” na categoria Circo, no ano seguinte foi premiado pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo. Picoly, sem dúvida, faz parte da história da arte circense e há mais de 60 anos vem transmitindo alegria e encantando crianças e adultos por onde passa (Foguel, 2016).

Assim, Benjamin, Piolin, Carequinha, Picolino e Picoly foram os palhaços brasileiros escolhidos para representarem nominalmente os participantes desta pesquisa. É importante dizer que, assim como estes grandes artistas do circo brasileiro, os professores de atividades circenses de Corumbá também fazem parte da história do circo no Brasil, pois através do trabalho realizado por estes profissionais as artes circenses se mantêm vivas.

7.1. O cenário, o picadeiro e os artistas

Nos próximos itens serão apresentados o cenário, o picadeiro e os artistas participantes desse estudo, para que, a partir dos bastidores, seja possível conhecer o contexto, o espetáculo e as estrelas que o protagonizam.

7.1.1. O cenário: a cidade de Corumbá

Consideramos de fundamental importância apresentarmos o contexto onde está localizado o Espaço de Atividades Circenses, isto é, a cidade de Corumbá/MS, onde este estudo foi realizado, tendo em vista as especificidades e singularidades dessa região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Corumbá é (re)conhecida pelo sotaque característico de seu povo, pela hospitalidade de sua gente simples, acolhedora e festiva, pela beleza de seu patrimônio histórico e arquitetônico e pela biodiversidade do Pantanal Sul-mato-grossense. Trata-se de uma cidade com diversas manifestações artístico-culturais, além de ser um dos principais destinos turísticos do estado.

Fundada no dia 21 de setembro de 1778 pelo Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, Corumbá tem seu nome originado do tupi-guarani *Curupah*, que significa lugar distante. A cidade é ainda (re)conhecida como Capital do Pantanal por abrigar grande parte do território pantaneiro ou, ainda, Cidade Branca em razão de seu solo de cor clara¹⁴. Segundo dados do IBGE¹⁵, a cidade possui a maior extensão territorial do estado, além de ser uma das mais importantes, tanto em termos econômicos quanto populacional – atualmente com 112 mil habitantes.

Geograficamente, a cidade de Corumbá está localizada no extremo ocidental do estado de Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil. A cidade limita-se territorialmente

¹⁴ Recuperado de <https://www.corumba.ms.gov.br/minha-corumba/>.

¹⁵ Recuperado de <https://www.ibge.gov.br>.

com Ladário – MS – cidade vizinha/irmã –, com aproximadamente 23.689 habitantes¹⁶. Ambas situadas à margem do Rio Paraguai. “Um aspecto diferenciado é que Corumbá e Ladário estão a mais de 200 km da cidade brasileira mais próxima (Miranda – MS), separadas/unidas pelo Pantanal, e a menos de 10 km das cidades bolivianas fronteiriças” (Costa, 2013, p. 66).

Em mais de 240 anos de história, a cidade de Corumbá acolheu migrantes de diversas partes do Brasil e do mundo. A constituição da vida urbana e da cultura corumbaense recebeu influências de italianos, paraguaios, palestinos, árabes e bolivianos. A cidade possui grande contingente de bolivianos que se deslocaram motivados pela possibilidade de melhor qualidade de vida e de oportunidade de trabalho. Quando se atravessa a fronteira em direção à Bolívia adentra-se a Arroyo Concepción, distrito da cidade de Puerto Quijarro. Mais adentro encontra-se Puerto Suárez. Arroyo Concepción é um distrito bastante conhecido por muitos corumbaenses e ladarenses devido ao Centro Comercial 12 de *Octubre*, popularmente conhecido como “feirinha da Bolívia” ou “*shopping* Chão”. Trata-se de um grande espaço que comporta inúmeras lojas e uma variedade de produtos e importados (Costa, 2012, 2013).

Diariamente, um grande fluxo de mercadorias, turistas e fronteiriços atravessam a fronteira – para um lado e outro –, os moradores de Arroyo Concepción, de Puerto Quijarro e Puerto Suárez se dirigem ao lado brasileiro, geralmente, para acessar bens e serviços como educação e saúde, e também para trabalhar, sobretudo, nas feiras livres e no comércio da região. Bolivianos e brasileiros rompem as fronteiras geográficas – os limites internacionais –, movidos por diversos interesses e necessidades. O trânsito na região fronteira entre o Brasil e a Bolívia é constante, dinâmico e diversificado (Costa, 2012, 2013; Martins, 2010).

É importante ressaltar que o conceito de fronteira abordado aqui não se resume à delimitação geográfica, ao limite estabelecido nos mapas políticos. Compreende-se que a fronteira contém em seu interior o limite, mas é diferente deste, pois seus limites são imprecisos e dinâmicos. A fronteira é múltipla, por esse motivo requer a utilização de adjetivos que lhe confirmem características e sinalizem de qual fronteiras se está falando, tendo em vista que existem fronteiras sociais, culturais, étnicas, raciais, entre outras. Fronteiras, assim no plural, são lugares próprios para o encontro com o diferente – com o outro (Costa, 2012, 2013).

Destarte, pessoas de diversas regiões do País e do mundo conhecem, se encantam, compartilham histórias, vivências e culturas com a Capital do Pantanal. Trata-se de um espaço de encontros culturais, de socialização, de trocas e, por vezes, de desencontros e estranhamentos, pois:

¹⁶ Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/ladario.html>.

A fronteira é sempre dual, repleta de atratividade e repulsão, de fascínio e de insegurança, de mobilidades e permanências, tempos velozes e tempos lentos convivem e se refazem em seus interstícios. Por isso, a fronteira desperta tanta obsessão em compreendê-la, protegê-la, aproveitá-la, conhecê-la. Eis, portanto, o encanto das fronteiras (Costa, 2013, p. 84).

Sem dúvida, as fronteiras encantam e despertam curiosidades. Desse modo, peço licença aos leitores para utilizar os verbos na primeira pessoa e assim discorrer sobre algumas das minhas vivências enquanto corumbaense e pesquisador na região da fronteira Brasil-Bolívia. Considero um desafio falar sobre uma cidade histórica e que abriga riquezas imensuráveis, portanto, dada a especificidade desta dissertação abordarei algumas das manifestações artísticas que dão cores e alegrem a cidade, de antemão informo que muitas ficarão de fora.

Nascer e crescer em Corumbá – MS é, sem dúvida, uma experiência singular, desde criança tive acesso a diferentes expressões linguísticas, culturais e artísticas. Um passeio pelas ruas da cidade nos coloca em contato com diferentes manifestações artísticas. As praças são repletas de esculturas e monumentos que contam a história do povo corumbaense. No centro da cidade está localizada a Praça da Independência ou Jardim da Independência, como é conhecido. Neste espaço é possível encontrarmos esculturas em mármore de origem italiana, esculturas em concreto e estátuas em bronze. Entre as esculturas presentes na praça, merece destaque o Monumento das Três Forças Armadas, obra realizada pela renomada artista plástica Izulina Gomes Xavier. A obra é uma homenagem do povo corumbaense aos heróis da Segunda Guerra Mundial.

Izulina Xavier é uma artista incrível de origem piauiense, mas de raízes e coração corumbaense. Suas obras estão presentes em diversos pontos da cidade de Corumbá/MS, Ladário/MS, Puerto Quijarro/BO e Puerto Suarez/BO. No alto do Morro do Cruzeiro, um dos principais pontos turísticos da cidade, está o Cristo Rei do Pantanal¹⁷, mas para chegar a este é preciso passar pela via sacra – ao todo são 72 estátuas em concreto que representam a fé e a esperança de um povo. Essas estátuas são frutos do trabalho de Izulina, essa grande artista que, através da arte, nos conduz ao encontro de nós mesmos, da história e da fé.

Ao caminharmos pelas ruas do centro da cidade é possível encontrarmos, nos semáforos e nos cruzamentos de vias, artistas circenses realizando apresentações de malabarismo. Frequentemente a cidade recebe artistas de diversas regiões do País e do mundo, pois é a porta

¹⁷ Informações detalhadas sobre a cidade de Corumbá/MS e demais pontos turísticos da região podem ser encontradas no *site* da Prefeitura Municipal: <https://www.corumba.ms.gov.br/minha-corumba/>

de entrada para o Brasil utilizada por um grande contingente de mochileiros latino-americanos. A cidade também possui um calendário de eventos bastante diversificado. Anualmente acontece o Festival América do Sul Pantanal (FASP)¹⁸, o evento é realizado pelo Governo Estadual e Municipal, e objetiva reunir países da América do Sul promovendo o diálogo e a integração cultural.

O FASP ocorre, geralmente, em quatro dias, com uma ampla variedade de apresentações, tais como: circenses, musicais, teatrais, de danças, gastronômicas, além de competição de *Hip hop*, grafite, mostra de cinema, entre outras atrações. Todos os anos há uma grande mobilização e incentivo, por parte do poder público, para que a classe artística de Corumbá e Ladário participe do evento. O festival é, sem dúvida, um evento grandioso, tanto em estrutura e investimento quanto em integração cultural e divulgação de artistas regionais e internacionais. O festival mobiliza a cidade, o turismo e, principalmente, nos toca, emociona e provoca, pois a arte tem essa função. Me recordo que ao prestigiar esse grande evento fico maravilhado com o Pavilhão dos Países, neste estande é possível conhecer um pouco do artesanato e da cultura de países como Argentina, Paraguai, Bolívia, entre outros. Também é possível adquirir e levar para casa o trabalho artesanal elaborado por artistas desses países.

Outros eventos realizados em Corumbá, e que estão ligados à produção cultural e à manifestação popular e artística são o Carnaval e o Arraial do Banho de São João. O carnaval corumbaense é considerado o maior da região Centro-Oeste do Brasil, esta festa popular leva para as ruas da cidade muita música, dança, cores e alegria, além de dar destaque à cultura local. Já a festa junina – também considerada a maior da região Centro-Oeste –, ocorre no mês de junho, durante três dias. Essa manifestação cultural e religiosa promove a arte regional e une os devotos em torno de uma tradição de fé e alegria.

Quando se trata de produção artística corumbaense, é importante citarmos a Escola de Artes Moinho Cultural Sul-Americano¹⁹, instituição não governamental que há mais de 15 anos transforma vidas através das artes. O Moinho, como é popularmente conhecido, é um projeto que utiliza a dança e a música como instrumentos que possibilitam a construção da cidadania, a formação artística e a descoberta de talentos. O projeto atende crianças e adolescentes – brasileiros e bolivianos –, em situação de risco social e que moram na região da fronteira Brasil-Bolívia. Os profissionais que trabalham no Moinho compõem uma equipe multidisciplinar

¹⁸ Mais informações sobre o FASP podem ser encontradas em: <https://www.festivalamericadosulpantanal.ms.gov.br/>

¹⁹ Para conhecer, se encantar e se tornar parceiro do Moinho Cultural Sul-Americano acesse: <https://www.moinhocultural.org.br/>

bastante comprometida com o desenvolvimento dos alunos e alunas e empenhados na inclusão e participação das famílias e da comunidade. Trata-se de um espaço de encontros, trocas e de manifestações culturais e artísticas (Rolon, 2010).

Em Corumbá há ainda a Academia Municipal de Música Manoel Florêncio, responsável pela formação de novos músicos através de cursos gratuitos de teoria musical e canto. Saindo do campo musical e adentrando no amplo terreno da produção de artesanato, podemos citar a Casa de Massa Barro, uma associação artesanal não governamental, que tem por objetivo proporcionar, através da arte em cerâmica, a inclusão social de crianças, adolescentes e adultos, possibilitando a estes a profissionalização e contribuindo com o desenvolvimento local. As peças feitas pelos artesãos da Casa de Massa Barro retratam, principalmente, a biodiversidade do Pantanal. Durante alguns anos trabalhei próximo à Casa de Massa Barro, me recorde de visitar o local durante o intervalo e ficar encantado com as peças produzidas pelos artistas locais. Na ocasião também pude ver de perto as mãos habilidosas transformarem o barro em obra de arte (Muller, 2005).

Além dessas iniciativas, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus do Pantanal (CPAN)²⁰, por meio de ações como o projeto de extensão “Ginástica Geral e Atividades Circenses” (GGAC), promove e incentiva a arte circense na região da fronteira Brasil-Bolívia. O projeto GGAC é coordenado pelo professor Dr. Rogério Zaim de Melo – docente do curso de licenciatura em Educação Física do CPAN – e tem por objetivo a ampliação da formação dos acadêmicos do curso de Educação Física, além de possibilitar que os demais acadêmicos do campus e a comunidade externa possam conhecer e vivenciar as atividades circenses (Melo, 2020).

Observa-se até aqui que a cidade de Corumbá inspira a produção artística, tanto pela beleza da biodiversidade do Pantanal quanto pelas oportunidades de acesso e de desenvolvimento de habilidades e potencial. Por esse motivo reafirmo que ser corumbaense e fronteiriço é estar em contato com diversas manifestações culturais e artísticas. A população corumbaense está acostumada a acompanhar espetáculos culturais. A arte faz parte do cotidiano da cidade e está presente não somente no Museu de História do Pantanal (Muhpan)²¹, mas nas praças, nos pontos turísticos, na universidade e em diversos locais da região.

Os elementos apresentados aqui reforçam a motivação para a realização da pesquisa no Espaço de Atividades Circenses, em Corumbá.

²⁰ Para saber mais sobre o CPAN, acesse: <https://cpan.ufms.br/>

²¹ Para saber mais sobre o Muhpan, acesse: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/8098/>

7.1.2 O picadeiro, onde a magia acontece: Espaço de Atividades Circenses

É no cenário apresentado acima, isto é, na cidade de Corumbá/MS – região fronteiriça, de encontros e de múltiplas manifestações culturais/artísticas –, que surge e se insere o Espaço de Atividades Circenses no qual esta pesquisa foi realizada. A história de criação do Espaço é bastante singular e marca o movimento de um grupo de amigos-artistas em torno de uma arte, em outros termos, de uma paixão: o circo. O Espaço foi criado no ano de 2016 por quatro amigos que, ao participarem da Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo²², sentiram a necessidade de oferecer à população corumbaense o contato mais próximo com as atividades circenses. Desse modo, esses jovens empreendedores decidiram enfrentar as alegrias, os desafios e as dificuldades que viriam com a abertura de uma empresa.

A missão principal do Espaço é difundir a arte circense, tornar o circo conhecido e proporcionar às crianças e adultos um momento de brincadeira, de entretenimento e aprendizado, como também visa possibilitar a troca de várias formas de arte e se coloca como um espaço disposto a receber todos os tipos de artistas. Diferente das escolas “convencionais” de circo, este Espaço não tem por objetivo a profissionalização ou a formação de artistas, mas busca oferecer a vivência da arte do circo por meio das atividades circenses, conforme nos conta Carequinha no diálogo abaixo.

Nós não somos uma escola técnica de circo, ou uma escola profissionalizante de circo assim como é o Circo Carioca, a Escola Nacional de Circo, que são formadores de professores de circo. Lá, você vai, faz o curso para ser professor de circo; aqui, nós somos professores que ensinamos os alunos a brincar, a curtir, a viver o circo, e não a ser um professor de circo /.../ (Carequinha).

Desse modo, o Espaço de Atividades Circenses oferece aulas de tecido acrobático, lira, trapézio, acrobacia de solo, ginástica rítmica, oficinas e *workshops*. O Espaço é aberto para todos os públicos. No ano de 2020 – no período de realização das entrevistas –, a instituição contava com cerca de 35 alunos matriculados, dez destes recebiam 30% de desconto nas mensalidades. Atualmente, o Espaço funciona com quatro turmas nos seguintes horários: no período matutino das 8 horas às 9h30min; no período vespertino das 15h30min às 17 horas e; no período noturno das 17h30min às 19 horas e das 19h30min às 21 horas.

A partir dessas informações é necessário realizar alguns apontamentos. O primeiro refere-se às apresentações produzidas fora do Espaço, realizadas somente pelos professores-

²² Para mais informações sobre a Convenção Brasileira de Malabarismo e Circo, acesse: <http://cbmcirco.com.br/>

-artistas que cobram um determinado valor pelo trabalho. Cabe enfatizar que este valor é acordado entre as partes no momento da contratação. O segundo ponto diz respeito ao desconto de 30% nas mensalidades, já que para ter acesso a esta é necessário que os alunos oriundos da rede pública de ensino estejam matriculados no período matutino ou vespertino, isto é, no contraturno, haja vista que o período noturno é o de maior movimento e fluxo de alunos. O terceiro ponto a destacar é que o Espaço não se trata de um projeto social ou uma instituição pública, é uma empresa consciente de sua responsabilidade social, mas que para se manter necessita de retorno financeiro. Por último, é importante dizer que o número de alunos matriculados pode variar ao longo do mês para mais ou para menos, fato que influencia diretamente na Receita Total da instituição e, conseqüentemente, no salário dos professores, conforme analisaremos mais adiante.

É importante ressaltar que todos os alunos matriculados no ano de 2020 são de nacionalidade brasileira e do sexo feminino, portanto, são alunas brasileiras. Esse dado nos confronta com uma realidade atravessada por questões de gênero e sexualidade. Conforme abordado no referencial teórico, no circo não há discriminações, as atividades circenses podem ser realizadas por todos desde que não haja contraindicação médica, tendo em vista que se trata de uma atividade física como qualquer outra, portanto, possui indicações e contraindicações, mas estas não fazem referência às questões de gênero e sexualidade (Silveira, Fonseca, & Paschoalin, 2013).

Destarte, se as atividades circenses não são voltadas especificamente para pessoas do gênero feminino e podem ser realizadas por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, independentemente das identidades de gênero destes sujeitos. Por qual motivo então não encontramos alunos do gênero masculino no local pesquisado? Embora essa questão não seja nosso foco de pesquisa e extrapole o objeto de estudo desta dissertação, consideramos que este dado é de suma importância, pois corrobora com pesquisas sobre gênero e sexualidade nas atividades circenses. Nessa direção, a resposta ao nosso questionamento será dada por Mota (2017).

Uma das possíveis causas dessas atividades circenses estarem mais ligadas ao “sexo” feminino, é o uso das vestimentas, comumente usadas por artistas circenses, a *legging*. Ela se torna uma barreira de separação entre o uso ou não, entre a menina e o menino, entre o “ser mulher” e o “ser homem”. Esse uso da *legging*, como discutido anteriormente, faz com que esses adolescentes meninos se sintam “ameaçados” no seu processo de reconhecimento enquanto homens heterossexuais (Mota, 2017, p 112).

Mota (2017) também evidencia que muitos alunos e alunas que praticam as atividades circenses fazem separação entre movimentos de meninos e de meninas. Em sua maioria os alunos do gênero masculino demonstram resistência na realização de movimentos, que para eles colocam em risco a masculinidade e, em última instância, a heterossexualidade. Em contrapartida, estes mesmos alunos não demonstraram resistência na realização de movimentos que requerem força e evidenciem, na visão deles, masculinidade. Dessa forma, podemos inferir que as questões de gênero e sexualidade são variáveis e influenciam na participação ou não de alunos do gênero masculino no Espaço de Atividades Circenses, no qual esta pesquisa foi realizada.

Os professores do Espaço compreendem que existem preconceitos em torno das atividades circenses e que as questões de gênero e sexualidade se constituem em desafios a serem enfrentados, conforme nos conta Piolin e Carequinha.

Uma visão que eu tenho é poder trazer meninos para essa atividade, que ainda sofrem bastante preconceito pela questão da vestimenta que nós usamos – *legging* e tudo mais. Acham que a ginástica é só coisa de menina. Querendo ou não, a sociedade ainda tem esse preconceito, muitas pessoas ainda têm esse preconceito dentro delas /.../. Então é uma coisa que ainda quero bater bastante na tecla e mostrar que não é apenas menina, o gênero feminino, que pode fazer atividade circense, e que está aberto para todo mundo (Piolin).

No começo, infelizmente, tinha aquele preconceito /.../, aquele preconceito de que se você está fazendo isso então você é gay (Carequinha).

A partir dessas falas e dos dados já apresentados, compreende-se que as questões de gênero e sexualidade nas atividades circenses precisam ser aprofundadas, dada a relevância da temática. Nesta dissertação não tivemos tal objeto e as perguntas não foram voltadas para a compreensão deste fenômeno, assim apenas realizamos algumas provocações que consideramos pertinentes. No próximo tópico apresentaremos os professores de atividades circenses e de antemão lançamos outra provocação: Se no Espaço de Atividades Circenses há somente alunas, por qual motivo encontramos apenas professores homens?

7.1.3 Os artistas, as estrelas do espetáculo: professores de atividades circenses

Neste tópico será realizada a apresentação de cada entrevistado com o intuito de descrever brevemente a trajetória desses profissionais nas atividades circenses. Fizeram parte da pesquisa cinco professores de atividades circenses. À época da pesquisa todos os

entrevistados se autodeclararam solteiros, do sexo masculino e sem filhos. A idade variou entre 22 e 38 anos.

Carequinha – 38 anos. Conheceu as atividades circenses no ano de 2009, durante a graduação em Educação Física na UFMS/CPAN. Na ocasião, foi convidado por uma escola de circo da cidade para realizar um teatro dentro do circo, foi então que surgiu o encanto pelas atividades circenses, ou como ele relata a paixão e a decisão por aprender essa arte. Conforme o tempo foi passando, Carequinha se tornou estagiário e, posteriormente, professor de circo. Hoje é professor de trapézio, lira e acrobacia de solo. No início de 2020 foi aprovado em um concurso na área de educação física e deverá se ausentar do Espaço para assumir o cargo.

Picolino – 32 anos. Conheceu as atividades circenses durante a graduação em Educação Física na UFMS/CPAN. No ano de 2011 começou a participar de um projeto de extensão da graduação voltado especificamente para as atividades circenses. Em 2013, a pedido do professor responsável pelo projeto, se tornou monitor. No ano seguinte continuou realizando as atividades de extensão até o término da graduação. Já formado e apaixonado pelas atividades circenses decidiu, juntamente com um grupo de amigos, criar a própria escola de circo no ano de 2016. Atualmente, é professor de acrobacia de solo, ginástica rítmica e tecido acrobático.

Piolin – 22 anos. Conheceu o circo no curso de Educação Física da UFMS/CPAN. Em 2018 começou a participar de um projeto de extensão de atividades circenses e pôde se dedicar ao estudo da ginástica e do tecido acrobático. Algum tempo depois conheceu um dos sócios da escola de circo pesquisada e foi convidado para fazer parte do grupo “*Clown*”, a partir de então começou a treinar com esses profissionais. Conforme os laços foram se estabelecendo e o desenvolvimento nas atividades circenses tornou-se notório, foi convidado para ser estagiário e logo em seguida se tornou professor de ginástica e tecido acrobático.

Picolny – 23 anos. Conheceu as atividades circenses no projeto de extensão do curso de Educação Física da UFMS/CPAN no ano de 2015. Em seguida, conseguiu uma bolsa para estudar em uma escola de circo da cidade de Corumbá. Com o fechamento dessa escola passou a estudar na escola de circo onde este estudo foi realizado, logo se tornou estagiário e passou a auxiliar os professores durante as aulas. Hoje é professor de tecido acrobático, lira, trapézio e auxilia nas aulas de acrobáticos.

Benjamin – 25 anos. Conheceu as atividades circenses durante a graduação de Pedagogia na UFMS/CPAN. No ano de 2014 foi apresentado ao projeto de extensão do curso de Educação Física e rapidamente se interessou pelas atividades circenses. Ao longo do tempo foi se aprimorando, entrou em um grupo de acrobacia e após dois anos de prática surgiu a ideia,

juntamente com mais três amigos, de formarem a própria escola de circo. A partir desse momento o circo tornou-se mais que um *hobby* e passou a ser uma atividade profissional. Atualmente é professor de acrobacia de solo e tecido acrobático. No início do ano de 2020 foi aprovado em um concurso público e deverá deixar as atividades como professor circense, mas pretende retornar assim que possível, pois essa é a sua paixão. Benjamin compara a escola de circo a um filho e acredita no potencial desta para romper as fronteiras da cidade e ser reconhecida nacionalmente.

Tabela 1
Perfil profissional dos professores de atividades circenses

Ent.	Formação Acadêmica	Tempo na Instituição	Cargo	Vínculo
Carequinha	Graduação em Educação Física e Mestrado em Educação	1 ano e 6 meses	Professor e sócio	Sócio-proprietário
Picolino	Graduação em Educação Física	3 anos	Professor e sócio	Sócio-proprietário
Piolin	Graduação em Educação Física (em andamento)	1 ano e 6 meses	Professor	Contrato (sem registro profissional em carteira)
Picoly	Graduação em Ciências Biológicas	1 ano e 6 meses	Professor	Contrato – (sem registro profissional em carteira)
Benjamin	Graduação em Pedagogia	4 anos	Professor e sócio	Sócio-proprietário

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 apresenta alguns dados de extrema relevância, primeiramente é importante destacar que os cinco entrevistados do estudo representam a totalidade de trabalhadores do Espaço. No que se refere à formação acadêmica, quatro professores possuem ensino superior completo e apenas um professor ainda não concluiu a graduação, sendo que todos são das áreas de licenciatura, por esse motivo são denominados nesta dissertação de professores e não de instrutores circenses. Todos os professores estão há mais de um ano na instituição, fato que colabora para um melhor conhecimento do Espaço e de sua dinâmica. Observa-se também que três professores são sócios, portanto, proprietários do Espaço de Atividade Circense e dois professores são contratados, porém nenhum dos professores possui registro em Carteira Profissional de Trabalho.

Os dados apresentados nesta seção evidenciam um perfil de profissionais muito próximo ao retrato apresentado por Menger (2005), são indivíduos mais jovens, com maior grau de

escolaridade e instrução e que exercem atividades na informalidade, como autônomos/empreendedores, isto é, com vínculos de trabalho precários e sem direitos trabalhistas. Esse retrato do trabalho do artista é a realidade vivenciada cotidianamente por muitos trabalhadores-artistas, conforme apontam Nascimento e Dellagnelo (2018, p. 138) “no que concerne a esses aspectos relacionados ao trabalho artístico, (...) via de regra, são formas de emprego precarizado, temporário (...), com poucos benefícios trabalhistas”. Cabe ressaltar que essas questões serão discutidas de modo mais substancial na categoria Condições de Trabalho.

Ainda analisando os perfis dos entrevistados, cabe retomar a provocação realizada anteriormente: Por qual motivo encontramos apenas professores do sexo masculino, se no Espaço pesquisado há somente alunas?

A questão se torna mais complexa e provocativa quando observamos que o circo ao longo de sua história evidencia-se como um espaço de trabalho predominantemente masculino, a tal ponto que os conhecimentos das artes circenses eram passados de pai para filho (Silva & Abreu, 2009), isto é, habitualmente o homem era o responsável pela transmissão dos saberes circenses, quase da mesma forma como ocorre atualmente no Espaço pesquisado – professores homens transmitem os saberes circenses para alunas mulheres –, provavelmente o que há de novo não é o fato do homem deter e transmitir os saberes, mas as mulheres representarem maioria neste contexto. Fato que nos leva a outra questão: se a maciça maioria de aprendizes das atividades circenses é de mulheres, por qual motivo elas não fazem parte do quadro de professores do Espaço pesquisado?

De modo geral, as pesquisas sobre o trabalho artístico evidenciam que o setor criativo é um espaço no qual predomina a presença masculina, o número de mulheres que seguem a carreira artística ainda é bem reduzido. Quando as mulheres decidem pelo trabalho artístico enfrentam preconceitos, desigualdades e dificuldades de várias ordens, muitas são constantemente questionadas sobre suas capacidades artísticas (Segnini, 2016). Os estudos também indicam que o contingente de mulheres trabalhadoras no setor cultural/artístico é superior se comparado com outros setores (Bendassolli & Andrade, 2011). Cabe mencionar que as mulheres, quase sempre, se veem frente a uma difícil escolha: família versus trabalho, assim muitas abrem mão de uma carreira profissional para se dedicar à casa e aos filhos, enquanto outras buscam a conciliação entre família e trabalho, mas acabam experimentando a difícil realidade da dupla ou tripla jornada de trabalho e com isso vivenciam a sobrecarga de trabalho.

Desse modo, partir dos dados apresentados e da realidade observada no local de realização desta pesquisa, é possível inferir que as mulheres ocupam uma pequena parcela dos postos de trabalho como professoras de atividades circenses, em contrapartida, no que se refere à prática e à aprendizagem dessas atividades, há o predomínio da presença feminina, haja vista que essas práticas são associadas – socialmente –, ao gênero feminino (Mota, 2017). Destarte, existem inúmeras questões que permeiam o trabalho das mulheres no contexto artístico e fora dele, bem como a não participação dessas trabalhadoras no mercado de trabalho, sendo essa uma questão para futuras pesquisas. Neste espaço objetivamos apresentar provocações e questões para o debate, mas reafirmamos que o circo e as atividades circenses são para todos sem distinção ou discriminação, conforme enfatiza Carequinha e Picoly:

/.../ no circo, o gordinho tem espaço, o magrinho tem espaço, o heterossexual tem espaço, o homossexual tem espaço, o travesti tem espaço, o transexual tem espaço, o branco tem espaço, o negro tem espaço. Todos temos espaço /.../ (Carequinha).

/.../ porque o circo ele é pra todos. Independente se você é baixinho, for alto, for magro, for gordo, tiver alguma deficiência física ou mental ele é pra todos /.../ (Picoly).

Por último, é importante frisar que todos os professores entrevistados conheceram o circo e as atividades circenses na UFMS/CPAN. Fato que reforça a importância dessa instituição para a ampliação das artes circenses e formação de novos profissionais na região da fronteira Brasil-Bolívia. Assim, é possível perceber que o CPAN se constitui em um dos fatores que contribuiram para a abertura de um Espaço de Atividades Circenses na cidade de Corumbá.

7.2. Os sentidos de prazer e sofrimento no trabalho: se você tem prazer em trabalhar, você não está trabalhado

Nesta seção, objetivando atender os objetivos de analisar os sentidos do trabalho para professores de um Espaço de Atividades Circenses da cidade de Corumbá – MS, apresentaremos as categorias emergidas na Análise de Conteúdo. Assim, analisaremos as cinco categorias que se seguem com o intuito de conhecer as vivências/sentidos de prazer e sofrimento presentes no contexto de trabalho dos profissionais pesquisados.

Para Dejours e Abdoucheli (1990/1994), o trabalho é central na vida dos sujeitos, não é neutro e pode ser fonte de prazer e/ou sofrimento, de saúde e/ou de adoecimento. Prazer-sofrimento são compreendidos como vivências subjetivas – são os sentidos do trabalho. Assim, cada sujeito-trabalhador experimentará o prazer-sofrimento de modo único e particular, contudo, cada contexto de trabalho será mais ou menos produtor de sofrimento, haja vista que

esse é inerente ao trabalho. Desse modo, no decorrer das análises das categorias foi possível identificar situações e vivências muitas vezes compartilhadas pelos professores de atividades circenses, algumas destas produtoras de sofrimento, no entanto, a maior parte são fontes provocadoras de prazer no trabalho.

7.2.1. Organização do trabalho: liberdade e criatividade

A organização do trabalho é compreendida como a divisão do trabalho e dos trabalhadores, isto é, “o conteúdo da tarefa (na medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade etc.” (Dejours, 1980/2015, p. 29). Muitas vezes, a organização do trabalho, ao se impor ou se opor às expectativas e desejos dos sujeitos-trabalhadores, bloqueia e inviabiliza qualquer possibilidade de negociação, de rearranjo e impossibilita a ressignificação do sofrimento em prazer, haja vista que as vivências de prazer e sofrimento estão diretamente relacionadas à organização do trabalho. Nesse sentido, a organização do trabalho – a vontade do outro –, pode exercer influências positivas e/ou negativas sobre o funcionamento psíquico dos trabalhadores (Dejours, 1980/1994; Mendes & Morrone, 2002).

Destarte, as análises do modo como o trabalho é organizado no Espaço de Atividades Circenses mostram que a divisão do trabalho e dos horários é realizada de forma democrática a partir do diálogo e com base na disponibilidade, identificação e/ou domínio dos professores com as tarefas a serem realizadas. Essas afirmações podem ser constatadas nas falas a seguir:

./.../ as tarefas são quem mais se identifica ou quem trabalha aquela área ./.../, não é indicação: “você faz isso”, “você faz aquilo”, “é o que você prefere”. E vamos conversando e decidindo o que cada um se identifica, assim como os outros professores que contratamos do mesmo jeito. Tipo, “ah, eu me identifico com tecido”. Beleza, então você dá aula de tecido, ou você vai ser auxiliar no tecido, assim como acrobático ou metais (Carequinha).

./.../ eu estudei apenas tecido acrobático, então já sabem que essa é minha especialidade, posso dizer assim ./.../. A gente divide conforme a aptidão de cada um ./.../ (Picoly).

Nós separamos na questão de quem tem domínio maior dentro da modalidade ./.../, a gente separa quem tem mais afinidade com a modalidade (Picolino).

./.../ acabamos optando mais ou menos para fazer o que um ou outro tinha mais afinidade ou mais experiência. Eu, por exemplo, fiquei no tecido acrobático porque não me identifico muito com os metais (Piolin).

| /.../ eu praticava antes. Aí era onde eu tinha especialidade, é assim que foi dividido (Benjamin).

Os diálogos acima indicam que a vontade do outro não é imposta aos professores de atividades circenses, isto é, a organização do trabalho abre vias para o diálogo – “é o que você prefere” (Carequinha) –, possibilitando aos trabalhadores a realização de uma tarefa que torna o trabalho mais equilibrante, prazeroso e até mesmo um meio bem-estar e relaxamento após a conclusão das atividades, pois “um trabalho livremente escolhido ou livremente organizado oferece, geralmente, vias de descarga mais adaptadas às necessidades (...), é o caso do artista, do pesquisador, do cirurgião, quando estão satisfeitos com seu trabalho” (Dejours, 1980/1994, p. 25).

Observa-se ainda que as decisões tomadas pelos sócios na ausência dos professores contratados não são impostas, pois a negociação e a abertura é uma prerrogativa sempre presente – “vamos conversando e decidindo” (Carequinha) –, não há uma imposição por parte dos sócios, mas acordos e ajustes a partir do diálogo. Conforme nos conta Picolino:

| /.../ fizemos a reunião entre os sócios. Tínhamos dois possíveis professores, fizemos a divisão dos horários – como que poderia ficar –, aí passamos para eles, se ficaria bom para eles (...) aí fizemos algumas mudanças a partir da opinião deles (Picolino).

Desse modo, é possível inferir que, por meio da realização de uma tarefa livremente escolhida, os professores entrevistados realizam um trabalho adequado e em conformidade com seus conhecimentos, capacidades e habilidades, por esse motivo é possível ouvir dos profissionais frases do tipo: “era onde eu tinha especialidade” (Benjamin); “essa é minha especialidade” (Picolino); “quem tem domínio maior dentro da modalidade” (Picolino); “fazer o que um ou outro tinha mais afinidade ou mais experiência” (Picolino).

O domínio do conhecimento formal das tarefas – atividades circenses –, a serem realizadas e ensinadas no Espaço é um fator importante para os professores-sócios, de modo que estes não incluem atividades nas quais não estejam capacitados para realizarem com domínio e qualidade, isto é, as tarefas que compõem o rol de atividades a serem desenvolvidas não extrapolam o repertório de conhecimentos dos trabalhadores:

| /.../ na verdade, quatro: acrobacia, metais, tecido e ginástica. Nós três conseguimos lidar com tudo. Nós não temos algo que fuja de uma das coisas que nós temos. A gente até pensou, por exemplo, de trazer *pole dance* ou trazer alguma outra coisa que nós não tínhamos. Compramos o material, mas decidimos não ter, não abrir uma turma, porque nós três professores não tínhamos propriedade pra conseguir dar aula com qualidade. A

gente sabia o que era e como fazer, mas não tínhamos propriedade, não tínhamos capacidade. É capacitação, não é capacidade, capacidade nós tínhamos, mas não tínhamos capacitação para assumir uma turma de *Pole Dance*, então resolvemos recuar e assumir o que temos para dar aula com qualidade, e não aula de qualquer jeito. Dar uma aula de qualidade (Carequinha).

Nessa direção, compreende-se que o trabalho realizado pelos professores de atividades circenses está em conformidade com as competências reais desses sujeitos. A organização do trabalho possibilita aos trabalhadores a realização de atividades com qualidade através do uso do saber-fazer, da inteligência prática que abrange não só o conhecimento formal, mas a criatividade, a experiência, a reflexão e intuição (Mendes & Araújo, 2010).

Em linhas gerais, no que se refere às tarefas realizadas e suas respectivas exigências, infere-se, com base nos diálogos dos professores, que o conteúdo do trabalho gera satisfação e está em consonância com as necessidades e desejos desses trabalhadores. “De tal maneira que o simples exercício da tarefa está na origem de uma descarga e de um prazer de funcionar” (Dejours, 1980/2015, p. 175). Os trabalhadores se identificam e vivenciam prazer através da realização de tarefas com sentido. Essa observação pode ser constatada nas seguintes verbalizações:

Sim. Essas ((atividades)), para mim é prazer, eu gosto (Carequinha).

Sim, bastante! ((se identifica)). Tanto com a ginástica quanto com o tecido (Piolin).

Eu me identifico. Eu gosto de dar aulas, eu gosto de dar aula, eu gosto de planejar minhas aulas, mesmo que esse compromisso seja todos os dias (Picolino).

Para Mendes e Morrone (2002), o sentido atribuído ao trabalho e à realização de atividades com conteúdos significativos dependem da forma como o trabalho está organizado. Desse modo, a identificação com as atividades de trabalho e as vivências de prazer encontram-se diretamente relacionadas à organização do trabalho e à margem de liberdade que esta possibilita aos trabalhadores.

Nessa perspectiva, verifica-se que os dados das entrevistas demonstram que a identificação com as atividades realizadas pelos professores está articulada ao modo como o trabalho é organizado no Espaço de Atividades Circenses. Tal organização, ao permitir que os trabalhadores possam escolher os horários e as tarefas a serem desempenhadas – seja por interesse, por experiência ou por habilidade –, possibilita a estes a realização de atividades com as quais se identificam e se sentem aptos. Supõem-se que este seja um dos motivos pelos quais

os professores se engajam no trabalho, se mobilizam subjetivamente, realizam o trabalho com qualidade e prazer. Conforme verbaliza Carequinha:

/.../ quando trabalho com prazer eu trabalho muito melhor do que trabalhar obrigado. Já trabalhei em outros locais obrigado, então eu trabalhava assim: “você tem que fazer o quê?”, “Digitar esse papel”, então eu digitava esse papel e pronto, não fazia mais nada porque aquilo para mim era uma angústia (Carequinha).

A fala de Carequinha chama a atenção, sobretudo, porque traduz de forma simples e direta o que pode ser encontrado no aporte teórico da Psicodinâmica do Trabalho, isto é, o trabalho como fonte de prazer, mas também como produtor de sofrimento, ou, nas palavras de Carequinha, de angústia. Dejours (1980/2015, 2011, 2017) afirma que a tarefa e o trabalho não são neutros, não há neutralidade no trabalho, ele pode favorecer a doença ou a saúde, a alienação ou a emancipação. A depender do modo como o trabalho é organizado ele pode produzir consequências favoráveis ou desfavoráveis para o funcionamento psíquico dos trabalhadores, como também interfere na forma como estes percebem o trabalho, esta percepção pode ser positiva ou negativa.

Corroborando com essa afirmação, Mendes e Morrone (2002, p. 29) enfatizam que “a atividade não está desvinculada do sujeito que a realiza e do contexto no qual está inserido, sendo o significado a ela atribuído, um resultante de componentes perceptivos, simbólicos e dinâmicos subjacentes à relação indivíduo-trabalho”. Destarte, a partir das análises das entrevistas verifica-se que os professores de atividades circenses percebem o trabalho de forma positiva, se identificam com as tarefas, realizam atividades com conteúdos significativos, experienciam vivências de prazer no trabalho.

Ainda acerca da divisão de atividades, observa-se que a possibilidade de escolha dos professores, no que se refere às tarefas a serem realizadas, está condicionada ao número total de profissionais que compõem o quadro. Desse modo, quando há redução do número de professores, estes encontram dificuldades para realizar a divisão das tarefas, isto é, para definir, por meio da negociação, qual professor ficará responsável por determinada modalidade dentro das atividades circenses. Por esse motivo é necessário que todos eles tenham conhecimento, em algum nível, das demais modalidades que são ensinadas no Espaço de Atividades Circenses:

/.../ mas antes a gente tinha mais professores, tinha essa separação, porém não tinha muita dificuldade de você falar “você vai para cá eu vou para lá”. Hoje, com a redução dos professores, ficou mais difícil (Picolino).

/.../ todos somos obrigados a saber ((outras modalidades)), porque se precisar substituir um professor ou outro, ou assumir uma turma, a gente consegue (Carequinha).

/.../ mas os professores aqui dominam todas as áreas do circo, todos têm conhecimento, mas tem uns que têm conhecimento mais de uma parte do circo ou outra (Picolino).

Cabe destacar que o Espaço pesquisado enfrenta dificuldades, sendo que um dos desafios vivenciados pelos sócios se refere à redução de professores, conforme assinalado por Picolino no trecho acima, por esse motivo há indícios de sobrecarga de trabalho entre os sócios-proprietários. O trabalho destes profissionais é atravessado por atividades administrativas e de gestão. Além de ministrar aulas, os professores-sócios se ocupam de tarefas como realização de pagamentos, solicitação de materiais, supervisão de funcionários, montagem e desmontagem da estrutura do espaço:

Por eu ser um dos donos acaba acarretando vários pesos, algumas cobranças a mais, mas nada que dentro do profissionalismo a gente não tenta resolver. E do trabalho também, ali às vezes, por estar na frente, de ser um dos sócios, há também muitas cobranças. Todos os problemas caem na nossa mão, então a gente também se sobrecarregava bastante de ter que arrumar as ancoragens, de ter que arrumar a estrutura por trás, os bastidores, e também estar preocupado com o que acontece no palco, no centro, nas aulas, com a estrutura, com pagamento de conta, de pagar funcionário, então esse é um dos problemas que eu via de estar na frente organizando tudo. Até porque é como eu disse antes: a questão de estar à frente e segurar todos os problemas para mim era uma dificuldade (Benjamin).

/.../ para mim o que é desgastante é ao mesmo tempo ser professor e sócio-proprietário, porque hoje, infelizmente, eu não consigo falar assim “hoje eu só trabalho na parte administrativa, na questão estrutural de tudo isso”. Aí eu tenho professores, tenho funcionários que vão fazer tudo para mim. Então às vezes isso é um desgaste, porque ao mesmo tempo tenho que lidar com o meu conteúdo de aula, com os meus alunos, com a recepção, e com ordenar funções. Ordenar “faça isso”, “faça aquilo”, “não faça isso”, exigir do outro sócio, e isso às vezes é desgastante (Picolino).

Para a Psicodinâmica do Trabalho, a sobrecarga é um dos elementos implicados na origem do sofrimento e pode ocasionar danos psíquicos e físicos aos trabalhadores (Mendes & Morrone, 2002). No que se refere ao trabalho artístico a Psicodinâmica tem evidenciado que, dada a precarização do trabalho, a maior parte dos artistas se envolve com diversos projetos e contratos de trabalho concomitantemente, fato que tem provocado patologias relacionadas à sobrecarga de trabalho, estresse e sofrimento (Nascimento & Dellagnelo, 2018).

Desse modo, os resultados indicam que a sobrecarga de trabalho entre professores-sócios é proveniente da realização concomitante de várias atividades com demandas e

exigências específicas, sendo esta uma realidade produtora de desgaste e de sofrimento no trabalho. Presume-se que as falas de Benjamin e Picolino sinalizam a necessidade de readequação do volume de tarefas que são assumidas pelos sócios para que esta esteja compatível com a jornada de trabalho, isto é, a quantidade de tarefas deve ser planejada e dividida com base no que é possível ser realizado pelos sócios e demais professores, sem que isto signifique um fardo e possa, em último caso, levar à exaustão e ao adoecimento físico e psíquico.

Esses resultados não diferem de outras pesquisas realizadas sobre o trabalho artístico, estas têm demonstrado que as vivências de sofrimento entre os artistas, dentre outros fatores, estão relacionadas à sobrecarga de trabalho e ao desgaste físico e emocional (Assis & Macedo, 2008; Nascimento & Dellagnelo, 2018; Nascimento, Xavier & Dellagnelo, 2018; Segnini, 2010; Segnini & Lancman, 2011). Em vista disso, compreende-se que a readequação do volume de tarefas entre os sócios deve ser realizada no coletivo de trabalho a partir do diálogo e da negociação, haja vista que a organização do trabalho é construída socialmente (Dejours, 1989/1994).

A análise da organização do trabalho no Espaço de Atividades Circenses indica também que os professores possuem liberdade e autonomia para realizarem o trabalho. Conforme verifica-se nos diálogos que se seguem:

O que eu mais gosto é a autonomia que tenho lá dentro (Piolin).

Dentro da minha aula, dentro da minha turma eu tenho essa liberdade de planejar como eu quero, individual (Benjamin).

A gente tem total autonomia, eles deixam a gente totalmente livre, cada um com a sua metodologia. /.../ eles ((os sócios)) deixam cada um com sua aula e se a gente quiser passar só atividade de musculação e de força ficamos à vontade /.../ (Picoly).

Sim! Eles deixam bem livre. Tanto é que, quando eu fui iniciar esse ano, os sócios de lá deixaram a gente bem à vontade na questão de nós impormos nossa didática mesmo. Eles não queriam que nós ficássemos presos à didática deles de como dar aula. Eles queriam que a gente criasse nosso próprio método de ensino (Piolin).

/.../ mas a questão da aula a gente deixa essa autonomia. Esse ano falei para os professores novos: vocês não precisam seguir um padrão especificamente de aula, se vocês quiserem trazer algum alongamento diferente, algum desenvolvimento dentro da aula diferente, vocês podem trazer (Picolino).

E a questão dos professores cada um tem sua turma, cada um tem seu horário e sua turma. Cada um tem a liberdade de fazer a programação individual com a sua turma (Benjamin).

A partir das verbalizações compreende-se que a gestão da organização do trabalho realizada no Espaço pesquisado possibilita aos professores a realização de um trabalho livremente organizado, não repetitivo e em consonância com seus projetos e aspirações. Os trabalhadores não estão presos a um modo padronizado de execução das tarefas, eles podem escolher técnicas operatórias, ritmos de trabalho, instrumentos e materiais a serem utilizados durante as aulas, desse modo podem realizar modificação na tarefa com o intuito de adequá-la às suas necessidades e competências. Observa-se que a relação sujeito-trabalho não está bloqueada, o conteúdo do trabalho é significativo e a realização do trabalho traz satisfação e produz prazer. Cabe ressaltar que esse modo de organização do trabalho se assemelha ao ideal do trabalho do artesão (Dejours, 1980/2015, 1980/1994).

Nascimento e Dellagnelo (2018) apontam que a liberdade de criação é imprescindível para a realização do trabalho artístico e está relacionada às vivências de prazer. Destarte, compreende-se que a margem de liberdade captada através das entrevistas é fundamental para a realização do trabalho dos professores-artistas circenses. De acordo com Vásquez (2010), o artista não pode abrir mão da sua liberdade de criação, caso isso ocorra a própria atividade artística é sacrificada, assim o artista está constantemente lutando para que o seu trabalho não seja sujeitado às leis da produção material, não se transforme em mercadoria, e a sua liberdade de criação não seja subtraída em detrimento do lucro. Para Dejours (1995/2005, p. 39), “o trabalho está sempre situado num contexto econômico”, contudo, é possível deduzir, dentro de certos limites, que os artistas-professores entrevistados realizam um trabalho que ainda não foi completamente capturado pela produção material capitalista.

A partir do exposto, percebe-se que a organização do trabalho no Espaço de Atividades Circenses possibilita que os artistas-professores produzam livremente e em concordância com suas necessidades de expressão e comunicação. Os discursos destacam que os trabalhadores possuem autonomia para planejarem as aulas e readequarem o planejamento conforme a realidade. É possível também que os professores escolham a metodologia e a didática que consideram adequadas:

| /.../ nesse momento, cada professor vai ter que dar uma cara nova na forma como vai dar aula, na dinâmica da aula /.../. Aí eu falei: “Vocês terão que dar a cara de vocês na forma como vocês darão a aula” (Picolino).

O enunciado acima pode ser interpretado a partir de Codo, Sampaio e Hitomi (1993), que ao analisarem a relação entre trabalho e sofrimento concluíram que, quando o trabalho é

realizado em um contexto favorável, o trabalhador não só se apaixona por ele, mas encontra sentido e prazer na realização das atividades. Portanto, ao trabalhar, o sujeito torna o mundo mais parecido consigo – dá a ele a sua cara –, imprimindo subjetividade e depositando na criação seus afetos, sua alma.

Nessa direção, o trabalho aqui analisado, ao ser livremente organizado, possibilita a diminuição da carga psíquica do trabalho, tornando-o mais equilibrante e prazeroso. O contexto de trabalho é transformado em lugar de saúde (Dejours, 1980/1994; Mendes, 2007a). Verifica-se por meio dos diálogos que a organização do trabalho permite a utilização da inteligência criativa e da inventividade. Os trabalhadores se mobilizam subjetivamente e recorrem à prática do quebra-galho para fazer frente ao real, ao inesperado e assim alcançar os objetivos das tarefas:

Então, agora como estou com crianças, e as crianças têm entre dez e treze anos, elas gostam bastante de brincadeiras, então estou procurando fazer bastante atividades lúdicas, mas que também elas possam aprender com isso. Eu meio que intercalo entre uma aula mais puxada, questão mais metodológica, e outra mais lúdica (Piolin).

O trabalho dos professores de atividades circenses exige que estes tenham “jogo de cintura” para que as crianças possam, ao mesmo tempo, aprender e ter um momento de entretenimento e descontração. Um dos desafios colocados pela realidade de trabalho – organização real do trabalho –, é justamente esse: é preciso ensinar as atividades circenses sem que a aula se torne desinteressante ou esteja pautada apenas na diversão. Com esse propósito os professores utilizam, entre outras ferramentas, a ludicidade como estratégia que permite o equilíbrio entre a descontração e a realização de atividades mais direcionadas, pois:

/.../ eu posso fazer o que é necessário de uma forma descontraída, dinâmica (Benjamin).

Em outros termos, os trabalhadores podem alcançar os objetivos de modo mais eficiente a partir do uso da engenhosidade, da criatividade e da prática do quebra-galho, considerando que a organização real do trabalho corresponde às situações inesperadas nas quais as prescrições, isto é, a organização prescrita não dá conta. Entre o que deve ser feito – tarefa –, e o que se faz – atividade –, há um *gap*. As situações cotidianas de trabalho são permeadas por acontecimentos que não estão contidos nos manuais, portanto, a realidade de trabalho leva ao imprevisto, ao uso da inteligência prática. Contudo, para que o trabalhador possa se mobilizar subjetivamente, fazer frente ao real e transformar o sofrimento inerente ao trabalho em prazer,

é preciso que haja liberdade de ação sobre a realidade de trabalho (Dejours, 1989/1994; 1993/2011; 1995/2005; 1998/2007).

A liberdade de ação descrita por Dejours é exemplificada nas falas que se seguem:

/.../ vou ensinar uma parada de cabeça, ensino do jeito A que eu sei, mas ela não aprendeu. Ensino do jeito B, não aprendeu. Ensino do C, do D, do E, do F, vou tentando ensinar de todos os jeitos /.../ (Carequinha).

/.../ eles gostam muito de brincar, muito de brincar! O que eu tenho que fazer agora é trazer brincadeiras, ou trazer algo mais lúdico que esteja relacionado ao que eles vão fazer sem eles perceberem.

Possivelmente, os manuais de atividades circenses não trazem a multiplicidade de maneiras de ensino que Carequinha expõe, já que é impossível que a organização do trabalho possa prever tudo (Dejours, 1988/2007). A realidade de trabalho exige dos trabalhadores o uso do improviso: é preciso “ensinar de todos os jeitos”, “ensinar sem que os alunos percebam”. É necessário adaptar as prescrições dos manuais à realidade de trabalho, é preciso ainda utilizar a criatividade e criar o novo, novas possibilidades de realizar as atividades, já que “o trabalho é a criação do novo, do inédito” (Dejours, 1993/2011, p. 79).

Cabe ressaltar que, embora os trabalhadores possuam liberdade para realizar o trabalho de modo mais adequado às suas necessidades, eles devem cumprir algumas metas e objetivos do Espaço de Atividades Circenses:

/.../ ao mesmo tempo em que somos livres, temos uma meta. O nosso objetivo principal do ano são dois grandes eventos. Um no final do primeiro semestre, e o outro é um grande espetáculo final como toda escola de circo /.../ (Carequinha).

Temos metas, o cronograma anual. As metas são dos eventos que precisam acontecer /.../. Algumas metas específicas nós temos como: avançar com as turmas antigas, essa foi uma meta do ano passado e ainda continua sendo uma meta desse ano /.../ (Picolino).

Sim. Temos os objetivos que criamos no início do ano para desenvolvermos durante todo o ano. Dentro dessas metas estão os espetáculos e também as atividades internas como “temos que chegar em tal posição de desenvolvimento com as turmas. Tem que terminar o ano essa turma sabendo fazer isso” (Benjamin).

/.../ não precisam ficar amarrados ao que a gente está aqui, porém, cumprindo com os objetivos, para mim, estou satisfeito (Picolino).

Assim sendo, os professores de atividades circenses devem cumprir algumas metas como: desenvolvimento da turma e a realização de duas apresentações pelos próprios alunos. É

interessante notar que a liberdade dada aos trabalhadores possibilita que estas metas sejam alcançadas de forma mais eficaz, pois os professores não ficam presos às prescrições, mas podem utilizar a prática do quebra-galho que traz ganhos na medida em que “o processo de trabalho só funciona quando os trabalhadores beneficiam a organização do trabalho com a mobilização de suas inteligências, individual e coletivamente” (Dejours, 1998/2007, p. 56). A mobilização subjetiva possibilita que o trabalhador ressignifique o sofrimento, ao invés de negá-lo ou minimizá-lo. Na dimensão subjetiva a prática do quebra-galho é uma via importante para o prazer no trabalho (Mendes, 2007a; Mendes 2007b; Martins, Moraes, & Lima, 2010; Moraes, 2014).

Em resumo, esta categoria indica que a organização do trabalho possibilita aos professores de atividades circenses autonomia e liberdade, estes profissionais realizam atividades com conteúdos significativos, utilizam a inteligência prática e a criatividade. Por fim, identificou-se nesta categoria que as vivências de prazer estão associadas à liberdade e flexibilidade da organização do trabalho, ao modo como a divisão das tarefas é realizada, ao uso da inteligência prática e criativa, à mobilização subjetiva, à prática do quebra-galho, à identificação com as atividades realizadas e ao conteúdo significativo das tarefas. As vivências de sofrimento estão associadas à sobrecarga de trabalho entre os professores-sócios, que é proveniente do número reduzido de profissionais que compõem o quadro de trabalhadores do Espaço de Atividades Circenses pesquisado.

7.2.2. Condições de trabalho: o corpo, o risco e a insatisfação salarial

As condições de trabalho se referem ao ambiente físico, químico, biológico, às condições de higiene, segurança, entre outras (Dejours, 1980/2015). Sendo assim, “as pressões ligadas às condições de trabalho têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores, onde elas podem ocasionar desgaste, envelhecimento e doenças somáticas” (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994, p. 125). Contudo, se as condições de trabalho são adequadas o trabalho, as execuções das atividades tornam-se estimulantes para os trabalhadores (Morin, Tonelli & Pliopas, 2007).

Destarte, as condições de trabalho dos participantes da pesquisa, no que se refere a ruídos, temperatura, iluminação, materiais e equipamentos são consideradas adequadas, os professores não se queixaram. O arranjo estrutural, a estrutura física do espaço é considerada satisfatória e favorável para a realização do trabalho com atividades circenses, haja vista que o

ensino destas atividades requer a existência de um ambiente físico adequado. Os materiais utilizados nas atividades são considerados apropriados e suficientes. O calor característico da região é amenizado com o uso de ventiladores e circulador de ar, é importante enfatizar que o ambiente não tem ar-condicionado, pois necessita de uma estrutura elevada e aberta para atender as especificidades deste tipo de atividade. Alguns fragmentos extraídos das falas dos professores confirmam estas assertivas:

É boa! A iluminação é boa, a ventilação é boa (Piolin).

Eu não vejo uma condição tão estressante não. Às vezes é preciso ter música, às vezes a gente sente a necessidade de ter uma música de fundo, até mesmo para animar, para incentivar um pouco mais, para descontrair /.../ (Picolino).

Temos um ambiente que é propício e necessário para as aulas de circo /.../. Não é um ambiente condicionado porque ele tem que ter um teto alto para prender os aéreos, um espaço aberto – porque a Prefeitura de Corumbá exige /.../, por isso temos um espaço aberto onde ventila bastante. Barulho nós não temos, incômodo nem nada (Carequinha).

/.../ Corumbá é muito quente, mas quando está muito calor a gente liga o circulador de ar /.../ (Picoly).

/.../ o espaço é muito bom, é grande, o que possibilita a gente trabalhar com o que a gente trabalha. É grande, alto, ele tem uma cozinha para atender os professores, tem três banheiros – um feminino e masculino para os alunos, e um dentro da sala dos professores –, e uma recepção (Benjamin).

/.../ o que nós temos aqui ((materiais)) é o que a gente usa, é o essencial (Picolino).

Quanto aos aparelhos, materiais de trabalho aqui é bem tranquilo porque a gente tem muito material, isso a gente não pode reclamar (Picoly).

Considerando que o Espaço de Atividades Circenses é uma empresa, esta se assemelha, em alguns aspectos, às condições de trabalho de organizações de outras áreas, sobretudo, porque o trabalho destes profissionais requer a existência de um espaço físico, adaptado e em conformidade com as atividades a serem desenvolvidas. Os resultados indicam que os professores pesquisados estão satisfeitos com as condições de trabalho e consideram que estas são favoráveis para o ensino das atividades circenses. De acordo com Dejours (1980/1994; 1980/2015), condições precárias de trabalho geram sofrimento e insatisfação, por outro lado, condições adequadas para a realização das atividades são fontes de prazer e satisfação no trabalho.

As condições de trabalho também se referem aos riscos existentes nas situações de trabalho. Nesse sentido os participantes da pesquisa relataram que os materiais e equipamentos utilizados atendem as normas e especificações de segurança. Os professores-sócios constantemente verificam as condições dos equipamentos com o intuito de prevenir acidentes. No entanto, o risco faz parte das atividades desta categoria profissional e está sempre presente no cotidiano de trabalho. As falas a seguir expressam algumas dessas constatações:

Eles ((os sócios)) procuram sempre estar fazendo manutenção, olhando se o equipamento está bom ou não. Porque como lá a gente mexe com questão de aéreo tem que ter ponto fixo, corda, essas coisas. Então a gente tem que estar sempre olhando para ver se está tudo certo, porque o risco de alguma coisa acontecer lá é grande, a questão de machucar e tudo mais (Piolin).

Uma das nossas preocupações era de sempre estar colocando materiais que atendessem as normas de segurança. Até porque nessa atividade o risco está sempre presente, mas a gente tem que trabalhar com o risco controlado, que o risco esteja ao nosso controle. Por isso a gente tem materiais de segurança, também o colchão, o próprio tatame. Por mais que seja controlado pode acontecer um erro, mas aí a gente tem que estar preparado para o erro, que é a utilização dos materiais de segurança (Benjamin).

O risco sempre existe, mas a gente toma o maior cuidado do mundo. Por exemplo, quando tem aula de queda, tecido a gente faz aula só no tecido para todos fazerem ali e eu ficar atento o tempo todo lá e coloca um monte de colchão embaixo porque se cair amortece a queda. A gente ensina a criança a cair, ensina o que ela pode fazer lá em cima se alguma coisa der erro, então elas aprendem como lidar porque é uma coisa que acontece bastante, no circo você está muito propenso a cair (Picolly).

Falando de circo qualquer coisa tem acidente /.../. Infelizmente o circo trabalha com risco. Você vai fazer um rolamento, cambalhota, que talvez seja a coisa mais simples no circo inteiro, mas se você não tiver cuidado pode ter dor no pescoço, você pode ter torção no pescoço se você subir errado, se virar o pescoço errado, em tudo no circo temos riscos, infelizmente. Eu acho que é isso que é a graça do circo. É ter esse risco, é o encanto, é o medo que propõe aos telespectadores esse medo, essa angústia, ou esse suspense que traz o encanto pelo circo. O Espaço /.../, priva e prime pela segurança por tudo. O chão nosso é de concreto, mas a gente forra de ponta a ponta com tatames – que é o borrachão de quatro centímetros para evitar de ter torção, machucar alguma coisa, queda –, para não ter problema nenhum /.../. Então a nossa segurança sempre, sempre, sempre é levada em primeiro lugar, em zero lugar. A segurança sempre em primeiro lugar (Carequinha).

Infelizmente a nossa área contém riscos sim, não podemos negar. Porém, o que a gente preza aqui é a questão da segurança. Os alunos não estão autorizados a subir nos aparelhos ou mexer em algum lugar que possa acontecer acidente sem autorização. Dentro da aula, principalmente nos aéreos, nenhum aluno faz sem ter o colchão embaixo, porém acontece. Acrobacia, por exemplo, de torcer o pé. No aéreo, mesmo

que tenha o colchão embaixo, o aluno pode ficar preso porque ele executou o movimento diferente e não soube desfazer esse movimento, ele fica preso, aí tem que tirar. Como professor pode acontecer comigo, eu não estou isento de acontecer algum acidente (Picolino).

Conforme analisado por Dejours (1980/2015), algumas categorias profissionais estão mais expostas ao risco que outras. Em algumas profissões o risco se relaciona diretamente à integridade física – ao corpo –, dos trabalhadores. O risco pode ser coletivo quando suas consequências atingem um grupo, ou pode ser individual, como um passo em falso que causa a queda de um único sujeito. Sendo assim, considera-se que o risco presente no Espaço pesquisado é coletivo e individual ao mesmo tempo, pois uma manobra executada de forma errada pode ocasionar o acidente de um professor ou aluno, mas a falta de manutenção dos equipamentos e/ou a utilização de materiais que não cumprem as especificações de segurança coloca em risco o coletivo.

Desse modo, constata-se que os artistas circenses desempenham atividades nas quais o risco é inerente. Portanto, as questões relacionadas à segurança devem ser compreendidas como responsabilidade de todos os circenses, sejam estes professores ou alunos. As medidas preventivas são fundamentais, pois toda ação realizada no âmbito circense – da montagem à desmontagem –, contém riscos e muitos acidentes podem ser evitados com ações simples que visem a prevenção e o controle do risco (Ferreira, Bortoleto & Silva, 2015).

Observa-se nas entrevistas que os professores circenses reconhecem a presença do risco em suas atividades e assumem coletivamente a responsabilidade pela segurança dos sujeitos dentro do Espaço de Atividades Circenses. Algumas medidas de prevenção e controle dos riscos relatadas foram: manutenção periódica dos equipamentos; utilização de materiais que atendem as normas de segurança; utilização nas aulas de equipamentos de segurança; e regras e acordos de segurança com os alunos para que estes não façam atividades ou utilizem os equipamentos sem supervisão.

As entrevistas mostraram que o risco não só é inerente à profissão, mas é um elemento estético utilizado para causar suspense, medo e encantar a plateia, conforme nos conta Carequinha:

/.../ eu acho que é isso que é a graça do circo. É ter esse risco, é o encanto, é o medo que propõem aos telespectadores esse medo, essa angústia, ou esse suspense que traz o encanto pelo circo /.../ (Carequinha).

Destarte, compreende-se que os artistas circenses utilizam o risco como um componente artístico que causa medo e fascínio, que produz suspiros, aplausos e silêncios na plateia. No entanto, o artista deve tomar medidas de prevenção para não se tornar uma vítima do risco assumido. “Nesse sentido, o artista pode e deve transmitir a sensação constante e presente do risco, embora sua atuação deva estar respaldada por medidas que tratem de minimizá-lo e controlá-lo” (Ferreira, Bortoleto & Silva, 2015).

Embora os professores pesquisados adotem medidas preventivas, foram relatados alguns acidentes. Conforme verifica-se nos diálogos que se seguem:

Infelizmente aconteceu /.../, estávamos dando aula normalmente. Foi quando eu fui demonstrar uma queda para um aluno, aí o destorcedor rompeu, eu caí para trás, caí em cima do colchão, porém meu pé bateu no tatame. Naquele momento eu vi que não tinha acontecido nada, mas eu senti a dor no pé depois. Segui a aula normal porque se eu der muita atenção o aluno fica muito preocupado. Naquele momento eu pensei “vou seguir em frente com a aula” (Picolino).

Então teve um aluno nosso também /.../. Ele foi fazer a queda e a lira não aguentou, a lira quebrou. Mas também teve vários fatores na questão desse acidente. Acho que tiveram três acidentes. Acontece, infelizmente, não tem como. Mesmo a gente instruindo os alunos (Picolino).

Já! Foi besteira minha. Eu estava no Tecido e tinha que ter segurado o tecido na minha mão e eu deixei escorregar. Foi besteira, e aí escorreguei lá de cima, mas não foi nada muito grave, só o susto mesmo (Piolin).

Sim, já me machuquei. Questão de torcer mão ou pé, pulso ou tornozelo. Bater, cair de mau jeito, ou até com o próprio colega que a atividade trabalhava com o corpo do colega. Uma cotovelada, uma mão que voou de uma forma que não foi controlada e acabou machucando (Benjamin).

Não. Fazendo o meu trabalho não, mas treinando já. A gente estava treinando, estava alongando, teve um exercício que um fica em cima do outro aí cai, torci o meu pé e fiquei sem andar duas semanas (Picolino).

Os acidentes relatados evidenciam que, embora os riscos sejam combatidos através de diversas medidas, há sempre um residual que permanece e que pode levar a desfechos desfavoráveis como os relatados. Todos no Espaço estão sujeitos em maior ou menor grau ao risco de acidentes e a danos à integridade física, haja vista que o corpo é o instrumento utilizado pelos circenses e o principal alvo das condições de trabalho (Bolognesi, 2003; Dejours, 1980/2015). Contudo, a exposição cotidiana ao risco pode modificar a percepção dos circenses em relação a este, por esse motivo as pesquisas sobre segurança no circo evidenciam que muitos

trabalhadores acabam sofrendo algum tipo de acidente por não darem a importância devida às questões relacionadas à segurança (Ferreira, Bortoleto & Silva, 2015).

A falta de atenção às questões de segurança podem ser verificadas no seguinte trecho:

Não aqui no circo, mas na outra escola de circo, lá onde comecei, já quebrei meu pulso, mas foi por negligência minha. O meu professor falou para eu dar uma parada, mas eu achei que conseguia fazer um movimento, fui tentar fazer e meu corpo já estava saturado. O músculo, o osso já estavam cansados, mas eu falei “não, vou!”, e numa dessa eu quebrei meu pulso. Foi o mais grave que aconteceu comigo no circo, mas isso nunca me impediu de continuar trabalhando com o circo. Fora isso, nunca aconteceu mais nada (Carequinha).

((como você faz para se proteger do risco de acidente?)) Olha, eu pessoalmente quase não evito não. Eu me joga bastante, mas com meus alunos tenho bastante cautela, procuro sempre estar perto, não deixo fazer nada sozinho (Piolin).

Quando Carequinha relata o acidente, ele assume e tem consciência que foi por negligência. Em outros termos, Carequinha – quando era aluno –, não deu a devida importância aos sinais de seu corpo e às recomendações do professor da escola de circo. Ao assumir o risco experienciou um desfecho desfavorável que poderia ter sido evitado por meio de medidas de segurança. No trecho acima é possível observar também que Piolin – que já sofreu acidente –, costuma se “jogar bastante”, ou seja, se expõe mais ao risco de queda, torção física e esgotamento (Ferreira, Bortoleto & Silva, 2015).

Embora essa dissertação não objetou conhecer de modo mais profundo as situações de risco presentes no contexto de trabalho dos professores circenses, pode-se entender, mesmo que parcialmente, que estes profissionais observam as medidas de segurança e prevenção dos riscos, sobretudo, durante o ensino das atividades e na presença dos alunos. Os acidentes que ocorreram no Espaço se deram por fatores como: equipamentos defeituosos, atos inseguros e falha humana. Não há dados suficientes para se afirmar que a percepção dos professores em relação aos riscos foi modificada ou está sendo negada, no entanto, a fala de Piolin parece traduzir o que Ferreira, Bortoleto e Silva (2015) consideraram excesso de confiança.

Assim sendo, a partir das análises é possível afirmar que as condições de trabalho dos professores de atividades circenses, no que se refere ao ambiente físico, químico, biológico, às condições de higiene e segurança são adequadas e estão em conformidade com as necessidades destes trabalhadores (Dejours & Abdoucheli, 1990/1994). O risco presente e inerente ao trabalho destes profissionais não se apresentou nas entrevistas como um fator de sofrimento

psíquico, mas como um elemento que faz parte do trabalho e deve ser controlado, observado e, por vezes, utilizado.

Em contrapartida, esta categoria também evidencia a existência de situações desfavoráveis que provocam sofrimento aos professores de atividades circenses. De modo geral, há um sentimento de insatisfação em relação ao salário, este é fixo, no entanto, condicionado ao número de alunos matriculados. Essas constatações podem ser observadas nos depoimentos que se seguem:

Hoje é fixo. Temos um salário fixo porque senão perdemos o controle. Hoje, a empresa [suprimido] pega uma parte da sociedade. Então somos três sócios, mas uma parte da sociedade, que é o espaço [suprimido]. Essa parte é um dinheiro que a gente guarda para a manutenção do espaço, comprar mais material se a gente precisa, arrumar chão, arrumar a parede, arrumar a estrutura se um dia a gente precisar. Esse dinheiro justamente fica guardado para essas eventualidades /.../ (Carequinha).

Ano passado tinha um valor fixo que nós recebíamos, mas esse ano a gente vai fazer um salário fixo entre os sócios e a porcentagem dos lucros. Ano passado a gente chegou a fazer dessa forma, mas não deu para fazer por conta do dinheiro (Picolino).

/.../ do meio do ano passado para cá, tentamos estabilizar um valor fixo para nós recebermos. Mas assim, a receita varia porque depende do mês, quantas pessoas fizeram aula, não fizeram, entrou aluno novo, não entrou. Então a receita é bem variada. Então o nosso salário também oscila (Benjamin).

/.../ então hoje eu posso ter 50 alunos, cem reais cada um ganho cinco mil reais. No primeiro bimestre vinte alunos tiraram zero na escola, a primeira coisa que a mãe vai fazer é “saia do [suprimido] que você tem que estudar mais”. Eu não vou ter mais cinco mil reais, eu vou ter três mil. Depois de amanhã deu o primeiro semestre, mais dez saem, eu só vou ter dois mil reais. Então não é uma perspectiva de vida que tenho para ganhar muito dinheiro (Carequinha).

A partir dos diálogos é possível perceber o descontentamento dos professores em relação ao salário. A tentativa dos sócios em manter um salário fixo é frustrada constantemente, pois a remuneração dos professores depende do número total de alunos matriculados, isto é, da receita total da empresa. Para Dejours (1989/2015), a remuneração é um fator importante e abrange significações concretas como o sustento próprio e da família, a quitação de dívidas etc. E significações mais abstratas como sonhos, desejos, projetos e fantasias. Assim, compreende-se que o baixo salário recebido pelos professores se traduz em aborrecimento e sofrimento, pois compromete o sustento, o pagamento de contas e impossibilita a realização de projetos e a concretização de sonhos.

Para Bendassolli (2009), Morin (2001) e Morin, Tonelli & Pliopas (2007), o salário é um aspecto instrumental do trabalho, por meio dele a subsistência, sobrevivência, autonomia e segurança são asseguradas ao trabalhador. Portanto, um trabalho que tem sentido para os trabalhadores, entre outros fatores, é aquele que assegura uma remuneração justa, aceitável e em conformidade com as atividades desempenhadas.

A instabilidade e a precarização afetam os professores circenses em diversas dimensões, estes trabalhadores não possuem a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada, isto é, há ausência dos benefícios e direitos trabalhistas assegurados pela Consolidação das Leis do trabalho (CLT). Assim, os trabalhadores relatam que não recebem benefícios além dos salários, portanto, realizam outras atividades para aumentar e/ou complementar a renda:

Não, nenhum de nós recebemos ((benefícios)). Estamos pensando em receber, mas estamos estudando. Mas precisamos de dois três meses para saber se vai ficar sempre o mesmo recebimento de todos os pais, de todas as nossas mensalidades, para sabermos se tem essa sobra que possamos usar. Mas por enquanto não (Carequinha).

Não ((não recebe benefícios)), só quando a gente faz atividades extra aula. Por exemplo: apresentação em festivais culturais. Aí é uma receita extra. A gente recebe por aquele evento, aí é um extra, mas ali dentro não. Só quando tem atividades fora (Benjamin).

Ano retrasado eu estava em dois empregos, três empregos com o [suprimido], aí eu me senti sobrecarregado. Final de 2018 eu optei por abrir mão de dois empregos, que eram em duas escolas, para me dedicar somente ao [suprimido] ((Espaço de Atividades Circenses)) (Picolino).

Sim, eu faço. Eu também sou eletricitista, então de vez em quando faço alguns serviços. Não para complementar a renda, mas para aumentar a renda, ter uma renda a mais (Benjamin).

Na verdade, eu pretendo fazer outra atividade porque aqui como eu trabalho só à tarde e algumas noites eu tenho livre eu pretendo trabalhar em outro lugar pela manhã. Ver algumas escolas que eles querem projeto de circo também, estou trabalhando essa ideia, mas eu quero muito complementar minha renda porque minha renda aqui não é muito boa não, dá pra sobreviver, mas eu quero complementar (Picoly).

A partir dos diálogos torna-se notório que esses profissionais não possuem acesso aos direitos trabalhistas como seguro-desemprego, auxílio-doença e aposentadoria, não recebem benefícios além do salário e estão insatisfeitos com essa situação. Para complementar a renda os professores realizam apresentações fora do Espaço e desempenham outras atividades laborais. A fragilidade e instabilidade dos vínculos trabalhistas são visíveis nesse contexto, causam sofrimento aos trabalhadores e demonstram que no capitalismo contemporâneo “o

trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão (Marx, 1844/2010, p. 80).

As falas confirmam que o índice de trabalhadores circenses com registro profissional em carteira de trabalho é baixo. Esses profissionais frequentemente são autônomos e trabalham na informalidade, portanto, à margem das leis trabalhistas, sem nenhuma garantia e segurança de acesso aos direitos previdenciários no futuro, exceto se contribuírem como autônomos. Os artistas circenses, mesmo aqueles que recebem um salário fixo, possuem outras fontes de renda e vivenciam cotidianamente os prejuízos e adversidades da precariedade do vínculo de trabalho (Colet & Mozzato, 2019; Souza & Júnior, 2015, Werner, Girelli & Dal Magro, 2017).

Os resultados encontrados nas entrevistas com os professores circenses, no que se refere ao vínculo de trabalho e às questões salariais, confirmam que os artistas frequentemente trabalham sob condições ocupacionais desfavoráveis, com pouco ou nenhum direito trabalhista. Esses profissionais experimentam variabilidade de renda. A desigualdade salarial associada a outras variáveis, levam os artistas a buscarem outros projetos e/ou atividades, desse modo, esses trabalhadores vivenciam a intensificação do trabalho e a consequente sobrecarga física e psicológica. Diversas pesquisas têm demonstrado que as vivências de sofrimento no trabalho artístico estão relacionadas à sobrecarga, ao desgaste físico e emocional, à instabilidade e à incerteza quanto ao futuro profissional e financeiro (Assis & Macedo, 2008; Menger, 2005; Nascimento & Dellagnelo, 2018; Nascimento, Xavier & Dellagnelo, 2018; Segnini, 2010; Segnini & Lancman, 2011).

Sendo assim, os trabalhadores pesquisados percebem a falta de retorno financeiro e a ausência de direitos trabalhistas, nessa direção buscam a estabilidade profissional que não encontram como professores de atividades circenses. No período de realização das entrevistas dois profissionais estavam se ausentando do Espaço, pois foram aprovados em um concurso público:

Foi em 2018 que fiz esse concurso. Algo que o [suprimido] ((Espaço de Atividades Circenses)) nessa época não estava me dando. Estávamos passando por mudanças por não reconhecimento. Estava uma época bem difícil. Eu ainda estava na faculdade e via que precisava de alguma coisa mais estável, aí prestei o concurso. Hoje, eu vejo o Vivart um local mais estável, mas o concurso também me dá essa estabilidade, e acho que uma coisa não nega a outra. /.../ consegui essa oportunidade, e não vou deixá-la passar (Benjamin).

/.../ na verdade escolhi esse concurso por causas da vida, salário, grana. Eu estava em um momento que estava precisando um pouco mais de grana para investimento na vida pessoal, casamento, pensando na minha vida para o futuro. Aqui sou realizado sim,

ganho meu salário sim, mas é o que estou te falando: a grana que eu ganho aqui não consigo sobreviver perfeitamente, infelizmente não (Carequinha).

Observa-se que a escolha pelo concurso público realizada por esses dois trabalhadores é motivada pela busca da estabilidade e do retorno financeiro. É interessante notar que na busca por melhores condições de trabalho esses profissionais optaram pela realização de concursos que não estão ligados ao circo e às atividades circenses, todavia, Carequinha espera ter a possibilidade de “aplicar circo lá na escola”, considerando que ele atuará como professor de educação física. Já Benjamin atuará na área da segurança pública, mas espera um dia poder retornar às atividades circenses como professor.

É preciso reforçar que as condições degradantes às quais os professores estão submetidos, isto é, a instabilidade profissional, baixa remuneração e a precarização do vínculo e do acesso aos direitos trabalhistas, evidenciam a hostilidade do capitalismo à arte e ao artista e traz consequências diretas sobre a saúde física e mental desses profissionais. Essas condições aviltantes reforçam a tese de que a precarização do trabalho atinge toda a classe trabalhadora – do operário ao artista –, e repercute negativamente sobre a qualidade de vida, o bem-estar e a saúde dos trabalhadores que são forçados a optarem entre um trabalho ruim ou o desemprego. No caso desta pesquisa, os professores-artistas circenses estão optando pelo concurso público em outras áreas (Amaral, 2012; Antunes, 2005; Lancman, 2011; Vásquez, 2010).

Além das implicações apresentadas, a questão salarial acaba interferindo negativamente no acesso à qualificação, conforme verifica-se na fala de Benjamin e Picolino:

/.../ às vezes a gente acaba adiando essas capacitações por causa da distância, ou por causa do recurso também. Pagar uma passagem às vezes vai ficar muito caro. Essa é a dificuldade que eu sinto (Benjamin).

Eu não, eu queria me capacitar mais, eu queria fazer uma capacitação ou um curso. Hoje infelizmente não consigo (Picolino).

Negativo, poderia dizer que a gente sabe que não vai ficar rico aqui. E que, por exemplo, a gente quer fazer um curso de profissionalização, a gente dá um jeito de encontrar um tempo, mas quanto ao dinheiro a gente tem pouco, então a gente não pode se dar ao luxo de dizer “vai ter um curso muito legal em São Paulo, vou lá fazer”. A gente não fala assim, a gente se planeja com quase seis meses para poder ter um dinheiro para poder ir. Ter pouco dinheiro é complicado para você poder se capacitar o tempo todo. Não dá pra fazer muito curso, a maioria é tudo pago. Acho que poderia melhorar se a gente ganhasse um pouco mais (Picolino).

Os diálogos indicam que o baixo salário, as questões financeiras e a localização geográfica da cidade de Corumbá, refletem na dificuldade de acesso a cursos de qualificação profissional. No que se refere à dimensão concreta, o salário não possibilita o pagamento de cursos de capacitação e a compra de passagens para o deslocamento, na dimensão mais abstrata impossibilita a realização do projeto de desenvolvimento profissional e de carreira desses trabalhadores. A pouca ou nenhuma perspectiva de crescimento profissional está associada à vivência de sofrimento no trabalho (Dejours, 1980/2015; Mendes & Morrone, 2002).

Em resumo, esta categoria indica que as condições de trabalho dos professores de atividades circenses, de modo geral, são consideradas satisfatórias. Esta categoria também evidencia a existência de situações desfavoráveis que geram insatisfação em relação ao trabalho, sobretudo, no que se refere à falta de estabilidade, ao baixo salário e à dificuldade no acesso de cursos de qualificação.

Por fim, identificou-se nesta categoria que as vivências de prazer estão associadas às condições favoráveis para a realização do trabalho. As vivências de sofrimento estão relacionadas ao baixo salário, à instabilidade, à realização de dois ou mais trabalhos e/ou projetos ao mesmo tempo e à dificuldade de acesso a cursos de qualificação profissional.

7.2.3. *Relações socioprofissionais: qualquer escola de circo é construída junto*

As relações socioprofissionais configuram-se como uma das dimensões presentes no contexto de trabalho e podem representar – a depender do modo como o trabalho está organizado –, uma oportunidade fértil para que os trabalhadores estabeleçam relações de confiança, cooperação, trocas e aprendizado. O trabalho não só possibilita a inserção e integração dos sujeitos a um determinado grupo, mas produz o “viver junto” e permite o exercício da democracia (Dejours, 2011b). Assim, “entendemos por relações do trabalho todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores” (Dejours, 2015/1980, p. 96).

Destarte, as análises das relações sociais que atravessam o trabalho dos professores de atividades circenses indicam que estas são satisfatórias. As entrevistas demonstram que relação entre os pares, isto é, entre professores, é baseada no profissionalismo, no respeito, na abertura e na troca:

Minha relação ((com os professores)) é tranquila. O que é preciso falar a gente fala, tudo na questão do profissionalismo /.../ (Benjamin).

É muito boa ((relação com os colegas de trabalho)), é muito boa porque a gente respeita muito a forma de cada um fazer seu trabalho. E quando querem corrigir ou chamar a atenção eles chamam em outro horário, outro momento (Picoly).

A minha relação com eles ((colegas de trabalho)) é totalmente aberta, clara e simples. Simples no sentido de que tem troca, não tem problema /.../ (Carequinha).

É tranquila ((a relação entre os professores)). Como eu falei para você, a gente tem bastante abertura de conversar um com o outro em questão de aula, métodos. A gente sempre está trocando ideia de aula porque, como lá não tem muitos alunos e a gente conhece quase todos, então meio que sabemos as facilidades e dificuldades de cada aluno. E quando estamos vendo que algo está meio complicado, sempre estamos dando um toque no outro. Então a relação é bem tranquila (Piolin).

A partir das entrevistas é possível observar a existência de um bom relacionamento interpessoal entre os professores. As relações são alicerçadas no diálogo e contribuem para a otimização dos processos de trabalho, para que as atividades sejam desenvolvidas com eficiência e o desempenho individual e organizacional seja alcançado. Esses dados são similares aos encontrados em pesquisas sobre o trabalho artístico, em especial, os estudos realizados com artistas circenses, estes têm demonstrado que as relações socioprofissionais estabelecidas dentro do contexto circense são significativas, saudáveis, essenciais para o desenvolvimento das atividades e para bom funcionamento do circo (Colet & Mozzato, 2019; Werner, Girelli & Dal Magro, 2017).

No que se refere às relações hierárquicas e de poder, verificou-se que os professores-sócios não utilizam da hierarquia e da posição que possuem de modo autoritário e prejudicial, isto é, as relações estabelecidas entre os sócios e demais professores são democráticas, de amizade e companheirismo:

Tem os sócios, mas eles deixam a gente bem à vontade em questão conversarmos com eles e ter troca de ideias mesmo. A gente tem voz lá dentro, então não tem muito essa coisa eu sou o chefe, eu mando aqui. Não! Eles deixam a gente bem à vontade para poder falar mesmo o que a gente acha (Piolin).

Observa-se que as relações profissionais estabelecidas no Espaço de Atividades Circenses estão na contramão da realidade experienciada pela maioria dos trabalhadores, haja vista que no capitalismo contemporâneo as relações de trabalho estão se tornando cada mais individualizadas e degradantes (Antunes, 2005). Para Dejours (2011), as práticas de gestão utilizadas nas organizações do trabalho do século XXI, sobretudo, os métodos de avaliação de desempenho, tendem a produzir competição, concorrência, individualismo e desconfiança entre

os trabalhadores. Desse modo, as análises indicam que os participantes deste estudo, em todos os níveis da hierarquia, não foram capturados pela cultura da competição e concorrência, mas pela cultura da cooperação, cumplicidade e solidariedade.

Pesquisas realizadas por Segnini (2010) e Nascimento & Dellagnelo (2018) evidenciaram que os artistas no cotidiano do trabalho, em geral, estabelecem relações de cooperação. Em consonância com esses estudos, a presente investigação constatou que os professores de atividades circenses também estabelecem relações de cooperação. Esses trabalhadores se ajudam mutuamente, compartilham informações e saberes. Essas afirmações permeiam as entrevistas e podem ser verificadas nos seguintes diálogos:

/.../ por isso que a gente sempre colocou desde a criação do [suprimido] que a gente tem que ter pelo menos dois professores juntos dando aula: o que está à frente da aula, e o que está ajudando – que é o monitor, instrutor. Para que, enquanto estiver acontecendo alguma coisa e tiver algum aluno com dificuldade, esse instrutor, esse monitor ajudante, esteja ajudando esse professor regente que é o professor principal. Em certos momentos funcionou ter dois professores na mesma turma, mas em outros não foi possível por conta do número de turmas, do número de professores que estavam disponíveis naquele momento (Picolino).

/.../ por exemplo, a turma pode ser minha, mas se eu preciso eu chamo um outro professor para me auxiliar, e a gente compartilha todas as turmas. Tem um professor que é sempre o chefe ou o dono, entre aspas, da turma, e tem os outros professores que são auxiliares quando a gente precisa (Carequinha).

/.../ normalmente a gente prepara a aula, nosso treino é praticamente pra preparar a aula e a gente treina junto aí é nessa hora que pede dica um para o outro, para corrigir um ao outro. É no decorrer do treino que a gente vai montando a aula /.../. O [suprimido] é que dá mais ideias porque ele já tem mais experiência que a gente, então eu tiro bastante dúvidas com ele. Já com o [suprimido] eu gosto de pedir para ele exemplificar algumas coisas que ele é muito mais flexível, tem muito mais alongamento, então eu peço para ele mostrar, peço ajuda dele em algumas horas também (Picolino).

Sim. Tanto é que esses tempos eu estava com uma dificuldade, aí cheguei, conversei, e eles falaram “faz assim, não faz isso aí”, já abriu um caminho para mim, deu uma luz (Piolin).

Nota-se que os professores se organizam para que durante as aulas seja possível a presença de pelo menos um professor auxiliar. Contudo, cabe enfatizar que essa organização formal não é garantia da existência da cooperação, pois esta não pode ser prescrita e determinada *a priori*. Para que os trabalhadores cooperem é preciso que estes tenham desejo de trabalharem juntos na superação das contradições presentes nas organizações do trabalho (Dejours, 2011/1993). Assim, infere-se que os diálogos que fazem referência à presença de um

professor auxiliar nas aulas se traduzem na tentativa dos professores de materializarem a existência da cooperação.

As entrevistas revelam que os professores possuem vontade de trabalharem juntos e de enfrentarem coletivamente a “loucura” do trabalho e seus constrangimentos. Portanto, a cooperação se manifesta livremente no cotidiano de trabalho e se faz presente dos treinos às ministrações das aulas. Para Mendes (2007b, p. 52), “A ação de cooperação é a construção conjunta e coordenada para produzir uma ideia, serviços, produto comum com base na confiança e na solidariedade. Caracteriza-se pela convergência das contribuições de cada trabalhador e das relações de interdependência”.

Nessa direção, as verbalizações, em especial, a de Benjamin e Carequinha, evidenciam que os professores reconhecem que precisam uns dos outros:

/.../ a gente não pode ser orgulhoso de não reconhecer que precisamos do outro, porque a atividade circense é uma comunicação entre as pessoas, então é necessário esse reconhecimento que eu preciso do outro, como o outro também precisa de mim. A gente é interdependente um do outro (Benjamin).

/.../ eu acho que qualquer escola de circo é construída junto em coletivo, independente se nós somos três sócios ou cinco professores contando ao todo. Nós temos que construir entendendo as limitações do outro e entendendo a visão do outro (Carequinha).

Os professores são conscientes que o trabalho enquanto relação social, só pode ser realizado coletivamente. As falas evidenciam que o trabalho é uma atividade essencialmente coletiva, que produz o viver junto e viabiliza a construção coletiva do Espaço de Atividades Circenses (Dejours, 2011a). Sendo assim, pode-se afirmar a existência de um verdadeiro coletivo de trabalho no Espaço pesquisado, pois a construção deste torna-se possível quando as relações entre os trabalhadores são alicerçadas na cooperação, solidariedade e confiança – elementos intensamente presentes nas entrevistas (Mendes, 2007a).

No que se refere às relações de confiança no trabalho, estas podem ser observadas nos depoimentos que se seguem:

/.../ eu como sócio vou ter que jogar a minha confiança nesse professor, sei que ele tem domínio, porém a experiência é menor, mas vou ter que jogar a confiança nele /.../ (Picolino).

/.../ não estou conseguindo fazer isso, estou com dificuldades, a gente acaba se ajudando também nessas coisas /.../ (Benjamin).

De início eu fiquei um pouco inseguro porque acho que o peso da palavra professor meio que mexeu um pouco comigo. Porque, antes, eu sempre tinha alguém comigo para auxiliar – agora eu tenho –, mas tenho alguém como estagiário e eu como o professor. Então de início tive um pouco de medo e conversei com os outros professores, expliquei que eu estava com medo e tudo mais e eles super confiaram no meu trabalho, e nessas primeiras aulas me senti super à vontade em fazer o que realmente queria. Essas primeiras aulas deram supercerto, estou superconfiante agora e espero poder me superar até o final do ano em algumas coisas que eu ainda acho que preciso melhorar (Piolin).

As falas acima evidenciam que as relações entre os trabalhadores são alicerçadas na confiança, os professores não possuem receio de verbalizarem seus segredos e sentimentos, e quando o fazem não sofrem retaliação ou represália, mas são acolhidos e ajudados. Estes profissionais possuem liberdade para verbalizarem seus medos, limites, falhas, inseguranças e dificuldades encontradas na realização do trabalho. A confiança se configura como um dos elementos indispensáveis para a cooperação e a construção do coletivo de trabalho, ela é estruturada por meio da transparência entre os trabalhadores. Trata-se de uma relação psicoafetiva construída nos espaços de convivência (Dejours, 2005/1995; Dejours, 2011/1993; Mendes, 2007b; Mendes & Morrone, 2002).

Dejours e Molinier (2011/1994) enfatizam que, para haver cooperação entre os trabalhadores, além da confiança é preciso que haja a existência de um espaço de discussão. Alguns fragmentos extraídos das entrevistas confirmam a existência de um espaço público de fala no Espaço de Atividades Circenses:

Temos sim, porque principalmente quando acontecia as reuniões era o momento que a gente colocava na mesa o que acontecia, as dificuldades, e cada um dava a sua opinião. Isso acontece. Até mesmo na atitude perante a aula. Um exemplo: “Você está sendo muito ríspido com os alunos, toma cuidado!”. Um exemplo é no desenvolvimento da aula, isso acontecia com alguns professores: “Está muito avançado para essa turma, tenta trazer coisas mais básicas” /.../. A gente busca sempre dar esse *feedback* para o próximo (Picolino).

Nós sócios sempre conversamos toda semana. Pelo menos a gente faz uma reunião para fazer um balanço semanal das aulas e fazemos também uma reunião com todos os professores, com todos os nossos contratados e estagiários. Fazemos para fazer um balanço geral, e sempre nessa reunião não tem uma autoridade, não tem uma pessoa que manda. Todos ouvimos, todos somos criticados pelo bom e pelo mau sentido. Recebemos críticas boas e críticas ruins /.../ (Carequinha).

/.../ a gente tem uma reunião semanal que reúne todos os professores e a gente trata dos assuntos, de como foi a semana, se tinha alguma dificuldade ou teve algum problema. E a gente tenta resolver os problemas ali, a gente tenta resolver as situações um ajudando o outro. Nesse momento a gente deixa um pouquinho o lado de dono, nós três, porque têm outros professores também e a gente também se coloca vulnerabilidade porque a

gente também está agindo como professor em alguns momentos. Então às vezes um conselho de um professor que não é o sócio ajuda o nosso desenvolvimento durante a aula (Benjamin).

Ano passado nós fazíamos reuniões toda sexta-feira, tínhamos algumas pautas que precisavam ser conversadas e nós colocávamos na roda o ponto de vista de cada professor sobre o que aconteceu durante a semana. Então, cada professor colocava algumas coisas que aconteciam na aula, por exemplo: “Não estou conseguindo desenvolver tal coisa com tal aluno”, ali nessa discussão a gente tentava resolver aquele problema. Essa era uma forma de tentarmos nos organizar dentro do espaço /.../ (Picolino).

Observa-se que os professores transformam as reuniões semanais em verdadeiros espaços de discussões, aconselhamentos, formulações de críticas, verbalizações de opiniões, compartilhamentos de dificuldades e vulnerabilidades. Nesses espaços todos os trabalhadores, independentemente da posição hierárquica, fazem uso da escuta, da fala e contribuem uns com os outros. A partir desse espaço público de discussão o sofrimento é compartilhado, elaborado e ressignificado. Os trabalhadores pensam, discutem, se mobilizam e agem em direção à transformação da organização do trabalho (Mendes, 2007a).

A Psicodinâmica do Trabalho destaca a importância do espaço público de discussão para que as situações produtoras de sofrimento sejam transformadas em criatividade, em prazer. Esse espaço de fala-escuta possibilita o compartilhamento de vivências, a formação do coletivo de trabalho e a construção da cooperação entre os trabalhadores (Martins & Lima, 2015; Mendes, 2008; Sznelwar, 2011). É importante enfatizar que cooperação faz referência ao coletivo de trabalho e requer a existência de outros elementos além do espaço de fala-escuta, ou seja, para que os trabalhadores cooperem uns com os outros também é necessário que haja confiança, solidariedade e a construção de regras, pois “primeiro se constroem as regras e depois se colabora” (Mendes & Araújo, 2010, p. 101).

A construção coletiva de regras pelos professores de atividades circenses pode ser observada nas seguintes verbalizações:

/.../ e nós temos também uma lei, entre aspas, aqui dentro, que seria um professor assumindo uma turma, e tudo o que formos falar de algo que está acontecendo na turma nós não chegamos e interferimos na aula dele. Nós chegaríamos para ele, mesmo ele na aula, chamaríamos ele para um canto e falaríamos olha, aquele aluno está empurrando aquele outro, e ele como assumindo a turma briga com os alunos dele, e não nós aqui de fora brigar com aluno dele, porque senão tira a autoridade do professor lá dentro. Isso independente de qualquer professor (Carequinha).

A gente sempre teve uma regra entre os professores, desde o projeto de circo, quando a gente já ministrava aula. Se eu estou à frente da aula, se você tem alguma observação para falar ou dar alguma sugestão, você vem e fala comigo no meu ouvido, não me corrija ou não me interrompa na frente dos meus alunos /.../ (Picolino).

A partir das entrevistas identifica-se que as regras são construídas e estabelecidas no coletivo de trabalho com a participação de todos os professores de atividades circenses. As regras funcionam com uma norma, um acordo coletivo e um pacto de dimensão ética por meio do qual as relações entre esses profissionais são organizadas (Mendes & Morrone, 2002). Verifica-se que os professores possuem liberdade para realizarem críticas, apontamentos e sugestões sobre o trabalho desenvolvido pelos colegas, no entanto, essas observações devem ser realizadas na ausência dos alunos, de outro modo a autoridade do professor que está ministrando a aula é anulada e os conflitos surgem:

/.../ isso era uma regra dentro da aula, então às vezes não acontecia. Não propositalmente, mas às vezes a intenção era maior em ajudar ou intervir que a gente se esquecia dessa regra. Não sei se começamos a ver pelo lado pessoal, não sei se já estava com os nervos à flor da pele. Aí começou a ter esses atritos, eu observei isso ano passado /.../ (Picolino).

Desse modo, infere-se que o não cumprimento das regras, mesmo quando a intenção é de cooperar, produz atritos entre os professores, haja vista que estes profissionais debateram esse tema no espaço público e chegaram ao consenso que a interferência direta na aula invalida a autoridade do professor responsável, assim, pactuaram coletivamente que as intervenções podem ocorrer, mas de forma reservada. É interessante notar que as regras construídas coletivamente pelos professores estão relacionadas à dimensão ética do trabalho, isto é, aos princípios que orientam as ações/relações cotidianas entre os trabalhadores. Esses acordos éticos fazem referência aquilo que é considerado aceitável, justo ou injusto (Mendes & Morrone, 2002).

Portanto, é a partir das discussões no espaço público de fala-escuta que os professores debatem ideias e estabelecem pactos e normas que auxiliam na resolução das dificuldades e problemas enfrentados coletivamente. Através das regras de ofício e de convivência, os trabalhadores elaboram soluções de compromisso que contribuem para o bom andamento do trabalho e funcionamento do Espaço. É por meio da construção de normas que esses profissionais se engajam no trabalho, se comprometem, compartilham e ressignificam o sofrimento (Martins, Moraes & Lima, 2010; Mendes & Araújo, 2010).

Os diálogos analisados até aqui lançam luzes sobre o modo como as relações

socioprofissionais se desenvolvem no Espaço de Atividades Circenses. Observa-se que os professores estabelecem relações de confiança, cooperação e solidariedade em todos os níveis hierárquicos. Esses profissionais compartilham coletivamente o sofrimento, as dificuldades e os desafios enfrentados na realização das atividades. É no espaço de fala-escuta que os trabalhadores pensam sobre o trabalho, buscam soluções para as dificuldades encontradas, criam regras e agem para a transformação da organização do trabalho. Desse modo, os professores de atividades circenses transformam as situações provocadoras de sofrimento em situações que geram prazer – o sofrimento é transformado em criatividade (Dejours, 1995/2005; 1998/2007; Martins & Lima, 2015; Mendes & Morrone, 2002).

Contudo, as entrevistas também revelaram a existência de um sentimento de tristeza entre os professores-sócios, pois a relação profissional entre estes trabalhadores acabou interferindo na relação de amizade:

Antes da gente constituir o [suprimido] ((Espaço de Atividades Circenses)) já éramos amigos, nós somos amigos /.../. Hoje, infelizmente, a nossa relação é mais profissional do que de amigos, porque acabamos nos evitando nos finais de semana, por exemplo. É uma conclusão que eu chego: nos vemos todos os dias de segunda a quinta, ou de segunda a sexta, no final de semana a gente quer descansar. E, se a gente se encontrar, a gente vai falar de trabalho, é inevitável quando a gente se encontrava não falar de trabalho. Foi uma das coisas que eu acho que desgastava, ou desgastou, ao mesmo tempo que eu gostaria de ver, de sair ou fazer alguma coisa no final de semana com ele, mas eu, ao mesmo tempo, optava por não fazer porque a gente ia acabar caindo nos assuntos. Às vezes acontecia alguns encontros, mas infelizmente desgasta. Porque a gente começa a ver pelo lado pessoal ou pelo lado profissional, e a gente não pode ver mais pelo lado da amizade (Picolino).

/.../ acaba interferindo o profissional no pessoal /.../. Tratar de assuntos, por exemplo, nos encontramos em um churrasco aí acaba tratando de assuntos profissionais naquele ambiente que era pessoal. Mas no profissional eu acho que a gente trabalha muito bem (Benjamin).

A partir dos diálogos, verifica-se que os professores-sócios ao decidirem pela abertura de uma empresa especializada no ensino das atividades circenses não deixaram de ser amigos, mas levaram para o Espaço suas histórias pessoais e de amizade. No entanto, o tempo livre foi impregnado por questões referentes ao cotidiano de trabalho, a amizade se transformou em relação profissional e os encontros de final de semana se tornaram reuniões de trabalho. É importante dizer que os sócios, ao realizarem esses relatos, expressaram e transmitiram um profundo sentimento de insatisfação e tristeza com a situação.

Destarte, compreende-se que os professores-sócios se encontram em um contexto complexo, pois a separação entre tempo de trabalho e tempo livre não é possível, o funcionamento psíquico não se divide entre vida pessoal e profissional. A relação subjetiva com o trabalho se estende para outros espaços, o trabalhador não deixa seus dilemas e questões na recepção da empresa, mas leva consigo para casa. O inverso também ocorre, haja vista que ao iniciar suas atividades em uma nova organização o trabalhador leva consigo sua história pessoal, seu passado, desejos, motivações e necessidades (Dejours, 1980/1994; Dejours 1993/2011).

Considerando que “o tempo de trabalho e tempo fora do trabalho formariam um continuum dificilmente dissociável” (Dejours, 1980/2015, p. 58), infere-se que somente a partir do diálogo, do espaço de fala-escuta entre os sócios será possível que estes cheguem a uma solução de compromisso. É necessário que estes trabalhadores falem sobre essa vivência provocadora de sofrimento e juntos encontrem uma saída, um meio de transformarem o sofrimento em prazer.

Além das relações entre os pares, a presente pesquisa possibilitou o conhecimento de alguns aspectos das relações estabelecidas entre professores e alunos de atividades circenses. Assim, quando questionados sobre a qualidade e dinâmica dessas relações os professores responderam:

Sim, é maravilhosa. A relação com os meus alunos é maravilhosa, tenho certeza disso (Carequinha).

Olha, é boa ((relação com os alunos)). /.../ como falei, eu procuro sempre estar perto delas com a questão de brincadeiras. /.../ eu sempre deixo bem claro que elas têm abertura para falar comigo caso alguma coisa aconteça. Então é bem tranquilo, nunca tive desavenças com nenhum deles, mas quando é para puxar a orelha eu puxo, e elas meio que entendem. /.../ eu acho que a gente cria um afeto com as crianças, pelo menos já tenho isso comigo /.../ (Piolin).

Eu falo que eu sou um pouco mais aberto com meus alunos, eu gosto de interagir mais /.../. Eu gosto de ter essa confiança com o meu aluno ao invés de eu ser o xerife, façam o que eu mando, só façam o que eu mando /.../. Então, por exemplo, eu já fui muito mais rígido com as meninas e aí percebi que estava sendo chato, o professor chato entre os professores, e aí eu percebi que tinha que amolecer um pouco mais para trazer esse aluno para mim. Mas às vezes eu não gosto de abrir mão, porque vejo que o meu aluno está fazendo corpo mole, ou ele está preguiçoso. Porque mesmo que aqui seja um lugar que alguns vão enxergar como lazer, aqui é uma escola de circo mesmo não sendo algo competitivo, algo de alta performance, mas eu preciso que o meu aluno entenda que ele precisa ser exigido um pouco mais para que consiga atingir um certo objetivo, mesmo brincando, mesmo fazendo algo mais técnico (Picolino).

Eu trato os meus alunos numa relação muito dinâmica de ouvi-los e deixar a coisa suave, mas também cobrar o que é necessário. Tento não ser tão rígido, mas fazer o que a gente tem que fazer, mas que também não precisa ser um fardo durante a aula /.../ (Benjamin).

Observa-se que os entrevistados consideram que a relação professor-aluno é boa. A relação é baseada no respeito, na interação e na abertura. Os professores procuram incentivar a participação dos alunos por meio da ludicidade, mas não deixam de exigir que estes façam as atividades propostas. A afetividade faz parte das relações e das práticas pedagógicas, é por meio do afeto, do respeito e das trocas que o processo de ensino e aprendizagem ocorre. A relação positiva estabelecida entre os professores e alunos configura-se como uma poderosa fonte de prazer e satisfação no trabalho, pois além de favorecer o bom andamento das atividades, possibilita a construção e o estreitamento de laços e vínculos de amizade (Dejours, 1980/2015).

Diante disso, essa pesquisa identificou que por meio da cooperação, da interdependência, do diálogo, das trocas, do afeto, do companheirismo e da solidariedade, os professores circenses enfrentam os constrangimentos engendrados pela organização do trabalho, preservam a saúde, aprendem uns com os outros (Mendes, 2007b). Assim, é a partir do desejo de trabalharem juntos e da qualidade das relações estabelecidas no Espaço de Atividades Circenses que os professores esperam:

/.../ esperamos um dia, com qualidade, trabalhando com qualidade, trabalhando do jeito que a gente sempre trabalha, com amizade, companheirismo, possamos atingir o Brasil; e espero que muitos para fora ainda (Carequinha).

Em resumo, esta categoria indica que as relações que atravessam o trabalho dos professores de atividades circenses são abertas, democráticas, possuem dinâmica própria e possibilitam a transformação do sofrimento inerente ao trabalho em criatividade. Por fim, identificou-se nesta categoria que as vivências de prazer estão associadas às relações de troca, confiança e cooperação entre os trabalhadores e a boa relação entre os professores e os alunos. As vivências de sofrimento estão relacionadas à interferência da vida profissional na amizade dos professores-sócios.

7.2.4. *Reconhecimento: o circo não é só diversão, é um trabalho*

A Psicodinâmica conceitua o reconhecimento no trabalho como fator central para a transformação do sofrimento em prazer. O trabalhador ao realizar suas atividades se mobiliza subjetivamente, investe tempo e energia e espera ser reconhecido pelo seu empenho e

contribuição à organização do trabalho, portanto, é indispensável que o esforço do trabalhador seja reconhecido. É por meio do reconhecimento no trabalho que a atividade adquire sentido para os sujeitos-trabalhadores (Dejours 2007/1998).

Destarte, as análises das entrevistas com os professores de atividades circenses indicam que o trabalho realizado por estes profissionais é atravessado tanto por vivências de reconhecimento quanto pela sua ausência. De modo geral, os professores vivenciam o reconhecimento por parte dos alunos, de familiares e amigos. O Espaço de Atividades Circenses e o trabalho dos professores é (re)conhecido na cidade e no Estado de Mato Grosso do Sul. Alguns fragmentos extraídos das falas dos professores confirmam estas assertivas:

Então! hoje eu sou reconhecido, sou indicado muitas vezes, sou valorizado demais por causa disso. Hoje eu tenho um nome na cidade /.../. Muitos, muitos e muitos hoje, vêm aqui no Espaço por causa de mim. Porque já conhecem a minha história dentro do circo, então hoje vejo a minha valorização. Os meus amigos já vão nos espetáculos me assistir, meus amigos trouxeram os filhos deles porque acreditam no meu trabalho. Meus familiares, minhas primas, tios (...) tem primos, tem sobrinhos aqui. /.../ Então, hoje, sou super, hiper, mega valorizado pelas pessoas que me rodeiam e conhecem, e sabem do meu trabalho. Muitas vezes até perguntam se vou fazer alguma apresentação, se vou em algum lugar que a gente quer ir e tal. Hoje o meu trabalho é valorizado e muito, então eu sei da importância do meu trabalho /.../. Então hoje eu sei da minha importância. Eu sei que sou reconhecido e eu gosto desse reconhecimento, eu me sinto mais forte a cada dia e sinto mais vontade de dar aula (Carequinha).

/.../ é gratificante ter o reconhecimento dessas mesmas crianças /.../ (Benjamin).

Ontem recebi até elogios ((dos alunos)) (Piolin).

/.../ os amigos às vezes você escuta os elogios. “Cara, nunca imaginei que você ia se dedicar a isso”, “eu vejo o quanto você está bem”, “eu vejo o quanto você está feliz aí dentro”, principalmente quando a gente faz espetáculos durante o ano e convidamos as pessoas para virem assistir. “Pode perceber o quanto você se encontrou aí dentro” e tudo mais. Eu consigo enxergar esse reconhecimento, e é um dos objetivos sim! Todos os anos a gente tem esse reconhecimento, nós queremos ser uma escola reconhecida dentro do estado, dentro de Corumbá e Mato Grosso do Sul. Uma escola reconhecida dentro das metodologias das atividades circenses, nós buscamos isso (Picolino).

/.../ hoje, a Escola é bastante conhecida no Mato Grosso do Sul. É muito conhecida até entre as escolas de circo que existem. As pessoas que trabalham com circo já conhecem a Escola [suprimido].

As falas acima demonstram a gratificação obtida pelos professores quando o esforço e o sofrimento para realização do trabalho são valorizados. É por meio do reconhecimento que os trabalhadores se sentem motivados para realizarem as tarefas diárias e tornarem o Espaço de

Atividades Circenses (re)conhecido pelo País. É também através da dinâmica do reconhecimento que os professores compreendem a utilidade, o valor e a importância do trabalho que realizam. As atividades adquirem significação e o sofrimento inerente ao trabalho é transformado em prazer, em criatividade (Dejours 1993/2011; Dejours, 1998/2007; Mendes, 2007a).

O trabalho, ao possibilitar o olhar do outro – o reconhecimento –, torna-se um importante elemento na construção da identidade dos sujeitos. Portanto, quando Carequinha afirma “hoje eu tenho um nome na cidade”, é possível observar que “o reconhecimento traz também um benefício no registro da identidade, isto é, naquilo que torna este trabalhador um sujeito único, sem nenhum igual” (Dejours & Abdoucheli 1990/1994, p. 135). Assim, pela via do reconhecimento – do olhar do outro –, o trabalho se constitui como um espaço de construção da identidade pessoal e social dos trabalhadores, uma fonte de gratificação e satisfação pessoal (Martins, Moraes & Lima, 2010).

Deste modo, é possível deduzir que os alunos, os pais dos alunos, amigos e familiares, realizam o julgamento de utilidade do trabalho. Essa inferência é possível, pois Dejours (2005, p. 54) afirma que “os clientes são juízes da utilidade do trabalho de produção ou serviço, já que estão diretamente em relação com o ego”, isto é, em relação direta com os professores circenses. Assim, quando os amigos e familiares assistem às apresentações ou matriculam os filhos para realizarem aulas no Espaço, eles consomem os serviços, ou seja, são clientes/público. Essas afirmativas são evidentes nas falas de Carequinha e Piolin:

/.../ ele ((aluno)) olhar para mim e falar “cara, adorei essa aula, é um prazer ter essa aula. Amanhã estou aqui, semana que vem estou aqui”. Ouvir dos pais principalmente falar assim: “Nossa, meu filho está apaixonado. Ano que vem com certeza ele vai estar aqui” – que é o que a gente ouviu muito no espetáculo do ano passado. “Com certeza, ano que vem ele voltar”. Vai ter mais gente! Então isso é um prazer imensurável, literalmente é imensurável /.../ (Carequinha).

/.../ sempre converso ((com os alunos)) para saber se a aula foi boa ou não (Piolin).

Observa-se a partir dos diálogos que os alunos e pais confirmam que o trabalho bem-feito é útil. Compreende-se, a partir do julgamento de utilidade proferido pelos clientes/público, que os professores são reconhecidos pela utilidade do que fazem e pela contribuição ao Espaço de Atividades Circenses e à sociedade (Dejours, 2005/1995; Martins, 2008; Mendes, 2007a). Em contrapartida, o julgamento de beleza, ou seja, se o trabalho é bem-feito só pode ser realizado pelos pares, pelos demais professores de atividades circenses:

| /.../ um vê a aula um do outro e a gente fala /.../ gostei do que você fez em tal aula, tal brincadeira você pode me explicar como funciona /.../ (Picolý).

Constata-se na fala de Picolý que no cotidiano do trabalho e na preparação das aulas os professores não só se ajudam mutuamente com dicas de exercícios e conteúdos, mas verbalizam que gostaram das atividades desenvolvidas pelos demais professores. Dessa forma, esses profissionais realizam o julgamento estético, reconhecem a capacidade profissional, o esforço pessoal e a beleza do trabalho realizado pelos colegas. É importante notar que somente os pares podem realizar esse tipo de julgamento, pois eles conhecem as dificuldades e as exigências do ofício, portanto, apenas os professores de atividades circenses podem atestar a qualidade do trabalho dos demais professores e dizer se ele é ou não bem-feito (Dejours & Abdoucheli 1990/1994; Martins, 2008; Mendes, 2008).

O reconhecimento esperado e demandado pelos trabalhadores é essencialmente de natureza simbólica. Os sujeitos se engajam no trabalho, contribuem com a organização e esperam um retorno não apenas financeiro, mas de constatação pelos outros – colegas de trabalho, hierarquia, clientes –, da utilidade e beleza do trabalho desempenhado (Dejours, 1993/201; Martins, Moraes & Lima, 2010). A natureza simbólica do reconhecimento pode ser verificada na fala de Carequinha:

| /.../ porque você vê que o seu trabalho, o seu resultado está ali. Não é um resultado que você precisa fazer cálculo para ter resultado, como se fosse dinheiro e que você tem que fazer cálculo para ver se está sobrando dinheiro no final do ano. Não! É um resultado que a pessoa ali para você e te dá um abraço, mãe com lágrima no olho, pai com lágrima no olho e falando “cara, foi maravilhoso, eu adorei. Ano que vem meu filho está aí. Meu filho não para de fazer isso lá em casa, eu tenho que pedir para ele parar”. Isso é um prazer enorme porque sei que o meu trabalho está sendo repassado, ele está sendo bem-visto e bem direcionado (Carequinha).

Assim, Carequinha evidencia nitidamente que ele não precisa fazer cálculos para perceber quando o trabalho é reconhecido e bem-visto, pois a retribuição é de natureza simbólica e se revela por meio de um abraço, de um elogio, e até mesmo por meio da permanência dos alunos no Espaço de Atividades Circenses. Os professores também percebem o reconhecimento e a valorização do trabalho quando são contratados para realizarem apresentações circenses em locais que até então eram inacessíveis:

| /.../ eu acho bom também quando a gente consegue chegar em um local que a gente não conseguia antes. Por exemplo, nesse último ano a gente conseguiu entrar no Festival

América do Sul, algo que há três anos a gente tentava, aí quando a gente vê que o nosso reconhecimento, o trabalho que a gente vai fazendo vai sendo visto e está sendo bom. As portas também vão se abrindo, as pessoas vão reconhecendo e os caminhos vão aparecendo quando a gente se dedica (Benjamin).

Destarte, observa-se com base nas entrevistas que os trabalhadores pesquisados enfrentam inúmeras dificuldades no dia a dia, isto é, quando se defrontam com o real do trabalho que não está prescrito nos manuais e livros de atividades circenses, esses profissionais se mobilizam subjetivamente, usam a inteligência criativa, executam as atividades e quando são reconhecidos pelo empenho e esforço o sofrimento adquire sentido. “E isso se traduz afetivamente por um sentimento de alívio, de prazer, às vezes de leveza d’alma ou até de elevação. O trabalho se inscreve então na dinâmica da realização do ego” (Dejours, 2007/1998, p. 34).

É importante ressaltar que, em relação aos amigos e familiares, os professores entrevistados relatam que o reconhecimento teve que ser conquistado devido ao estigma com a profissão. Essa afirmação pode ser constatada nos diálogos que se seguem:

De começo, não digo rejeição, mas foi aquela que todo mundo acha que o circo é (...) que é só coisa de palhaço e chegar lá e fazer, e pronto! Achavam que eu estava lá apenas por diversão e não como uma forma de adquirir conhecimento, mas conforme foram vendo minha evolução e assistindo alguns espetáculos meus, eles puderam ver que não é apenas chegar lá e brincar, que eu sou bastante para poder adquirir todo o conhecimento que tenho atualmente, que estou sempre buscando. Hoje em dia eles conseguem enxergar como uma forma de renda, e respeitam bastante também (Piolin).

Em relação à família /.../ no início foi “não vai pra aí porque você tem outras coisas mais importantes pra fazer”, /.../, mas depois que a gente se tornou (...) se tornou um negócio de trabalho, sempre houve a valorização /.../ (Benjamin).

/.../ a minha família (...) a gente não chegou num momento de falar “hoje você tem uma empresa”. A gente não chegou a conversar assim, intimamente falando. Mas eu vejo que mesmo sendo mais tímido esse compartilhar de sentimentos seja mais (...) não tão expressivo, eu consigo enxergar que eles acreditam no meu trabalho (Picolino).

Percebe-se que os diálogos apresentados retratam a trajetória profissional dos circenses e artistas de modo geral, haja vista que as pesquisas têm evidenciado que os artistas frequentemente vivenciam a falta de reconhecimento social da arte como um trabalho e a ausência de apoio familiar na escolha profissional. O fazer artístico, geralmente, é marcado pelo estigma, preconceito, ampliação das desigualdades, precarização das relações e condições de trabalho (Menger, 2005; Bendassolli & Andrade, 2015; Nascimento & Dellagnelo, 2018;

Nascimento, Xavier & Dellagnelo, 2018; Segnini, 2016; Segnini & Lancman, 2011). Nessa direção, infere-se que a precarização do trabalho no âmbito artístico/circense reforça o receio da sociedade e das famílias com a profissão do artista.

O não reconhecimento social da arte como um trabalho e a desvalorização do fazer artístico se tornam mais evidentes nas falas abaixo:

/.../ o trabalho ainda é pouco reconhecido dentro do nosso meio, como eu falei. Então ainda é pouco valorizado, tanto questão financeira quanto outras questões de reconhecimento mesmo. Várias vezes a gente recebe convites para fazer *workshop*, dar aulas em algum evento, e as pessoas acham que é simplesmente algo que não precisa ser cobrado. Eles acham que Atividades Circenses, a gente como professor de Atividades Circenses, está sempre disposto a levar isso gratuitamente. Não reconhecem ainda como um trabalho, a gente como um professor. Então as pessoas ainda acham que é simplesmente fazer um convite e nós vamos lá e pronto, mas a gente tem muita coisa além disso. A gente tem que deixar de (...) a gente tem que ter horário disponível para fazer isso, tem que disponibilizar instrumentos, é isso (Piolin).

Eu vou começar pelo que eu não gosto. Eu não gosto do não reconhecimento das pessoas. Porque o trabalho circense é corporal, vou colocar aqui como braçal, então tem um pré antes de acontecer o espetáculo, por exemplo. E quando chega uma pessoa e fala vão lá fazer uma apresentação pra gente, mas não dá pra eu pagar. Isso é como se estivesse desvalorizando todo o trajeto, todo o trabalho que a gente tem, que a gente faz, por achar que isso aí qualquer pessoa faz e tal. Então isso é algo que eu não gosto, da não valorização das pessoas em relação ao que a gente faz (Benjamin).

Vem na minha cabeça que ainda é um trabalho pouco valorizado, pouco reconhecido no meio atual. As pessoas ainda veem o circo como uma certa forma de brincadeira, de palhaçaria, e não é só isso. A gente trabalha muitas coisas além da diversão. Então as pessoas ainda acham que é só uma mera brincadeira, não reconhecem o nosso trabalho como ele deveria ser reconhecido (Piolin).

Destarte, as entrevistas evidenciam que o não reconhecimento da arte circense como um trabalho tem sido um fator gerador de sofrimento para os professores de atividades circenses. Observa-se que a não compreensão do fazer artístico como um trabalho não só inviabiliza a dinâmica do reconhecimento por parte dos clientes/contratantes, como também revela a desvalorização financeira do trabalho realizado pelos professores. Dessa forma, o esforço investido por esses profissionais na preparação de uma apresentação não é reconhecido, o trabalho é nivelado por baixo, as atividades circenses são desqualificadas e o investimento pessoal dos professores é negado. Essas afirmações revelam que o capitalismo é hostil à arte e não está disposto a promovê-la (Fischer, 1959/1983).

A Psicodinâmica do Trabalho tem demonstrado que o reconhecimento, apesar de ser uma demanda legítima e estar presente nos discursos e reivindicações dos trabalhadores, nem sempre é vivenciado no cotidiano das organizações. A ausência de reconhecimento inviabiliza a transformação do sofrimento em prazer produzindo ainda mais sofrimento, podendo levar a desestabilização da personalidade e a doença mental. O reconhecimento está diretamente relacionado ao modo como os trabalhadores percebem o trabalho, o nível de investimento na realização das atividades e o grau de motivação e satisfação (Dejours 2007/1998; Ferreira, 2008).

Assim, compreende-se que as reivindicações de reconhecimento e valorização social do trabalho, por parte dos participantes deste estudo, é uma demanda legítima e um fator indispensável para que o trabalho se torne uma poderosa fonte de prazer e contribua para a manutenção da saúde física e mental desses trabalhadores, isto é, para que o desgosto, o descontentamento e o sofrimento experienciado com a desvalorização do trabalho não se torne patogênico e fonte de adoecimento (Mendes & Morrone, 2002).

É preciso destacar que, apesar da incompreensão de muitos sujeitos a respeito do fazer artístico, e em particular do trabalho com as atividades circenses, os profissionais pesquisados possuem convicção da importância do trabalho que realizam:

Bom! nosso trabalho – eu acredito e tenho convicção disso – é muito importante para a sociedade, porque a gente não mexe apenas com coisas lúdicas, “palhaçaria”, a gente trabalha muito a questão motora, a questão social das crianças. Eu acho que isso é muito importante para elas adquirirem, irem moldando o seu caráter de forma que elas consigam respeitar a sociedade como um todo (Piolin).

Eu considero importante. Porque a gente trabalha com uma atividade artística, criativa, não tradicional, que desenvolve um processo criativo em todas as pessoas – não vou dizer só das crianças. Tirando a parte corporal, a gente trabalha com a superação de medos, superação de obstáculos e desafios. Tentar se superar a todo momento /.../ (Benjamin).

As falas acima revelam que o trabalho para os professores de atividade circense é significativo, possui múltiplas utilidades, além de ser uma poderosa ferramenta de desenvolvimento das potencialidades humanas. As entrevistas também demonstram que o trabalho com as atividades circenses é, ao mesmo tempo, artístico, corporal, social, educativo e emocional. Esses resultados vão ao encontro das discussões teóricas que têm demonstrado que as atividades circenses podem ser utilizadas em diversos âmbitos como instrumentos que possibilitam o desenvolvimento da sensibilidade corporal, motricidade, criatividade, superação

de limites, autoestima e bem-estar psicossocial de seus praticantes (Bortoleto & Machado, 2003; Duprat, 2007).

Em resumo, esta categoria indica que os participantes entrevistados vivenciam experiências de reconhecimento, mas também sentem na pele a falta de reconhecimento do fazer artístico como um trabalho. Por fim, identificou-se nesta categoria que as vivências de prazer estão associadas ao reconhecimento e valorização do trabalho por parte dos alunos, pais dos alunos, amigos, familiares e colegas de trabalho. As vivências de sofrimento estão relacionadas à ausência de valorização do fazer artístico como um trabalho e que, portanto, exige dispêndio de energia, empenho, dedicação e esforço.

7.2.5. Realização pessoal: trabalho é uma coisa que você faz e te satisfaz

O trabalho, em sua dinâmica contrastante, pode adquirir diferentes sentidos para os trabalhadores, para uns pode ser fonte de prazer, satisfação e realização e para outros fonte de sofrimento, insatisfação e alienação. A forma como os sujeitos percebem o trabalho e o sentido que este adquire estão diretamente relacionados ao contexto de trabalho no qual estão inseridos (Bottega, Perez & Merlo, 2015; Morin, 2002). Para a Psicodinâmica, o sofrimento inerente ao trabalho pode ser ressignificado e transformado em uma poderosa fonte de realização e satisfações concretas e simbólicas, haja vista que o trabalho é um elemento essencial na construção da identidade e um importante mediador de autorrealização e de saúde física e mental (Dejours, 2011a; Ferreira, 2008; Martins, Moraes & Lima, 2010; Mendes & Morrone, 2002).

Assim, nos discursos dos professores de atividades circenses são consideráveis as colocações que fazem referência à possibilidade de realização pessoal através do trabalho. A satisfação e gratificação são obtidas com o aprendizado do aluno, com o resultado final do trabalho e com a possibilidade de transmitir as artes circenses. Essas afirmações podem ser constatadas nas falas a seguir:

Satisfeito, satisfação total! Eu acho que é dever cumprido quando vejo que o meu objetivo foi cumprido. Óbvio que a gente tem algumas frustrações no meio do caminho até conseguirem realizar como a gente deseja. Cada aluno tem a sua dificuldade, alguns mais facilidade, mas quando vejo que conseguiram realizar algo que eu desejava para mim, eu tenho uma grande satisfação como professor (Piolin).

/.../ a satisfação é quando o meu trabalho, o nosso trabalho, é realizado. No final a gente consegue enxergar. Um exemplo: no espetáculo, eu me sinto satisfeito nesse momento.

Ou quando o meu aluno consegue executar o movimento que ele não conseguia. A minha satisfação é essa também! /.../ (Picolino).

Vou começar pelo positivo. Eu acho que é a gratificação do meu trabalho como professor de atividades circenses. É gratificante chegar no final de um período e ver o resultado. É gratificante ver, por exemplo, um aluno que chegou e tinha medo, não conseguia, e ver ele se desenvolvendo, ver ele conseguindo se superar. Não comparando ele com outras crianças, mas comparando a ele mesmo no início do processo. Ver a evolução que essa criança teve (Benjamin).

Positivo para esse trabalho (...) acho que todos os seus entrevistados irão falar isso, que é quando o aluno consegue fazer aquilo que você ensina. Eu, por exemplo, sou ((professor de)) metais, aéreo, trapézio ou lira. É um pouco difícil para você entender o movimento, ou entender um giro ou uma queda, mas quando ele faz é um prazer, é um êxtase que você fala assim: consegui fazer com que o aluno entenda (Carequinha).

/.../ eu gosto de estar lá atuando como professor e me satisfazer quando vejo alguma aluna realizando algum objetivo que eu tinha, alguma meta que eu tinha para cumprir, e essa meta foi cumprida. Acho que me ajuda bastante. Fora isso, posso fazer alguma coisa que eu gosto, a Ginástica e o Tecido Acrobático, que são coisas que eu me apaixonei e hoje em dia estou podendo trabalhar com elas (Piolin).

Cara, para mim, ser professor de atividades circenses é ter um trabalho que você se sinta livre em alguns aspectos e fazer algo que é prazeroso, que é gostoso. E você pode passar o que já viveu, os conhecimentos que foi acumulando para outras pessoas (Benjamin).

A partir das verbalizações é possível inferir que o aprendizado dos alunos corresponde ao produto final do trabalho, isto é, a obra criada. Já a transmissão dos conhecimentos se refere ao processo de criação. Observa-se que tanto o processo de criação/ensino quanto a contemplação da obra/aprendizagem do aluno são fontes de prazer e de realização pessoal para os professores.

Desse modo, o processo de trabalho dos professores pode ser compreendido da seguinte maneira: a) os professores desempenham a função de ensinar um determinado movimento aos alunos; b) há diversas alternativas de/para o ensino; c) os professores antecipam na consciência os resultados de cada alternativa e escolhem uma maneira, um método que consideram mais adequado; d) após projetarem na consciência os resultados de cada alternativa agem objetivamente e ensinam os alunos; e) como resultado do processo os alunos, geralmente, aprendem um movimento; f) os professores contemplam o movimento executado pelos alunos; g) a observação da obra criada produz prazer e um profundo sentimento de satisfação e realização pessoal (Lessa & Tonet, 2011).

A sequência apresentada acima foi adaptada com o intuito de exemplificar os relatos dos professores que vivenciam prazer, satisfação e gratificação a cada ato de trabalho, isto é, a

cada objetivo e metas alcançadas. Essa sequência fica ainda mais evidente na fala de Piolin, que relata a satisfação ao ver o resultado do trabalho:

| /.../ então, sempre que alguma criança lá dentro consegue realizar o que eu tinha em mente, ou superar o que eu tinha pensado, para mim é uma grande satisfação de conseguir estar fazendo o trabalho certo (Piolin).

É preciso ter em mente que o resultado do trabalho dos professores pesquisados – o ensino das atividades circenses –, trata-se de uma expressão artística, de uma arte (Foguel, 2016). Desse modo, a criação de um objeto artístico, o ensino das artes circenses, surge como resultado de um trabalho *sui generis*, que objetiva satisfazer as necessidades de expressão e comunicação dos professores e alunos artistas (Vásquez, 2010). Assim, os professores-artistas circenses, ao criarem e ensinarem um movimento, resgatam e se apropriam das experiências cotidianas e dos conhecimentos técnicos. Tal processo possibilita a ampliação de sentimentos e o rompimento com a cotidianidade, haja vista que os artistas não se relacionam com a arte somente pelo prazer que ela produz, mas também pela necessidade de estabelecerem novas relações estéticas com o mundo e de romperem com o habitual (Pereira, 2010).

Mais que obtenção de renda, o trabalho artístico representa um meio de expressão, de entrega e de autorrealização. Os artistas se envolvem emocionalmente na realização do trabalho, se entregam ao fluxo do processo criativo e experienciam prazer e satisfação pessoal ao final de cada atividade (Bendassolli & Andrade, 2015; Menger, 2005; Nascimento e Dellagnelo, 2018). Essas afirmações podem ser observadas na fala de Piolin:

| /.../ eu me sinto muito grato e satisfeito quando saio de uma aula em que consigo passar um pouco do que queria para as crianças. Então, não é apenas uma coisa financeira, é uma questão emocional também (Piolin).

Para Dejours (2007) e Mendes (2007a), a realização dos trabalhadores está diretamente relacionada à possibilidade de prazer no trabalho, haja vista que o trabalho é mediador da realização pessoal na esfera social. O trabalho possibilita a obtenção do olhar do outro e se constitui, para a maioria dos sujeitos, uma oportunidade de satisfação e realização pessoal. “Dessa forma, o sofrimento adquire sentido (...), podendo ser transformado em realização pessoal, contribuindo para a contínua construção do EU (identidade pessoal e social)” (Martins, Moraes & Lima, 2010, p. 22).

O trabalho com as artes/atividades circenses representa para os professores pesquisados não só a possibilidade de realização pessoal, mas de superação de limites, satisfação e alegria:

É um lugar ((o circo)) que você entra sorrindo e sai sorrindo, não tem outro jeito, você sempre vai se encantar e você se encanta cada vez mais quando você consegue fazer algo que queria fazer. “Eu não sei fazer uma estrela”, “não sei fazer um rolamento”, quando você começa fazer e entende aquilo você se sente realizado, o que foi o meu caso. Antes não sabia fazer quase nada, e hoje sei fazer muita coisa; é inexplicável a emoção. Até para mágica que hoje eu estou trabalhando, estudo, estudo, estudo um truque (...) quando eu consigo acertar é apaixonante, é aquele êxtase, então é maravilhoso. Estudei, fiz graduação dentro do circo, meu mestrado, minha dissertação foi dentro do circo, e meu doutorado provavelmente vai ser dentro do circo (Carequinha).

O que eu mais gosto (...) é a oportunidade de me superar a todo momento. Eu sei aonde posso chegar, eu sei onde já estou e que, se eu trabalhar, se me esforçar, me dedicar, posso ir além de um movimento que eu ainda não consigo, de uma queda ou um salto que eu ainda não consigo. É algo que não tem um limite, sempre vai haver o lance de superar a mim mesmo (Benjamin).

Trabalho é uma coisa que você faz e te satisfaz. Porque afinal é uma coisa para todos os dias, então tem que ser uma coisa legal. Para mim tem que ser um trabalho que te deixa pleno que no final do dia você vai dormir e você vai dizer fiz o meu trabalho e estou feliz fazendo o que eu estou fazendo /.../. É um trabalho divertido, é um trabalho que eu levo muito a sério, mas eu me divirto bastante porque crianças divertem muito a gente /.../ (Picoly).

Observa-se, a partir dos diálogos, que os professores se sentem satisfeitos e felizes com o trabalho que realizam. O picadeiro é transformado no palco da vida onde as alegrias, tristezas e superações humanas são representadas, os limites do corpo e da mente são desafiados (Torres, 1998). É no circo que a magia acontece, é também através do trabalho com as atividades circenses que os professores entrevistados se realizam pessoalmente, trabalham com paixão e vivenciam o prazer, pois “se você tem prazer em trabalhar, você não está trabalhado, você está se sentindo feliz, você é feliz naquilo” (Carequinha).

Nessa direção, quando questionados sobre o futuro profissional, os professores dizem que querem permanecer nas atividades circenses, fato que revela a importância do trabalho para estes sujeitos e a realização pessoal obtida através da realização desta atividade:

Sinceramente o meu futuro profissional /.../, eu espero sempre eternamente estar dentro de um circo, independente se for dono de um circo ou se estiver dando aula de circo. Espero muito dar aula de circo, qualquer coisa, mas viver dentro de um circo /.../ (Carequinha).

Eu espero me profissionalizar mais, fazer mais cursos e entrar para algum grupo de circo /.../. Eu me vejo no futuro ou num grupo de circo ou eu mesmo tendo o meu espetáculo e viajando pelo Brasil e pelo mundo com o circo e com a música. Porque além de ser

acrobata eu também canto, então eu pretendo juntar os dois e voar com a minha arte (Picoly).

O meu futuro profissional /.../ eu quero continuar trabalhando nessa área, quero me profissionalizar um pouco mais, quero me capacitar, aperfeiçoar muita coisa. Eu quero ter um grupo de trabalho maior, quero ter um espaço maior, e hoje não consigo me enxergar fazendo outra coisa /.../ (Picolino).

Meu futuro profissional? Eu espero sucesso /.../ atualmente sei que é isso que eu quero, estou feliz, estou contente com isso /.../ (Piolin).

O meu futuro profissional teve uma mudança agora no início do ano, eu passei em um concurso, aí vou estar me ausentando um pouco /.../. A minha trajetória vai mudar um pouquinho, mas eu espero voltar para as atividades circenses mesmo dando essa pausa /.../ (Benjamin).

É possível inferir que os diálogos traduzem não só a satisfação pessoal com o trabalho, mas a paixão que esses trabalhadores possuem pelo circo, a necessidade vital de criação e o desejo de permanência nas atividades circenses, ou ainda, nas palavras de Picoly, o desejo de voar com a arte. Os professores entrevistados satisfazem suas necessidades de expressão e comunicação, encontram sentido para a vida e humanizam o mundo por meio das artes circenses (Vásquez, 2010).

Desse modo, os resultados indicam que o trabalho dos professores circenses é dotado de sentido e sua execução é fonte de prazer, satisfação pessoal e autorrealização. É importante enfatizar que um trabalho com sentido produz um resultado útil, as realizações das atividades são prazerosas e geram um profundo sentimento de satisfação (Martins, Moraes & Lima, 2010; Morin, Tonelli & Pliopas, 2007). Em resumo, essa categoria indica que a organização do trabalho pesquisada permite a transformação do sofrimento em realização e satisfação pessoal.

8. Considerações Finais: o espetáculo está chegando ao fim

Nesta seção, serão apresentados os principais resultados da pesquisa, bem como suas limitações e recomendações para novos estudos. A literatura sobre o trabalho artístico aponta que as pesquisas em torno dessa área tendem a dar enfoque à obra, mas silenciam o processo de trabalho e o trabalhador que a produz (Segnini, 2016). Na contramão dessa realidade, a presente dissertação se propôs analisar os sentidos do trabalho para professores de um Espaço de Atividades Circenses da cidade de Corumbá – MS, tendo como abordagem teórica a Psicodinâmica do Trabalho e aportes da Psicologia Social.

Assim, este estudo buscou conhecer os bastidores e lançar luzes sobre o trabalho realizado por professores-artistas circenses. Foi por meio do desejo de conhecer as vivências de prazer e sofrimento experienciadas por esses profissionais que a presente dissertação tomou forma e possibilitou que os professores pudessem contar suas histórias, medos, desafios e alegrias. Para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco professores de atividades circenses. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo Categorical, método proposto por Bardin (1977/2009). Após a preparação dos dados, estes foram agrupados por semelhanças e reagrupados tematicamente em cinco categorias finais: Organização do trabalho; Condições de trabalho; Relações socioprofissionais; Reconhecimento; e Realização pessoal.

Por meio das entrevistas foi possível descrever as expectativas e trajetórias profissionais dos participantes do estudo. Os dados demonstraram que os professores de atividades circenses possuem uma trajetória singular e repleta de desafios e alegrias. Identificou-se que a carreira profissional desses trabalhadores é marcada pelo amor às atividades circenses e pela amizade, mas também pelas dificuldades de atuarem em uma profissão na qual o retorno financeiro é mínimo e os vínculos de trabalho são precários. Os trabalhadores vivenciam a ausência dos benefícios e direitos trabalhistas assegurados pela CLT, e muitas vezes necessitam complementar a renda com outras atividades.

As cinco categorias, formuladas através do método da Análise de Conteúdo Categorical, possibilitaram o conhecimento do contexto de trabalho dos professores de atividades circenses. Nessa direção, a categoria Organização do Trabalho evidenciou que os professores possuem autonomia para realizarem as atividades de modo diferenciado. A divisão do trabalho e dos horários é realizada a partir do diálogo e com base na disponibilidade, identificação e/ou domínio dos professores com as atividades. Por outro lado, há indícios de sobrecarga de

trabalho entre os sócios proprietários. Os resultados indicaram que a organização do trabalho possibilita aos professores a utilização do saber-fazer, da inteligência criativa e da prática do “quebra-galho”.

Quanto às Condições de Trabalho, estas são consideradas satisfatórias pelos professores. Os materiais e equipamentos utilizados na realização das atividades são suficientes e atendem as normas de segurança, no entanto, alguns acidentes já ocorrem. Quanto ao salário recebido por estes profissionais, verificou-se que este é uma importante fonte de descontentamento, por esse motivo alguns professores buscam no concurso público a estabilidade e o retorno salarial não encontrado na profissão como professor de atividades circenses.

No que se refere às Relações Socioprofissionais, as análises demonstraram que o relacionamento professor-aluno é baseado na amizade e no respeito. A relação hierárquica entre os sócios e os professores contratados é fundamentada no diálogo, na troca e na confiança. A relação entre os professores possibilita a construção de espaços de trocas, de regras e do coletivo de trabalho. Há liberdade para a exposição de ideias, problemas e dificuldades. Em contrapartida, esta categoria também demonstrou que a relação profissional acabou interferindo na relação de amizade entre os sócios. Os resultados indicaram que os professores-sócios encontram dificuldades para construir espaços fora do trabalho em que os temas tratados não façam referências às questões laborais.

As análises realizadas na categoria Reconhecimento indicaram que os professores entrevistados vivenciam cotidianamente experiências de reconhecimento, porém também se deparam com a ausência desta, tendo em vista que o fazer artístico nem sempre é compreendido como um trabalho e valorizado como tal. Essa dualidade permeia os diálogos, contudo, as verbalizações demonstraram que o reconhecimento tem sido mais frequente que a sua ausência.

Através da categoria Realização Pessoal, verificou-se que os professores experimentam um profundo sentimento de realização com o aprendizado do aluno, com o resultado final do trabalho e com a possibilidade de transmitirem as artes circenses. Destarte, é possível perceber ao longo das narrativas que os entrevistados se identificam com o trabalho que realizam, são apaixonados pela profissão. O trabalho representa uma poderosa fonte de transformação do sofrimento em prazer e, conseqüentemente, de realização pessoal.

As análises realizadas em cada categoria viabilizaram a identificação das vivências/sentidos de prazer e sofrimento que os profissionais atribuem ao trabalho que realizam no Espaço de Atividades Circenses, isto é, foi possível conhecer os principais indicadores de prazer e sofrimento presentes no contexto de trabalho destes profissionais.

Nessa direção, as vivências de prazer estão associadas: à liberdade e flexibilidade da organização do trabalho; ao modo como a divisão das tarefas é realizada; ao uso da inteligência prática e criativa; à mobilização subjetiva; à prática do “quebra-galho”; à identificação com as atividades realizadas; ao conteúdo significativo das tarefas; às condições de trabalho favoráveis para a realização das tarefas; às relações socioprofissionais estabelecidas; ao reconhecimento obtido; e ao profundo sentimento de realização pessoal no trabalho.

As vivências de sofrimento estão associadas: à sobrecarga de trabalho entre os professores-sócios; ao baixo salário recebido; à instabilidade profissional; à realização de dois ou mais trabalhos ao mesmo tempo; à dificuldade de acesso a cursos de qualificação profissional; à interferência da vida profissional na amizade dos professores-sócios; ao não reconhecimento e valorização do fazer artístico como um trabalho.

Destarte, as análises realizadas indicaram que os professores de atividades circenses vivenciam experiências de prazer e sofrimento no trabalho. Tais vivências coexistem, contudo, as experiências de prazer se sobressaem às de sofrimento. O trabalho realizado por estes profissionais é um trabalho com sentido, é por meio dele que os professores de atividades circenses constroem sonhos, projetam o futuro e mantêm o circo vivo.

Cabe aqui destacar algumas limitações encontradas na realização desta pesquisa. Primeiro, esta dissertação foi realizada durante a Pandemia de Covid-19, fato que alterou a vida e a rotina de bilhões de pessoas ao redor do mundo, por esse motivo não foi possível ao pesquisador realizar uma imersão no contexto de trabalho dos professores pesquisados. Segundo, os resultados aqui descritos não podem ser generalizados, pois a organização do trabalho pesquisado possui características singulares e dinâmica própria. Terceiro, algumas questões problematizadas ao longo das análises necessitam de mais aprofundamentos, haja vista que estas escapam aos objetivos da presente dissertação.

Desse modo, considerando que a temática não pode se esgotar em um estudo, as discussões sobre os sentidos do trabalho para professores de atividades circenses deve ser objeto de novas pesquisas. Estes estudos podem ser realizados com uma população de professores maior, em outras escolas de circo e com a participação de pessoas do gênero feminino. Sugere-se que futuras pesquisas busquem compreender como as relações de gênero e sexualidade se dão no contexto de ensino das atividades circenses e os motivos pelos quais o presente estudo evidenciou a intensa participação de pessoas do gênero feminino nas aulas, mas não verificou a presença de professoras no Espaço de Atividades Circenses pesquisado. Também, verifica-se

a importância de pesquisas que tratem da relação de ensino-aprendizagem e dos fatores de riscos presentes nas escolas de circo.

Por fim, deixamos uma última provocação: Como a alegria, realização e sentido do trabalho no circo poderia (re)encantar o trabalho de cada um de nós?

Respeitável público! Chegamos ao final do espetáculo.

As cortinas se fecham.

As luzes se apagam.

Referências

- Abreu, L. A. (2007). Apresentação. In E. Silva. *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil* (pp. 13-17). São Paulo, SP: Altana.
- Albornoz, S. (2008). *O que é trabalho* (6a ed., Coleção Primeiros Passos). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Amaral, A. L. V. (2012). Trabalho, saúde e estranhamento na primeira década do século XXI. In A. L. V. Amaral, D. P. Mota & G. Alves (Orgs.), *Trabalho e estranhamento: saúde e precarização do homem que trabalha* (pp. 68-86). São Paulo, SP: LTr.
- Antloga, C. S., & Mendes, A. M. (2009). Sofrimento e adoecimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 255-262. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000200014>
- Antunes, R. L. C. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Antunes, R. (2012). As formas de alienação e do estranhamento no capitalismo contemporâneo. In A. L. V. Amaral, D. P. Mota & G. Alves (Orgs.), *Trabalho e estranhamento: saúde e precarização do homem que trabalha* (pp. 17-22). São Paulo, SP: LTr.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Araújo, R. R., & Sachuk, M. I. (2007). Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. *Revista de Gestão*, 14(1), 53-66. Recuperado de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/27572/os-sentidos-do-trabalho-e-suas-implicacoes-na-formacao-dos-individuos-inseridos-nas-organizacoes-contemporaneas/i/pt-br>
- Aristóteles. (1985). *A política* (2a ed.). Brasília, DF: Editora UnB.
- Assis, D. T. F., & Macedo, K. B. (2008). Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 117-124. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100013>
- Augusto, M. M., Freitas, L. G., & Mendes, A. M. (2014). Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. *Psicologia em Revista*, 20(1), 34-55. Recuperado de <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p34>
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa, PT: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977).
- Barreto, M. (2012). O mundo do trabalho contemporâneo e saúde do homem que trabalha. In A. L. V. Amaral, D. P. Mota, & G. Alves (Orgs.), *Trabalho e estranhamento: saúde e precarização do homem que trabalha* (pp. 112-124). São Paulo, SP: LTr.
- Bendassolli, P. F. (2007). *Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.

- Bendassolli, P. F. (2009). *Significado do trabalho e a carreira artística*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Bendassolli, P. F., & Andrade, J. E. B. (2011). Significado do trabalho nas indústrias criativas. *Revista de Administração de Empresas*, 51(2), 143-159. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-75902011000200003>
- Bendassolli, P. F., & Andrade, J. E. B. (2015). Significado, sentido e tensões no trabalho artístico. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 15(1), 71-81. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2015.1.305>
- Birchal, S. O., & Muniz, R. M. (2013). A lógica do capitalismo e o trabalho humano. In I. B. Goulart (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos* (pp. 37-54). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Blanch, J. (1996). Psicología social del trabajo. In J. L. Alvaro, A. Garriso, & JR Torregrossa (Eds.), *Psicologia social aplicada* (pp. 85-115). Madrid, ES: MacGraw-Hill.
- Bolognesi, M. F. (2003). *Palhaços*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Bolognesi, M. F. (2018). O novo-velho circo. *Moringa – Artes do Espetáculo*, 9(2), 55-62. Recuperado de <https://doi.org/10.22478/ufpb.2177-8841.2018v9n2.43624>
- Borges, L. O., & Yamamoto, O. H. (2014). Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In J. C. Zanelli., J. E. B. Andrade., & A. V. B. Bastos (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (2a ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bortoleto, M. A. C., & Machado, G. A. (2003). Reflexões sobre o circo e a educação física. *Revista Corpoconsciência*, 7(2), 36-70. Recuperado de <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3923>
- Bottega, C. G., Perez, K. V., & Merlo, A. R. C. (2015). Violência e Banalização do Sofrimento no Trabalho. In J. K. Monteiro., F. O. Vieira., & A. M. Mendes (Orgs.). *Trabalho e prazer: teoria, pesquisas e práticas* (pp. 117-134). Curitiba, PR: Juruá.
- Braverman, H. (1987). *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX* (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Carmo, P. S. (2005). *A ideologia do trabalho* (2a ed.). São Paulo, SP: Moderna.
- Castro-Silva, L. M. (2006). *Casos de afastamento por LER/DORT e retorno ao trabalho bancário: uma análise psicodinâmica* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2441/1/dissertacao%2520LEONARDO%2520MONTEIRO%2520DE%2520CASTRO-SILVA.pdf>
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Codo, W. (2006). *Por uma psicologia do trabalho: ensaios recolhidos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Codo, W., Sampaio, J. J. C., & Hitomi, A. H. (1993). *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Colet, D. S., & Mozzato, A. R. (2019). Respeitável público, o sentido do trabalho para o artista circense vai começar. *Revista Pensamento & Realidade*, 34(1), 11-127. Recuperado de <https://doi.org/10.23925/2237-4418.2019v34i1p111-127>
- Costa, E. A. (2012). Os bolivianos em Corumbá – MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. *Cadernos de Estudos Culturais*, 4(7), p. 17-33. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4692>
- Costa, E. A. (2013). Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. *Revista Transporte Y Territorio*, (9), 65-86. Recuperado de <https://doi.org/10.34096/rtt.i9.304>
- Dejours, C. (1994). A carga psíquica do trabalho. In C. Dejours., E. Abdoucheli., & C. Jayet, *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (I. Domingues, Trad., pp. 21-32). São Paulo, SP: Atlas. (Obra original publicada em 1980).
- Dejours, C. (1994). Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In C. Dejours., E. Abdoucheli., & C. Jayet, *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (D. V. B. Ventura., & M. J. Tonelli, Trad.) (pp. 45-65). São Paulo, SP: Atlas. (Obra original publicada em 1989).
- Dejours, C. (2005). *O fator humano* (5a ed.; M. I. S. Betiol., & M. J. Tonelli, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV. (Obra original publicada em 1995).
- Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social* (L. A. Monjardim, Trad). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV. (Obra original publicada em 1998).
- Dejours, C. (2007a). Prefácio. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 19-22). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Dejours, C. (2011a). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, Trad., pp. 57-124). Brasília, DF: Paralelo 15/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz. (Obra original publicada em 1993).
- Dejours, C. (2011b). Prefácio. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, Trad., pp. 23-30). Brasília, DF: Paralelo 15/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2015). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (6a ed.). São Paulo, SP: Cortez. (Obra original publicada em 1980).
- Dejours, C. (2017). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos* (V. Dresch, Trad.). Porto Alegre, RS: Dublinense.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In C. Dejours., E. Abdoucheli., & C. Jayet, *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola*

- Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (M. I. S. Betiol, Trad., pp. 119-145). São Paulo, SP: Atlas. (Obra original publicada em 1990).
- Dejours, C., & Cardoso, M. R. (2001). Christophe Déjours. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 89-94. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200007>
- Dejours, C., & Molinier, P. (2011). O trabalho como enigma. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, Trad., pp. 151-166). Brasília, DF: Paralelo 15/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz. (Obra original publicada em 1994).
- Duprat, R. M. (2007). *Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274902>
- Duprat, R. M., & Bortoleto, M. A. C. (2007). Educação Física Escolar: Pedagogia e Didática das Atividades Circenses. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 25(2), 171-189. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338529012>
- Duprat, R. M., Barragán, T. O., & Bortoleto, M. A. C. (2014). Atividades Circenses. In F. J. González., S. C. Darido. & A. A. B. Oliveira (Orgs.), *Ginástica, dança e atividades circenses* (pp. 165-230). Maringá, PR: Eduem.
- Ferreira, D. L., Bortoleto, M. A. C., & Silva, E. (2015). *Segurança no circo: questão de prioridade*. Várzea Paulista, SP: Fontoura.
- Ferreira, L. L. (2015). Apresentação. In C. Dejours. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (6a ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Ferreira, M. C. (2008). Chegar feliz e sair feliz do trabalho: aportes do reconhecimento no trabalho para uma ergonomia aplicada à qualidade de vida no trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão* (pp. 40-53). Curitiba, PR: Juruá.
- Fischer, E. (1983). *A necessidade da arte* (9a ed., L. Konder, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1959).
- Filgueiras, V., & Antunes, R. (2020). Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *Revista Contratempo*, 39(1), 27-43. Recuperado de <https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38901>
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre, RS: Penso.
- Foguel, I. (2016). *A magia do circo: sacrifícios e superações*. São Paulo, SP: Clube de Autores.
- Furtado, O. (2011). *Trabalho e solidariedade*. São Paulo, SP: Cortez.

- Gaglietti, M. (2007). Um olhar sobre as metamorfoses do trabalho. In J. C. Tedesco, & E. Pastore (Coords.), *Ciências sociais: temas contemporâneos* (pp. 35-74). Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo.
- Gáspari, J. C., & Schwartz, G. M. (2007). Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. *Motriz*, 13(3), 158-164. Recuperado de <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/793/746/0>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gomes, R. (1994). Análise de dados em pesquisa qualitativa. In S. F. Deslandes., R. Gomes., & M. C. S. Minayo (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (21ª ed., pp. 67-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Goulart, I. B., & Guimarães, R. F. (2013). Cenários contemporâneos do mundo do trabalho. In I. B. Goulart (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos* (pp. 17-36). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Hebeche, L. A. (2012). *Ontologia* (2ª ed.). Florianópolis, SC: UFSC.
- Hilário, F. J. (2001). *A Idade Média: nascimento do ocidente*. (2a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Júnior, J. G. A. (2007). *Apostila de Arte: artes visuais*. São Luís, MA: Imagética Comunicações e Design.
- Lafargue, P. (2003). *O direito à preguiça*. São Paulo, SP: Editora Claridade. (Obra original publicada em 1883).
- Lancman, S. (2011). O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, Trad., pp. 31-44). Brasília, DF: Paralelo 15/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Lessa, S., & Tonet, I. (2011). *Introdução à filosofia de Marx* (2a ed.). São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Martins, S. R. (2008). Tempo antes de adoecer: relações entre saúde e os processos psicodinâmicos do reconhecimento do trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão* (pp. 69-88). Curitiba, PR: Juruá.
- Martins, S. R., & Lima, S. C. C. (2015). Reconhecimento e coletivo de trabalho. In J. K. Monteiro., F. O. Vieira., & A. M. Mendes (Orgs.). *Trabalho e prazer: teoria, pesquisas e práticas* (pp. 51-74). Curitiba, PR: Juruá.
- Martins, S. R., Moraes, R. D., & Lima, S. C. C. (2010). Sofrimento, defesa e patologia: o olhar da psicodinâmica sobre a violência no trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Violência no trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica* (pp. 19-40). São Paulo, SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- Martins, S. R. O. (2010). Corumbá e Puerto Suárez, fronteira e interações a escala humana. In E. A. Costa., G. V. Lima., & M. A. M. Oliveira (Orgs.). *Estudos fronteiriços* (pp. 239-259). Campo Grande, MS: Editora UFMS.
- Marx, K. H. (1983). *O capital: crítica da economia política* (R Barbosa & FR Kothe, Trad.). São Paulo, SP: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1867)
- Marx, K. H. (2010). *Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro* (2a ed.). São Paulo, SP: Expressão Popular. (Obra original publicada em 1849)
- Marx, K. H. (2010). Manuscritos econômico-filosóficos (J Ranieri, Trad.). São Paulo, SP: Boitempo. (Obra original publicada em 1844)
- Melo, R. Z. (2020). Vai, vai, vai começar a brincadeira. *Em Extensão*, 18(2), 178-185. Recuperado de <https://doi.org/10.14393/REE-v18n22019-47997>
- Mendes, A. M. (2007a). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 29-48). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2007b). Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 49-62). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2007c). Pesquisa em psicodinâmica: a clínica do trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 65-88). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2008). Prazer, reconhecimento e transformação do sofrimento no trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão* (pp. 13-25). Curitiba, PR: Juruá.
- Mendes, A., & Araújo, L. K. R. (2010). Violência e sofrimento ético: contribuições da psicodinâmica do trabalho. In A. M. Mendes (Org.), *Violência no trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica* (pp. 91-108). São Paulo, SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Mendes, A. M., & Morrone, C. F. (2002). Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In A. M. Mendes., L. O. Borges., & M. C. Ferreira (Orgs.), *Trabalho em transição, saúde em risco* (pp. 25-42). Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- Menger, P. M. (2005). *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa, PT: Roma Editora.
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (6ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Abrasco.
- Minayo, M. C. S. (2007). O desafio da pesquisa social. In S. F. Deslandes., R. Gomes., & M. C. S. Minayo (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (26a ed., pp. 09-29). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Moraes, R. D. (2013). Estratégias de enfrentamento do sofrimento e conquista do prazer no trabalho. In A. R. C. Merlo., A. M. Mendes., & R. D. Moraes (Orgs.), *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 175-187). Curitiba, PR: Juruá.
- Moraes, R. D. (2014). Mobilização subjetiva: experiência em clínica do trabalho no Amazonas. In A. M. Mendes., R. D. Moraes., & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Trabalho e sofrimento: práticas clínicas e políticas* (pp. 203-116). Curitiba, PR: Juruá.
- Moraes, R. D. (2015). Trabalho e emancipação: um olhar da psicodinâmica do trabalho. In R. D. Moraes., & A. C. L. Vasconcelos (Orgs.), *Trabalho e emancipação: a potência da escuta clínica* (pp. 61-70). Curitiba, PR: Juruá.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08-19. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morin, E. M. (2002). Os sentidos do trabalho. *GV-executivo*, 1(1), 71-75. Recuperado de <https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/1507.pdf>
- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 47-56. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400008>
- MOTA, M. P. (2017). Corpo e questões de gênero e sexualidade nas atividades circenses em uma escola de Corumbá/MS (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Corumbá, MS, Brasil. Recuperado de <https://ppgecpan.ufms.br/files/2018/01/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mauro-Palmeira-Mota.pdf>
- Muller, R. C. O. (2005). *Artesanato regional: Casa do Massa Barro* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil. Recuperado de <https://silo.tips/download/rosangela-carla-de-oliveira-mller-artesanato-regional-casa-do-massa-barro>
- Nascimento, M., & Dellagnelo, E. H. L. (2018). Entre a obrigação e o prazer de criar: uma análise psicodinâmica do prazer-sofrimento no trabalho artístico. *Revista Eletrônica de Administração*, 24(2), 135-166. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.205.80531>
- Nascimento, M., Xavier, M. C., & Dellagnelo, E. H. L. (2018, agosto). Ninguém e nenhum trabalho é só prazer: uma análise psicodinâmica do sofrimento, defesas e patologias no trabalho artístico. *Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Curitiba, PR, Brasil, 5. Recuperado de <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/cbeo/anais2018/ARQUIVOS-resumos/GT13-104-85-20180517232330.pdf>
- Navarro, V. L., Maciel, R. H., & Matos, T. G. R. (2017). A questão do trabalho no Brasil: uma perspectiva histórica a partir do desenvolvimento industrial. In M. C. Coutinho., M. H. Bernardo., & L. Sato (Orgs.). *Psicologia Social do trabalho* (pp. 25-48). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, C. R. (2006). *História do trabalho* (5a ed.). São Paulo, SP: Ática.

- Organista, J. H. C. (2006). *O debate sobre a centralidade do trabalho*. São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Pereira, E. R. (2010). O circo, o rola-rola, o equilibrista: uma experiência estética. In A. V. Zanella., & K. Maheirie (Orgs.). *Diálogos em psicologia social e arte* (pp. 103-113). Curitiba, PR: Editora CRV.
- Platão. (1973). *A república*. São Paulo, SP: Difel.
- Pinto, G. A. (2013). *A organização do trabalho no século XX. Taylorismo, fordismo e toyotismo* (3ª ed.). São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Rocha, G. (2010). O circo no Brasil: estado da arte. *Bib*, 70(spe), 51-70, 2010. Recuperado de <https://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-70/823-o-circo-no-brasil-estado-da-arte/file>
- Rolon, M. R. (2010). A Escola de Artes Moinho Cultural Sul-Americano no contexto fronteiroço Brasil-Bolívia (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAN, Corumbá, MS, Brasil. Recuperado de <http://ppgefcpn.sites.ufms.br/files/2016/01/M%C3%A1rcia-Raquel-Rolon.pdf>
- Segnini, L. R. P. (2016). Música, dança e artes visuais: especificidades do trabalho artístico em discussão. In L. R. P. Segnini., & M. N. Bulloni (Orgs.). *Trabalho artístico e técnico na indústria cultural* (pp. 59-75). São Paulo, SP: Itáu Cultural.
- Segnini, M. P. (2010). *O sofrimento e prazer no trabalho artístico em dança* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, SP. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-20092010-165712/publico/MarinaPetrilliSegnini.pdf>
- Segnini, M. P., & Lancman, S. (2011). Sofrimento psíquico do bailarino: um olhar da psicodinâmica do trabalho. *Laboreal*, 7(1), 42-55. Recuperado de <https://doi.org/10.4000/laboreal.8185>
- Silva, E. (2008). Saberes circenses: ensino/aprendizagem em movimentos e transformações. In A. C. Bortoleto (Org.). *Introdução à pedagogia das atividades circenses* (pp.190-210). Jundiaí, SP: Fontoura.
- Silva, E., & Abreu, L. A. (2009). *Respeitável público: o circo em cena*. Rio de Janeiro, RJ: Funarte, 2009.
- Silveira, A. J., Fonseca, M. A. G., Paschoalin, S. M. (2013). Atividades circenses na educação física escolar. *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery*, 14(spe). Recuperado de <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDkw.pdf>
- Silva, N., & Tolfo, S. R. (2012). Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(3), 341-354. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000300008&lng=pt&tlng=pt.

- Sivieri, L. H. (2001). O trabalho sob o neoliberalismo. In A. M. P. Caniato., & E. A. Tomanik (Orgs.). *Compromisso social da psicologia* (pp. 156-170). Porto Alegre, RS: ABRAPSOSUL.
- Smith, A. (1996). *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural. (Obra original publicada em 1776)
- Souza, K. O., & Júnior, J. E. T. B. (2015). Todo dia é dia de festa: os sentidos e os significados do trabalho no contexto circense. In M. C. Coutinho., O. Furtado., & T. R. Raitz (Orgs.), *Psicologia social e trabalho: perspectivas críticas* (pp. 140-154). Florianópolis, SC: ABRAPSO.
- Sznelwar, L. (2011). Sobre estes textos da psicodinâmica do trabalho, algumas reflexões. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (F. Soudant, Trad., pp. 45-54). Brasília, DF: Paralelo 15/Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, SP: Atlas.
- Tolfo, S. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 38-46. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>
- Torres, A. (1998). *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Funarte, São Paulo, SP: Atração.
- Vásquez, A. S. (2010). *As ideias estéticas de Marx* (3a ed.). São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Werner, L., Girelli, S., & Dal Magro, M. L. P. (2017). Bem-vindos ao espetáculo: sentidos do trabalho para artistas circenses. *Revista de Ciências Humanas*, 51(2), 456-476. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n2p456>

Apêndices

Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada, “OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA INSTRUTORES DE ESCOLAS DE CIRCO DE CORUMBÁ E DOURADOS-MS”. O objetivo desta investigação será analisar os sentidos do trabalho para instrutores de atividades circenses dos municípios de Corumbá e Dourados-MS. A pesquisa será realizada pelo mestrando/pesquisador, Kleverson Bruno Gonzalez de Amorim, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Gabriela Rieveres Borges de Andrade. Justifica-se esta investigação pelo constante crescimento de espaços especializados na transmissão de saberes circenses, sendo, portanto, necessário investigar os sentidos do trabalho para os profissionais desta categoria. Espera-se que este estudo traga informações relevantes sobre o contexto de trabalho e trajetórias profissionais dos participantes do estudo, fornecendo dados importantes para novas pesquisas, tendo em vista que há poucos estudos sobre os sentidos do trabalho com a população pesquisada. Sua participação será em forma de entrevista individual, com duração de aproximadamente uma hora. A aplicação da entrevista pode envolver o risco de algum constrangimento, cabendo, neste caso, a opção de não responder as questões julgadas desconfortáveis e/ou que não queira. Entretanto, caso sejam identificados danos provenientes desta pesquisa, o participante tem assegurado o direito a ser assistido, indenizado e ressarcido de tais danos. Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Em todos os momentos de desenvolvimento da pesquisa o Sr. (a) terá autonomia para requerer quaisquer esclarecimentos referentes à pesquisa, bem como a liberdade no acompanhamento da mesma e ainda garantindo-lhe o direito em não querer divulgação de qualquer parte de seu relato e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Assim, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). Os dados da entrevista audiogravadas serão transcritos e ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos garantindo o sigilo e a privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Este registro de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Eu,....., declaro para os devidos fins que fui suficientemente informado(a) a respeito do protocolo de pesquisa em estudo e que li, ou que foram lidas para mim, as premissas e condições deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. **Concordo** em participar da pesquisa “Os Sentidos do Trabalho para Instrutores de Escolas de Circo de Corumbá e Dourados-MS” proposta por intermédio das condições aqui expostas e a mim apresentadas pelos pesquisadores. **Declaro** ainda que ficaram suficientemente claros para mim os propósitos dos estudos, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade científica e de liberdade, quanto à minha participação, de isenção de despesas e/ou compensações, a garantia de esclarecimentos permanentes, bem como recebi uma via original deste registro de consentimento livre e esclarecido. **Autorizo** que os dados fornecidos sejam revelados para fins exclusivamente científicos, a fim de configurar os objetivos da pesquisa. **Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa ciente de que não serão divulgados nomes e dados pessoais dos participantes.**

_____ MS, _____ de _____ de 2020.

Participante da Pesquisa

Pesquisador

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) **Número do Parecer: 3.749.889**. O CEP-UFGD é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Participante da Pesquisa

Pesquisador

Apêndice B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- IDENTIFICAÇÃO:

- 1- Nome: 2- Sexo: 3- Idade: 4- Estado Civil: 5- Escolaridade: 6- Tempo de trabalho na instituição: 7- Carga horária diária de trabalho:

2- ORGANIZAÇÃO/PROCESSO DE TRABALHO:

- 2- Há quanto tempo e como foi que você iniciou o trabalho como instrutor (a) de atividades circenses?
- 3- Conte-me sobre as atividades que realiza. Você se identifica com essas atividades? Se sente satisfeito com elas?
- 4- Como é realizada a divisão do trabalho/tarefas entre os instrutores de atividades circenses? Tem reuniões?
- 5- Existem metas/prazos a serem atingidas no seu trabalho? Se sim, quais?
- 6- Você tem autonomia/liberdade para realizar o seu trabalho?
- 7- Qual é o tipo de contrato de trabalho? Seu salário é fixo ou variável? Você recebe algum benefício? Realiza outras atividades para complementar a renda?
- 8- Fale-me sobre suas condições de trabalho: Iluminação; Equipamentos, Materiais etc.
- 9- Quais as condições de segurança no Espaço? Existe algum risco de acidente?
- 10- Você já se machucou durante a realização das atividades e/ou ensino?
- 11- Fale-me sobre sua relação com os seus colegas de trabalho. Você tem liberdade para falar do seu trabalho com eles?
- 12- Conte-me como é a sua relação com seus alunos e quais dificuldades você enfrenta no processo de ensino-aprendizagem?

3- OUTROS ASPECTOS SOBRE O TRABALHO:

- 1- O que é ser instrutor (a) de atividades circenses?
- 2- O que você mais gosta e menos gosta no seu trabalho?
- 3- Quais aspectos você considera positivos e negativos no trabalho como instrutor (a) de atividades circenses?
- 4- Você considera o seu trabalho importante? Por quê?
- 5- Para você as pessoas (amigos, familiares, alunos) reconhecem o valor do seu trabalho? Por quê?
- 6- O que você espera para o seu futuro profissional, quais suas expectativas?

Você tem algum comentário sobre a entrevista?
OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!